

**A RELAÇÃO CONJUGAL NA TRANSIÇÃO PARA A PARENTALIDADE: DA
GESTAÇÃO AO SEGUNDO ANO DE VIDA DO BEBÊ**

Clarissa Corrêa Menezes

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em
Psicologia sob a orientação da
Profa. Dra. Rita de Cássia Sobreira Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento
Outubro de 2001

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, às três pessoas mais importantes da minha vida, cujo apoio e amor mostraram-se incondicionais e fundamentais no percurso de construção deste trabalho: meu noivo, Leandro e meus pais, Tamar e Amaury. Com Leandro, aprendi sobre o tema trabalhado nessa dissertação: a conjugalidade. Com meus pais, aprendi sobre a família, enfoque central desse estudo.

Também agradeço à minha irmã, Débora, pela amizade e pelo companheirismo em todos os momentos e ao meu irmão, Maurício, pela presença constante, com a qual sei que sempre vou poder contar.

Agradeço, também, à minha orientadora, professora Rita de Cássia Sobreira Lopes, pelo conhecimento transmitido e pela dedicação e disponibilidade oferecidas durante esses dois anos de convivência e de construção dessa dissertação.

Também ofereço meu agradecimento ao professor César Augusto Piccinini, coordenador do grupo de pesquisa a que este trabalho está vinculado, por sua competência e pelo auxílio freqüente na execução desse estudo.

Aos colegas do grupo de pesquisa e do programa de pós-graduação dessa instituição agradeço o apoio e a ajuda oferecida em todos os momentos. Em especial, gostaria de agradecer à Cátia Nunes Corrêa, à Daniela Schwengber e à Elisa Kern de Castro, que conheci durante a realização do mestrado e que se tornaram grandes e amigas.

Às estudantes de graduação, que me auxiliaram de forma fundamental e competente na execução e concretização desse trabalho, Carolina Mousquer Lima e Priscilla Machado de Souza, meus agradecimentos.

Por fim, meus sinceros agradecimentos às famílias que participaram dessa pesquisa, contribuindo, voluntariamente, para o desenvolvimento do conhecimento em Psicologia.

SUMÁRIO

Sumário de Figuras	6
Resumo	7
Abstract	8
Capítulo	
I - INTRODUÇÃO	9
1.1. Apresentação	9
1.2. Sistema Familiar	10
1.3. Comunicação na Família	14
1.4. Ciclo de Vida da Família	17
1.5. Construção da Conjugalidade	20
1.6. Construção da Parentalidade	25
1.7. Repercussões do Nascimento do Primeiro Filho na Relação Conjugal	29
1.8. Considerações Teórico-Methodológicas e Objetivos do Trabalho	37
II - MÉTODO	40
2.1. Participantes	40
2.2. Delineamento e Procedimentos	41
2.3. Instrumentos	42
III - RESULTADOS	44
3.1. Caso 1: casal Taís e Lucas	46
3.1.1. A História do Casal	46
3.1.2. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas na Gestação	46
3.1.3. O Casal no Terceiro Mês de Vida do Bebê	47
3.1.4. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Terceiro Mês de Vida do Bebê	48
3.1.5. O Casal no Oitavo Mês de Vida do Bebê	49
3.1.6. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Oitavo Mês de Vida do Bebê	50
3.1.7. O Casal no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê	51
3.1.8. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê	52
3.1.9. O casal no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê	53
3.1.10. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê	54
3.2. Caso 2: casal Aline e Vitor	55
3.2.1. A História do Casal	55
3.2.2. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas na Gestação	56
3.2.3. O Casal no Terceiro Mês de Vida do Bebê	57
3.2.4. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Terceiro Mês de Vida do Bebê	58
3.2.5. O Casal no Oitavo Mês de Vida do Bebê	59
3.2.6. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Oitavo Mês de Vida do Bebê	61
3.2.7. O Casal no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê	62

3.2.8. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê.....	63
3.2.9. O Casal no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê.....	64
3.2.10. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê.....	64
3.3. Caso 3: casal Camila e Júlio.....	65
3.3.1. A História do Casal.....	65
3.3.2. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas na Gestação.....	66
3.3.3. O Casal no Terceiro Mês de Vida do Bebê.....	67
3.3.4. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Terceiro Mês de Vida do Bebê.....	68
3.3.5. O Casal no Oitavo Mês de Vida do Bebê.....	69
3.3.6. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Oitavo Mês de Vida do Bebê.....	70
3.3.7. O Casal no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê.....	70
3.3.8. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê.....	72
3.3.9. O Casal no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê.....	72
3.3.10. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê.....	73
3.4. Caso 4: casal Rosa e Luiz.....	74
3.4.1. A História do Casal.....	74
3.4.2. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas na Gestação.....	75
3.4.3. O Casal no Terceiro Mês de Vida do Bebê.....	76
3.4.4. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Terceiro Mês de Vida do Bebê.....	77
3.4.5. O Casal no Oitavo Mês de Vida do Bebê.....	78
3.4.6. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Oitavo Mês de Vida do Bebê.....	79
3.4.7. O Casal no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê.....	80
3.4.8. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê.....	81
3.4.9. O Casal no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê.....	82
3.4.10. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê.....	83
3.5. Caso 5: casal Michele e Walter.....	84
3.5.1. A História do Casal.....	84
3.5.2. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas na Gestação.....	86
3.5.3. O Casal no Terceiro Mês de Vida do Bebê.....	87
3.5.4. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Terceiro Mês de Vida do Bebê.....	88
3.5.5. O Casal no Oitavo Mês de Vida do Bebê.....	88
3.5.6. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Oitavo Mês de Vida do Bebê.....	89
3.5.7. O Casal no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê.....	90

3.5.8. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê.....	92
3.5.9. O Casal no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê.....	93
3.5.10. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê.....	94
IV - DISCUSSÃO.....	95
4.1. A Relação Conjugal na Transição para a Parentalidade: Aspectos Singulares dos Casos Estudados.....	95
4.1.1. Casal 1.....	95
4.1.2. Casal 2.....	102
4.1.3. Casal 3.....	108
4.1.4. Casal 4.....	111
4.1.5. Casal 5.....	115
4.2. A Relação Conjugal na Transição para a Parentalidade: Aspectos Comuns dos casos Estudados.....	120
4.3. Considerações Finais.....	124
REFERÊNCIAS.....	127
ANEXOS.....	131

SUMÁRIO DE FIGURAS

Figura 1 - Forma da Comunicação do casal na Gestação (caso 1).....	47
Figura 2 - Forma da Comunicação do casal no 3º Mês (caso 1).....	48
Figura 3 - Forma da Comunicação do casal no 8º Mês (caso 1).....	51
Figura 4 - Forma da Comunicação do casal no 12º Mês (caso 1).....	53
Figura 5 - Forma da Comunicação do casal no 18º Mês (caso 1).....	54
Figura 6 - Forma da Comunicação do casal na Gestação (caso 2).....	57
Figura 7 - Forma da Comunicação do casal no 3º Mês (caso 2).....	59
Figura 8 - Forma da Comunicação do casal no 8º Mês (caso 2).....	61
Figura 9 - Forma da Comunicação do casal no 12º Mês (caso 2).....	63
Figura 10 - Forma da Comunicação do casal no 18º Mês (caso 2).....	65
Figura 11 - Forma da Comunicação do casal na Gestação (caso 3).....	66
Figura 12 - Forma da Comunicação do casal no 3º Mês (caso 3).....	68
Figura 13 - Forma da Comunicação do casal no 8º Mês (caso 3).....	70
Figura 14 - Forma da Comunicação do casal no 12º Mês (caso 3).....	72
Figura 15 - Forma da Comunicação do casal no 18º Mês (caso 3).....	74
Figura 16 - Forma da Comunicação do casal na Gestação (caso 4).....	76
Figura 17 - Forma da Comunicação do casal no 3º Mês (caso 4).....	78
Figura 18 - Forma da Comunicação do casal no 8º Mês (caso 4).....	80
Figura 19 - Forma da Comunicação do casal no 12º Mês (caso 4).....	82
Figura 20 - Forma da Comunicação do casal no 18º Mês (caso 4).....	83
Figura 21 - Forma da Comunicação do casal na Gestação (caso 5).....	86
Figura 22 - Forma da Comunicação do casal no 3º Mês (caso 5).....	88
Figura 23 - Forma da Comunicação do casal no 8º Mês (caso 5).....	90
Figura 24 - Forma da Comunicação do casal no 12º Mês (caso 5).....	92
Figura 25 - Forma da Comunicação do casal no 18º Mês (caso 5).....	94

RESUMO

Segundo o referencial teórico familiar sistêmico, a transição para a parentalidade demarca uma das mais intensas mudanças do ciclo de vida da família. O presente estudo teve como objetivo central analisar a relação conjugal, durante a transição para a parentalidade, a partir de dois enfoques: a avaliação que cada casal faz de sua relação nos diferentes momentos da transição e a interação comunicacional que estabelece durante as entrevistas conjuntas. Foi realizado um *estudo de casos coletivo* (Stake, 1994), longitudinal, que abrangeu cinco etapas: o último trimestre de gestação e o terceiro, o oitavo, o décimo-segundo e o décimo-oitavo mês de vida do bebê. Em cada etapa, foram realizadas entrevistas conjuntas com os casais. A amostra foi composta por cinco casais adultos, com idades entre 20-40 anos, que esperavam seu primeiro filho. A análise dos dados foi realizada a partir das análises qualitativa e quantitativa de conteúdo (Laville & Dionne, 1999). Os resultados deste estudo apontam que um fator central para a compreensão da conjugalidade na transição para a parentalidade é a qualidade da relação conjugal estabelecida antes da transição. Constatou-se que os três casais que apresentavam um envolvimento afetivo antes do nascimento do primeiro filho mantiveram esta condição após a transição. Esses casais mencionaram aspectos positivos da transição e conseguiram organizar sua rotina de forma a preservar um tempo para estarem a sós. Os pais mostraram-se envolvidos com sua função paternal, bem como as mães com sua função maternal. A interação comunicacional teve um aumento das categorias de apoio e uma diminuição das de não-apoio e de conflito à medida que a transição se desenrolou. Diferentemente, os dois casais que mostraram um distanciamento afetivo antes mostraram também um distanciamento depois da transição. Eles referiram apenas mudanças negativas em função da transição e não conseguiram dedicar um tempo para ficarem a sós. Nesses casais, os homens mostraram-se ausentes e pouco envolvidos com a paternidade, o que não ocorreu com as mulheres. A interação comunicacional compreendeu uma diminuição das trocas de fala de apoio, e um aumento das de conflito e de não-apoio à medida que as entrevistas se desenrolaram. As conclusões deste estudo, apesar de não serem passíveis de generalização, mostram-se relevantes tanto para a área da Psicologia do Desenvolvimento, como para a da Psicologia Clínica, no atendimento a casais.

ABSTRACT

From a family systems theory perspective, the transition to parenthood is one of the most intensive changes in the family life cycle. The main aim of the present study was to analyze the marital relationship, during the transition to parenthood, from two perspectives: each couple's evaluation of their relationship in the different moments of the transition and the communicational interaction sustained during the interviews. It consisted of a longitudinal, *collective case study* (Stake, 1994), which comprised five moments: the last trimestre of pregnancy and the third, the eighth, the twelfth and the eighteenth month of the baby. In each moment, joint interview were carried out with the couples. The sample was composed of five adult couples, with ages ranging from 20-40, who were expecting their first child. The data analysis was carried out through qualitative and quantitative content analysis (Laville & Dionne, 1999). The results of the study shows that a central factor for understanding marital relationship in the transition to parenthood is the quality of the marital relationship established before the transition. It was found that the three couples who had an affective involvement before the birth of the first child maintained this proximity after the transition. Those couple mentioned positive aspects of the transition were able to have time for being alone as a couple. The fathers were involved in their paternal function, as well as the mothers in their maternal functions. The communicational interaction of these couples had an increase of the support categories and a decrease of the non-support and conflict categories. Differently, the two couples who showed an affective distance before also showed it after the transition. They mentioned only negative changes with the transition and did not have time for being alone as a couple. In these couples men, unlike women, were not involved as fathers. The communicative interaction had a decrease in the support categories and an increase in the non-support and conflict categories. Even though the conclusions of this study cannot be generalized, they are relevant not only for the area of Developmental Psychology, but also for clinical work with couples.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação

A partir da perspectiva familiar sistêmica, considera-se que as famílias passam por diversas etapas em seu ciclo de vida. Cada etapa se caracteriza pela presença de diferentes desafios e tarefas para o sistema familiar, bem como pela existência de distintos padrões de interação e de comunicação entre os membros da família.

A transição para a parentalidade é uma das maiores mudanças por que o sistema familiar pode passar. É o momento em que os cônjuges, antes apenas um casal, tornam-se pais, progenitores de uma nova família. O momento de tal passagem é extremamente delicado e envolve inúmeros fatores, internos e externos ao sistema familiar. Cada casal vai desenvolver determinados padrões de interação, tanto comportamental quanto comunicacional, neste momento de vida. Este processo ocorre tanto com relação aos aspectos conjugais, como com relação às novas funções parentais, em construção.

A proposta do presente estudo é compreender como a transição para a parentalidade repercute na relação conjugal. Acredita-se que, logo no início do nascimento do bebê, tanto a mulher quanto o homem estão muito voltados para suas “novas” funções de pais. Desta forma, a conjugalidade, antes sua função central no sistema familiar nuclear, passa a coexistir com a parentalidade. Haverá, então, o estabelecimento de novos padrões de interação e essa transformação ocorrerá para que o sistema possa se desenvolver adequadamente e responder às demandas decorrentes da transição, promovendo o desenvolvimento individual de todos os membros da família e do sistema familiar.

Para alcançar os objetivos propostos nesta investigação, revisar-se-ão alguns pressupostos centrais da Teoria Familiar Sistêmica e, mais especificamente, algumas questões referentes à comunicação na família. Posteriormente, o conceito de ciclo de vida familiar será desenvolvido, bem como as fases da construção da conjugalidade e da construção da parentalidade. Finalmente, apresentar-se-ão as questões teóricas e os achados empíricos sobre as repercussões do nascimento do primeiro filho na relação conjugal, tema deste trabalho.

1.2. Sistema Familiar

O modelo sistêmico de entendimento do indivíduo, que se desenvolveu nos anos cinquenta, parte do pressuposto de que o ser humano não está isolado, mas faz parte e sofre influências constantes do meio social em que está inserido. Sua experiência é determinada por sua interação constante com o ambiente. Neste sentido, o meio familiar, o primeiro com o qual os indivíduos têm contato, tornou-se o foco central desta abordagem na compreensão do desenvolvimento e do comportamento humano.

Desde o início de sua existência, o homem vive em grupos e esta é uma condição inerente ao ser humano, além de ser uma necessidade para a sua sobrevivência. Apesar disso, os agrupamentos humanos variam, em seu nível de organização e diferenciação, de cultura para cultura. Historicamente, as sociedades primitivas caracterizavam-se por serem grandes agrupamentos, com uma distribuição estável de funções. À medida que as sociedades foram se tornando mais complexas, estruturas societárias passaram a ser diferenciadas. Foi quando surgiu a família, como a entendemos contemporaneamente.

A família nuclear contemporânea vem sofrendo inúmeras modificações, as quais correspondem a mudanças por que a sociedade mais ampla está passando. Segundo Minuchin (1982), ao longo da história a família tem assumido ou renunciado às funções de proteção e socialização de seus membros, em resposta às necessidades da cultura. A família nuclear, padrão ocidental, é uma construção relativamente recente. Os conceitos com relação às funções e aos padrões de interação familiar se modificam à medida que o meio social o faz. Minuchin (1982) acredita que, atualmente, o mundo ocidental está passando por um estado de transição e a família, que sempre deve se acomodar à sociedade, está se transformando também. Percebe-se, portanto, que, em seu entendimento, a mudança se desloca da sociedade para a família, ou seja, da unidade maior para a menor.

Para Minuchin (1982), ainda, a família nuclear contemporânea é um fator altamente significativo no processo de desenvolvimento do indivíduo. Caracteriza-se por ser um grupo social natural, o qual governa as respostas de seus membros entre si e com o meio externo. Sua organização, sua estrutura e os padrões interacionais desenvolvidos selecionam e qualificam as experiências de seus componentes.

Para que se possa compreender melhor em que se fundamenta a concepção sistêmica de entendimento dos indivíduos e das famílias é necessário retomar alguns aspectos da Teoria

Geral dos Sistemas, desenvolvida inicialmente por Von Bertalanffy (1972), e da ramificação dessa teoria, a cibernética (Calil, 1987).

A partir das conceitualizações de Von Bertalanffy (1972) a respeito da Teoria Geral dos Sistemas, a família, o primeiro meio social em que o indivíduo é inserido, foi compreendida como um sistema aberto e total. Assim, está em constante troca com o meio, num fluxo recíproco de informações, energia e material. Sua tendência a funcionar como um sistema total implica o fato de que as ações e os comportamentos de cada um dos membros influenciam e são, simultaneamente, influenciados pelos comportamentos de todos os outros. Desta forma, um sistema familiar não é apenas um conjunto de elementos independentes, mas um todo coeso, inseparável e interdependente (Calil, 1987).

As propriedades dos sistemas abertos, consideradas por Calil (1987) como fundamentais para a compreensão da organização e do funcionamento das famílias, são a *globalidade* e a *retroalimentação*. Através da primeira, entende-se que todas as partes do sistema estão relacionadas, de forma que a mudança em uma delas provoca modificação nas demais e, conseqüentemente, no sistema total. A *retroalimentação* refere-se à união das partes do sistema através de uma relação circular, sendo que o comportamento de cada um afeta e é afetado pelo comportamento dos demais membros do sistema, através de constantes respostas retroalimentativas.

A partir da concepção sistêmica, não há uma causalidade linear para explicar causa e efeito dos fenômenos, mas sim uma circularidade causal, em que todos os elementos envolvidos em um dado processo movem-se juntos, influenciando-se, mutuamente, através de constantes *feedbacks* interacionais. É a Teoria Geral dos Sistemas que formula, portanto, que não há uma ordem clara e nítida entre causa e efeito, a não ser que seja imposta artificialmente.

Através da cibernética pode-se compreender melhor as propriedades de retroalimentação e de circularidade do sistema familiar. Deve-se a Bateson (1972) a introdução de conceitos da cibernética no entendimento das interações nas famílias. Em sua perspectiva, cada família é capaz de desenvolver formas específicas de transações, isto é, de padrões de interação repetitivos que garantem a organização do sistema. Essas formas padronizadas de se comportar na família são governadas por regras, verbalizadas e não-verbalizadas, originadas nas vivências individuais do casal que formou cada família.

A família é um sistema que se auto-governa através de regras, que definem o que é permitido e o que não é permitido. É em torno dessas regras que o sistema se estabiliza e se

equilibra. Todos os sistemas familiares têm a tendência a oferecer resistência à mudança, a fim de manter, tanto quanto possível, os seus padrões de funcionamento, a sua homeostase. O mecanismo utilizado pela família para a manutenção e restabelecimento da homeostase é denominado retroalimentação negativa, ou *feedback* negativo. Este é utilizado quando há a ameaça de qualquer desvio que vai além da tolerância da família, com o objetivo de restabelecer os padrões usuais de funcionamento. De outra forma, ao lado da necessidade de se manter estável, a estrutura familiar precisa também se adaptar às mudanças desenvolvimentais e às transformações impostas pelo meio. O mecanismo que leva o sistema familiar à transformação de seus padrões de interação é o *feedback* positivo.

Homeostase e transformação são os processos básicos de manutenção do sistema familiar e podem ocorrer para promover o desenvolvimento funcional ou disfuncional da família. Se uma família, por exemplo, precisa passar por transformações em suas transações, pois um filho se torna adolescente e o sistema familiar tem uma tolerância muito limitada à mudança, *feedbacks* negativos serão utilizados com a função de manter a homeostase do sistema, o que o impedirá de se desenvolver de forma adequada e funcional (Calil, 1987).

Minuchin (1982) acredita que toda a família corresponde a mudanças internas e externas e deve ser capaz de transformar-se. Assim, deve atender às novas circunstâncias, sem perder a continuidade, a qual proporciona um esquema de referência para seus membros. Portanto, a família deve oscilar adequadamente entre mecanismos de manutenção da homeostase e mecanismos de transformação.

Segundo Nichols e Schwartz (1998), existem alguns conceitos que são centrais na perspectiva sistêmica e perduram desde o período inicial até a atualidade. Para esses autores, um desses conceitos é o de “contexto familiar”. Esse é um dos fatores mais importantes a serem considerados quando se pensa em família. No entendimento sistêmico, as forças dominantes no desenvolvimento da personalidade individual estão localizadas nas interações do sistema familiar. Portanto, cada indivíduo é produto de seu contexto social e todas as tentativas de compreendê-lo devem incluir suas famílias.

Outro aspecto relevante no entendimento de Nichols e Schwartz (1998) é referente à estrutura familiar. O campo da teoria sistêmica baseou-se nos conceitos metafóricos de subsistemas e fronteiras para compreender a estrutura das famílias. Foi Minuchin (1982) quem desenvolveu o conceito de estrutura familiar de forma mais intensa. Segundo ele, a estrutura familiar é um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem. Cada família caracteriza-se por ser um sistema que opera

através de padrões transacionais, padrões de como, quando e com quem se relacionar. São estes padrões de interação que regulam o comportamento dos membros da família, fazendo com que o sistema mantenha sua estrutura e seu funcionamento.

Os processos interacionais existem dentro de cada sistema e entre este e todos os níveis de organização social. Desta forma, o sistema familiar nuclear participa de um processo de influências recíprocas com outros sistemas humanos, como a família extensa, o ambiente de trabalho e o escolar, por exemplo. Também a família nuclear possui a sua própria suborganização - os *subsistemas* - através dos quais diferencia e leva a cabo suas funções. Cada subsistema possui tarefas e padrões de interação específicos dentro da família. Alguns exemplos são o subsistema parental, o conjugal e o fraterno. Um indivíduo pode pertencer a diferentes subsistemas, nos quais terá distintos níveis de poder e aprenderá habilidades variadas. É a organização dos subsistemas de uma família que fornece o treinamento valioso no processo de manutenção da noção de “eu” diferenciado, ao mesmo tempo em que proporciona o exercício de habilidades interpessoais em diversos níveis para cada indivíduo (Minuchin, 1982).

Cada família, individualmente, tem uma organização e uma estrutura específicas, dependendo da forma como seus subsistemas interagem entre si e com os sistemas comunitários. Estas interações se dão nos limites ou fronteiras de cada subsistema, que são as regras que definem quem participa dos mesmos e como deve fazê-lo. Estas delimitações também existem no que se refere às interações com os outros subsistemas (Minuchin, 1982).

Para Calil (1987), o estado ideal das fronteiras entre os subsistemas é a *semipermeabilidade*, que permite trocas, mas também garante a diferenciação dos subsistemas e dos membros que os compõem. No entendimento de Minuchin (1982), todas as famílias são concebidas, com relação às suas fronteiras, como incidindo em algum lugar ao longo de um *continuum*, cujos pólos são os dois extremos de fronteiras difusas (emaranhamento) e fronteiras excessivamente rígidas (desligamento). A localização em algum dos extremos pode indicar áreas de possível patologia no sistema familiar.

Além desses conceitos, Nichols e Schwartz (1998) também salientam que uma das premissas centrais da teoria familiar sistêmica é a de que a patologia individual não é necessariamente negativa. Os sintomas individuais fazem sentido quando vistos à luz de seus contextos familiares e podem servir, muitas vezes, a uma função dentro dos sistemas a que pertencem. Na maioria das vezes, a função do sintoma nas famílias é manter a homeostase.

Nichols e Schwartz (1998) ainda referem outra idéia importante na compreensão dos sistemas familiares: a de ciclo vital familiar. Todas famílias se desenvolvem com o passar do tempo, à medida que entram e saem de diferentes estágios do seu ciclo de vida. Essa questão foi bastante desenvolvida por alguns teóricos sistêmicos, como Carter e McGoldrick (1995). A incapacidade de uma família passar com sucesso por um dos estágios previsíveis do ciclo vital familiar pode gerar dificuldades e até patologias. Nos momentos de transição de um estágio para outro, a família pode, portanto, ou se desenvolver ou se paralizar. O conceito de ciclo de vida familiar será desenvolvido de forma mais aprofundada em um dos tópicos seguintes deste estudo.

Por fim, outra questão relevante para o campo conceitual da teoria familiar sistêmica é que as interações de uma família não se devem simplesmente aos comportamentos atuais, mas se desenvolvem durante muitas gerações. Existem, assim, padrões de interação que são transmitidos transgeracionalmente, de forma considerada “vertical”.

Desta forma, as interações que ocorrem entre os indivíduos em cada subsistema, entre este e os demais e entre as diferentes gerações de uma família são manifestadas através da comunicação entre as pessoas. Essa comunicação pode ser verbal ou não-verbal, mas é inerente à interação familiar. Como a interação na família e, mais especificamente, a interação comunicacional estabelecida pelos casais é um dos focos do presente estudo, desenvolver-se-ão, de forma mais aprofundada, alguns conceitos centrais da Teoria da Comunicação Humana. Esta teoria é, também, uma das principais referências da Teoria Familiar Sistêmica.

1.3. Comunicação na Família

Uma das dimensões fundamentais para a compreensão da Teoria Familiar Sistêmica é referente à Teoria da Comunicação Humana, elaborada com base em pesquisas desenvolvidas por Bateson, Jackson, Haley e Weakland (1956) e por Watzlawick, Beavin e Jackson (1971). Estes autores chegaram à conclusão de que não existe uma mensagem simples e única na comunicação humana. Ao se comunicar, as pessoas estão constantemente enviando e recebendo uma multiplicidade de mensagens, tanto através de canais verbais quanto de canais não-verbais. Estas mensagens vão modificar, ou capacitar, umas às outras.

A partir da percepção da importância da comunicação nas interações humanas, Bateson e cols. (1956) desenvolveram a teoria de que a comunicação, como sistema, não pode ser entendida como um simples modelo de ação e reação. Deve ser compreendida, isto sim, em

um nível transacional. Conseqüentemente, quando há perturbações na comunicação de um sistema interacional, pode haver, em decorrência, dificuldades de relacionamentos entre os indivíduos e até mesmo o desenvolvimento de psicopatologias.

Estes autores apresentaram uma teoria da esquizofrenia baseada na análise das comunicações dos indivíduos. A partir de sua teoria e de inúmeras observações, descreveram a situação de *duplo vínculo*, considerada como um dos fatores desencadeantes de patologias psicológicas. Dentro desta perspectiva, as patologias seriam resultado de padrões sequenciais característicos de interações patológicas. As características necessárias, segundo os autores, para que exista uma situação de duplo vínculo são as seguintes: duas ou mais pessoas; uma experiência repetida; um mandato primário negativo; um mandato secundário que está em conflito com o primeiro em um nível mais abstrato e que, da mesma forma, está reforçado por castigos ou sinais que anunciam um perigo; e um mandato negativo terciário que proíbe à vítima escapar do campo (Bateson e cols., 1956). De acordo com o enfoque destes autores, a esquizofrenia implica certos princípios gerais que são importantes em toda a comunicação e que podem ser encontrados também em situações “normais” de comunicação.

A Pragmática da Comunicação Humana, que foi desenvolvida, posteriormente, por Watzlawick e cols. (1971), apresenta cinco axiomas centrais. Segundo os autores, estes axiomas são heterogêneos entre si, uma vez que foram extraídos de uma vasta gama de observações sobre os fenômenos da comunicação. Os axiomas não foram unificados por suas origens, mas por sua importância pragmática, a qual assenta em sua referência interpessoal e não monádica. O primeiro axioma refere-se à impossibilidade de não se comunicar, uma vez que toda conduta, em situação de interação, tem valor de mensagem. Desta forma, todas as situações de duas ou mais pessoas são interpessoais e comunicativas. O segundo axioma refere-se ao fato de que toda comunicação tem um nível de conteúdo e um nível de relação. O terceiro, de que a natureza de uma relação depende da pontuação das seqüências de comunicação. O quarto axioma é relativo à existência de comunicação nas formas digital (arbitrária) e analógica (similar ao objeto). A importância pragmática dos modos digital e analógico não reside no seu hipotético isomorfismo com o conteúdo e a relação, mas na inevitável e significativa ambigüidade que tanto o emissor quanto o receptor enfrentam nos problemas de tradução de um modo para outro. Por fim, o quinto axioma desta teoria considera que todos os intercâmbios comunicacionais são simétricos ou complementares, estando baseados na igualdade ou na diferença, respectivamente. Segundo os autores, o paradigma simetria-complementaridade é o que mais se aproxima do conceito matemático de

função, sendo as posições dos indivíduos variáveis com uma infinidade de valores possíveis e cujo significado não é absoluto, mas se manifesta unicamente em relação de reciprocidade.

Dos cinco axiomas apresentados por Watzlawick e cols. (1971), enfoca-se, de forma especial neste trabalho, o segundo, referente aos aspectos de conteúdo e de relação na comunicação humana. A comunicação não apenas transmite informação mas, ao mesmo tempo, impõe um comportamento. Segundo Bateson e cols. (1956) essas duas operações acabam sendo conhecidas como os aspectos de *relato* e de *ordem*, respectivamente, de qualquer comunicação.

O aspecto relato de uma mensagem transmite informação e, assim, é sinônimo, na comunicação humana, de conteúdo da mensagem. Pode referir-se a qualquer coisa que seja comunicável, independente de ser verdadeira ou falsa, válida ou inválida.

O aspecto ordem, de outra forma, refere-se à espécie de mensagem e como esta deve ser considerada. Assim, diz respeito às relações entre os comunicantes. Segundo Watzlawick e cols. (1971) todas essas definições de relação envolvem uma ou várias das seguintes asserções: “isso é como eu vejo”, “isso é como eu vejo você”, “isso é como eu vejo que você me vê”, etc, numa regressão teoricamente infinita.

Entretanto, estes autores salientam que a relação só raramente é definida deliberada e conscientemente. Quanto mais espontânea e saudável é uma relação, mais o aspecto relacional da comunicação recua para um segundo plano. Diferentemente, as relações “doentes” são caracterizadas por uma constante luta sobre a natureza das relações, tornando cada vez menos importante o aspecto de conteúdo da comunicação. Dentro do nível de relação, uma comunicação pode ter três tipos de respostas consideradas importantes para a pragmática da comunicação. Estas respostas podem ser as seguintes: *confirmação*, quando há aceitação da comunicação emitida pelo outro; *rejeição*, que pressupõe, pelo menos, o reconhecimento limitado do que está sendo rejeitado e, assim, não há a negação da realidade do outro; e *desconfirmação*, quando o outro é ignorado, sem haver o interesse pela verdade ou falsidade do que foi comunicado, havendo a negação da realidade do outro.

O importante, salientam os autores, é a relação existente entre o conteúdo (relato) e a relação (ordem) da comunicação. O primeiro aspecto transmite os “dados” da comunicação e o segundo, como essa comunicação deve ser entendida. O aspecto relacional da comunicação, sendo uma comunicação sobre uma comunicação, é semelhante ao conceito de metacomunicação. A capacidade de metacomunicar adequadamente é uma condição essencial

da comunicação bem sucedida e está ligada ao problema da consciência do eu e dos outros (Watzlawick e cols., 1971).

As confusões ou contaminações entre os níveis de conteúdo e de relação podem resultar em impasses patológicos e paradoxais aos indivíduos. Elas podem fornecer um bom quadro de referência para o estudo dos distúrbios comunicacionais. O desacordo pode surgir no nível de conteúdo ou no de relação. O desacordo no nível de relação é pragmaticamente mais importante do que a discordância ao nível do conteúdo. Isto ocorre porque os indivíduos, no nível de relação, não comunicam sobre fatos situados fora de suas relações, mas oferecem mutuamente definições dessa relação e, por implicação, de si próprios.

Com relação à simetria ou complementaridade na comunicação, Watzlawick e cols. (1971) também sublinham que nenhuma dessas formas é intrinsecamente “boa” ou “má”, “normal” ou “anormal”. Em seu entendimento, são dois conceitos que se referem a duas categorias básicas em que todas as permutas comunicacionais podem ser divididas. Tanto a simetria como a complementaridade tem funções importantes. Nas relações saudáveis, ambas devem estar presentes, embora em mútua alternância ou em operação em diferentes áreas.

A partir de todos os aspectos mencionados a respeito da compreensão dos sistemas familiares e da comunicação humana, acredita-se que os padrões de interação de cada família e de cada subsistema familiar são diferentes, dependendo do momento que o sistema está vivendo. Desta forma, ressalta-se a importância de se entender a comunicação estabelecida por cada casal nos estágios específicos do ciclo de vida que estão. Assim, uma família que passa pela transição para a parentalidade tem padrões de interação e de comunicação diferentes de outra que vive a passagem de seus filhos para a adolescência. Em função da dimensão que tal aspecto tem dentro do entendimento sistêmico e do interesse específico por uma das fases do ciclo de vida da família - o nascimento do primeiro filho – analisar-se-á, em seguida, o conceito de ciclo de vida familiar.

1.4. Ciclo de Vida da Família.

De acordo com Carter e McGoldrick (1995), vários teóricos trabalharam com o conceito de ciclo de vida familiar e o dividiram em diferentes estágios. Solomon (1973) foi um dos primeiros terapeutas a discutir esta questão e delineou tarefas para um ciclo composto por cinco estágios. Duvall (1977), que tem uma das análises mais aceitas sobre o tema, definiu o desenvolvimento da família normal separando o ciclo de vida familiar em oito estágios,

referentes a eventos nodais relacionados aos afastamentos e às aproximações dos membros da família. Este autor enfatizou o conceito de “espiral geracional”, que diz respeito à interdependência dos membros das famílias através do tempo. Anteriormente, Rogers (1960) apresentara um extenso esquema que incluía vinte e quatro estágios vitais da família. Hill (1970) desenvolveu o conceito de “ponte geracional” entre as gerações mais velhas e as mais novas e considerou que a família passa pelos seguintes estágios: encontro do casal, a novidade de ser pais, a família com filhos pequenos, a família com filhos em idade escolar, a família com filhos adolescentes, a família com filhos jovens, a família como centro de desapego – os filhos se casam e deixam o círculo familiar, a família que não tem mais controle sobre os filhos e a família depois da aposentadoria. Combrink-Graham (1985), que também trabalhou com o tema, sugeriu que há oscilações entre períodos centrípetos e centrífugos no desenvolvimento da família.

Carter e McGoldrick (1995) trabalham com a noção de ciclo de vida familiar em termos do relacionamento transgeracional na família. Esta perspectiva ocupa-se com o curso que a família seguiu em seu passado, com as tarefas que está tentando dominar no presente e com o futuro para o qual se dirige. As autoras acreditam que a família é um sistema que se move através do tempo e que enfrenta, desta forma, várias dificuldades em seu percurso. A família é mais do que a soma de suas partes e o ciclo de vida individual acontece dentro do ciclo de vida familiar, que é o contexto primário do desenvolvimento humano. Diferentemente de qualquer outro sistema, a família apresenta propriedades peculiares, como a incorporação de novos membros apenas pelo nascimento, adoção ou casamento.

Carter e McGoldrick (1995) consideram que o sistema geracional abrange três ou mais gerações em seu movimento através do tempo. A família compreende, assim, todo o sistema emocional de pelo menos três gerações e este é o seu campo emocional operativo. Em função disto, há um forte impacto modelador de vida provocado pelas gerações anteriores nas seguintes e vice-versa. Dentro de cada sistema familiar existe também a necessidade de que as diferentes gerações se acomodem, simultaneamente, às transições do ciclo de vida, à mistura de gerações e a sua influência nos relacionamentos e nas interações entre os indivíduos. Este entendimento apóia a teoria desenvolvida por Bowen (1991), que investiga os padrões familiares através dos conceitos de triângulos e de transgeracionalidade.

No entendimento de Bowen (1991), o conceito de *triângulo* é um dos principais pressupostos para a compreensão da transmissão transgeracional de padrões de relacionamento. O triângulo é a base da estrutura de todo sistema emocional interacional.

Quando a tensão emocional de um sistema formado por duas pessoas supera o nível do suportável, estas vão triangular com uma terceira pessoa, permitindo que a tensão se desloque dentro do triângulo. Um sistema emocional é formado por uma série de triângulos interdependentes. Um triângulo tem diferentes características durante períodos de ansiedade moderada e de calma. À medida que a ansiedade cresce, os indivíduos do triângulo sentem-se desconfortáveis. Durante períodos de alto estresse, o processo emocional de um triângulo assume novas características. A posição de membro “de fora” (o terceiro) passa a ser a mais confortável e passa a ser disputada.

Com relação aos momentos de crise familiar, Miermont (1994) apresenta que são períodos de tensão e de conflito que aparecem periodicamente na vida de toda família e que podem ser produzidos por uma mudança vivida pela família ou como consequência de uma intervenção terapêutica. Segundo o autor, toda crise provoca uma ruptura temporária da homeostase do sistema familiar e, conseqüentemente, uma necessidade de reorganização das inter-relações e de construção de novas regras de funcionamento familiar. A crise familiar habitualmente surge em função das mudanças impostas pela transição de um ciclo a outro da vida familiar.

Sobre o estresse familiar, Carter e McGoldrick (1995) acreditam que este é geralmente maior nos pontos de transição de um estágio para outro no processo de desenvolvimento da família. Elas consideram a existência de dois fluxos de ansiedade e estresse nas famílias: o vertical e o horizontal. O primeiro inclui padrões de relacionamento e de funcionamento que são transmitidos transgeracionalmente, principalmente através dos mecanismos de triangulação emocional (Bowen, 1991). O segundo inclui a ansiedade produzida pelos estresses na família conforme ela avança no tempo, lidando com as mudanças e transformações do ciclo de vida. Também os fatores ambientais e culturais desempenham um papel importante na maneira como as famílias passam pelo ciclo de vida.

Bowen (1991) pensa que a transmissão transgeracional é inerente a qualquer sistema familiar e acontece como resultado das inúmeras triangulações que ocorrem no sistema familiar. A “transmissão transgeracional” é entendida como sendo a interdependência multigeracional dos campos emocionais em que os diferentes níveis de maturidade e imaturidade predominantes em cada família tendem a ser transmitidos de pais para filhos. É importante considerar que as triangulações que coexistem na família devem ser compreendidas dentro do momento do ciclo de vida em que a mesma está.

Com relação aos estágios do ciclo de vida familiar, Carter e McGoldrick (1995) salientam que está ficando cada vez mais difícil determinar quais são os padrões “normais” de desenvolvimento de uma família. Desta maneira, estas autoras apresentaram os estágios que consideram previsíveis no desenvolvimento “normal” das famílias na sociedade norte-americana de classe sócio-econômica média. Portanto, mesmo apresentando um ciclo de vida familiar “padrão”, as autoras não desconsideraram o fato de que as fases do ciclo vital familiar vêm se modificando na atualidade e de que a família vem apresentando, cada vez mais, novas configurações. Carter e McGoldrick (1995) dividiram o ciclo de vida familiar “normal” em seis estágios, cada um com suas respectivas dificuldades e tarefas: (1) os jovens solteiros; (2) o novo casal; (3) famílias com filhos pequenos; (4) famílias com filhos adolescentes; (5) lançando os filhos e seguindo em frente – o ninho vazio; e, finalmente, (6) famílias no estágio tardio de vida.

Como este estudo objetiva analisar a relação conjugal dos casais que estão passando pela transição para a parentalidade, desenvolver-se-á, de forma mais aprofundada, os estágios da formação do casal (através da construção da conjugalidade) e do nascimento do primeiro filho (a construção da parentalidade). O ciclo de vida familiar será considerado de acordo com a classificação apresentada por Carter e McGoldrick (1995).

1.5. Construção da Conjugalidade

O casamento, como entendido em nossa sociedade ocidental, inicia-se através da escolha conjugal. Para que possa ser construído com êxito, deve cumprir algumas funções pré-determinadas e costuma passar por um ciclo de vida específico. Em diversos pontos de transição familiar e/ou conjugal podem ocorrer crises e, eventualmente, distúrbios na interação entre os indivíduos.

Os teóricos sistêmicos, que estudam a família, não perderam de vista as influências que as condições sócio-históricas têm na questão da escolha conjugal, na construção da conjugalidade e nos padrões de relação estabelecidos pelos cônjuges. Turkenicz (1995) salienta que, ao longo de vários séculos, a união dos casais costumava ser um acontecimento que dizia respeito a toda a família e que era considerado um dos eventos mais importantes. O autor refere-se a essas formas de matrimônio como “arranjados” e impostos, em sua maioria atendendo a interesses econômicos e sociais das famílias de origem dos cônjuges, como um “negócio”.

Atualmente, o entendimento e o conceito de casamento vêm se modificando. No mundo moderno, as escolhas são feitas pelos próprios cônjuges, que contam hoje com possibilidades não existentes anteriormente como o *divórcio* e a *união estável*. Contemporaneamente, a escolha do cônjuge passou a ser algo subjetivo e individual. Há o entendimento de que a escolha conjugal é uma eleição que diz respeito apenas à díade e não mais a uma imposição social. Entretanto, acredita-se que, embora de forma mais sutil, esta escolha permanece atrelada a influências transgeracionais, algumas vezes inevitáveis e incontroláveis.

Segundo Lemaire (1990), existe uma relação de múltipla influência entre o casal e as inúmeras instituições sociais que operam sobre ele. O casal influi na família, que influi na sociedade. Mas, inversamente, também a sociedade condiciona os padrões de relações internas dos casais, de maneira que estes acabam perpetuando, através de sua organização e conservação, a estrutura social. Neste entendimento, as mudanças técnicas e econômicas desempenham um papel relevante na estruturação das relações dos casais, através das transformações políticas e sociais que as acompanham. A evolução das relações das estruturas sociais e suas organizações hierárquicas têm efeitos sobre a distribuição dos papéis entre os casais. O autor acredita que, com o desenvolvimento das classes burguesas, as relações de poder e autoridade parecem tender a uma relativa igualdade entre homens e mulheres, o que tem repercussões nos padrões de interação conjugal estabelecidos.

Lemaire (1990) acredita que um dos aspectos centrais que caracterizam os relacionamentos conjugais atualmente é a crescente expectativa depositada nestas relações. Os indivíduos esperam cada vez mais dos seus pares e, conseqüentemente, tornam-se mais vulneráveis às inevitáveis frustrações. Todos os desejos e expectativas, que têm suas realizações cada vez mais dificultadas na vida social, encontram-se reavivados e priorizados na vida conjugal e familiar. Para o autor, o que motiva a busca de companheiros são os aspectos mais arcaicos da personalidade, os desejos mais reprimidos ou os mecanismos de defesa organizados contra estes desejos. Na relação conjugal busca-se viver o que não se pode viver fora, ou seja, os prazeres e desejos infantis. Os indivíduos buscam no casamento, muitas vezes, uma estrutura diferente das demais, uma *estrutura-refúgio* onde possam viver os desejos e as necessidades insatisfeitos.

Anton (2000) considera que o desejo de companhia e de pertinência é inerente ao ser humano, o qual sempre viveu em grupos. O “outro” é um ponto de referência indispensável para a conservação da percepção lógica e organizada de si mesmo. Para que seja possível a

formação de uma dupla através da eleição de um cônjuge é necessário que haja alguma ressonância entre os indivíduos. A partir desta ressonância, há a inclusão e cada indivíduo passa a fazer parte do sistema do outro e ambos podem, então, interagir. O relacionamento entre homem e mulher tem a peculiaridade de proporcionar espaço e clima para a realização e a expressão máxima da intimidade.

Anton (2000), como Lemaire (1990), relata que em nossa cultura há uma visão romântica do casamento. Este é considerado como meio de libertação e de felicidade total. O indivíduo idealiza que o outro será o responsável pela realização de seus desejos e pela compensação de suas carências. A escolha conjugal é motivada, segundo esta autora, pela necessidade de satisfação de desejos e instintos através da relação com objetos simbólicos. Esta eleição está baseada na percepção inconsciente de que o objeto é capaz de exercer o papel que lhe atribui o sujeito. O objetivo inconsciente da eleição no casamento é a obtenção de alívio para as feridas do passado, que podem estar ainda vivas e dolorosas.

Também Whitaker (1990) desenvolveu sua teoria de que toda união conjugal tem início com a crença ilusória, de cada um dos membros, de tornar-se um todo e ser satisfeito de forma completa em suas necessidades. Como conseqüência da percepção de que a realidade é distinta desta ilusão, há o desenvolvimento do casal no sentido de que cada um vai além do “eu” e do “ele” ou “ela”, na construção do “nós”. Quando há a busca pelo “nós”, há a possibilidade de êxito e de sucesso na relação conjugal. Este autor considera, ainda, que o casamento saudável deve ser uma mistura de duas culturas estrangeiras e o esforço para fundi-las em uma nova. Esta terceira forma de organização deve ser, ao mesmo tempo, similar e distinta de cada um dos “clãs contribuintes”.

Na visão de Carter e McGoldrick (1995), a escolha conjugal de cada indivíduo está relacionada aos modelos parentais, às expectativas que surgem no indivíduo a partir de toda sua vivência na família de origem e aos padrões de interação estabelecidos nos sistemas originais de cada um. Quanto mais as questões de fusão na família ampliada forem resolvidas e entendidas antes do desenvolvimento de novos relacionamentos, mais facilmente o indivíduo pode passar para uma fase mútua, interdependente, de verdadeira intimidade, mais livre da projeção da família de origem. Tal situação proporciona uma escolha e um relacionamento conjugal com maiores possibilidades de êxito.

Da mesma maneira que Whitaker (1990), portanto, Carter e McGoldrick (1995) consideram que um casal novo precisa se diferenciar claramente de cada família de origem, mas também permanecer conhecedor dos aspectos de cada uma que devem ser preservados.

Inevitavelmente, é a programação da família de origem que descreve como os indivíduos aprendem padrões de interação, expectativas, atitudes, orientações e conceitos considerados funcionais ou não funcionais. Estas aprendizagens desempenham efeitos poderosos nos comportamentos e nas escolhas destes indivíduos em seus relacionamentos íntimos, bem como em outras áreas de suas vidas.

Andolfi e Angelo (1985) pensam a escolha conjugal de forma semelhante aos autores mencionados anteriormente. Acreditam que a tentativa constante de se unir aos conteúdos ideais e o desgosto decorrente da sensação de perda dos mesmos permitem entender a importância que os aspectos históricos individuais assumem na eleição conjugal. Os valores e as funções que cada indivíduo traz de suas famílias são transmitidos, assim como as características que devem estar presentes no objeto escolhido. Estes autores também consideram que há um processo de identificação na eleição conjugal. Todo o indivíduo, ao tomar como modelos seus pais, constrói um esquema de “como se relacionar com” um parceiro.

Apesar de todos estes elementos estarem presentes na escolha conjugal, Andolfi e Angelo (1985) consideram que, no momento do encontro com o futuro parceiro, a escolha é feita de forma muito rápida, com base em “impressões”. Estas impressões iniciais estão ligadas a uma série de mensagens verbais e não verbais, que são enviadas constantemente pelos indivíduos em interação. São mensagens que, lidas como elementos de conteúdo simbólico elevado, condensam imagens carregadas de significado e de grande importância para os indivíduos que elegem seus companheiros.

É no matrimônio que a família tem origem e o funcionamento ou não funcionamento da relação conjugal tem um papel importante na dinâmica e no desenvolvimento da família, bem como na promoção do desenvolvimento individual de seus membros. Além da escolha e das motivações para a eleição conjugal, devemos considerar que todo o casal tem suas funções, tanto idiossincráticas, quanto gerais e normativas.

No desenvolvimento da relação conjugal, os casais passam por diferentes etapas, como ocorre no ciclo de vida da família. Cada uma das etapas por que passa o casal é composta por características específicas e por diferentes oportunidades, dificuldades e tarefas. Desta forma, proporciona o desenvolvimento de distintos padrões de interação. Entretanto, é importante salientar que estes padrões interacionais também estão relacionados à história individual de cada casal.

O ciclo de vida do casal, como o da família, é apresentado por diferentes autores como possuindo distintas divisões. Hintz (1998) considera que o casal passa por um ciclo de desenvolvimento, da mesma maneira que o indivíduo e a família. A autora considera que o casal se desenvolve através de cinco etapas fundamentais, que geralmente seguem uma seqüência básica. A etapa inicial do *Enamoramento* caracteriza-se por uma forte atração e pelo desejo mútuo e compartilhado de tornar-se apenas um. Neste momento, não há espaço para as diferenças individuais e, freqüentemente, estabelece-se um estado de fusão em que o casal passa a criar um sentido único de percepção do mundo externo. Há a formação da identidade do casal, através da transição do *si mesmo* para o *nós*. Neste momento, a tarefa do casal é conectar os objetivos e expectativas internas com a realidade externa para que se forme um relacionamento real e possível de se desenvolver. A segunda etapa apresentada é *Estabelecendo Diferenças* e é quando os cônjuges começam a pensar de forma distinta e as diferenças tornam-se visíveis. Neste estágio, os padrões interacionais e a capacidade de negociação têm um importante papel e, quando a última não existe, os cônjuges podem sentir-se ameaçados pelas diferenças e desejar retornar ao estado de fusão. A terceira etapa foi intitulada *Relações de Poder* e envolve a situação em que um dos cônjuges passa a desejar maior independência que o outro. Pode haver ansiedade, tensão e conflitos mais intensos neste momento. Se este estágio é bem resolvido, o casal passa para o quarto, *Estabilidade*, em que cada um se volta para o mundo e para as realizações externas. Quando os parceiros chegam até este momento juntos e com um nível adequado de intimidade têm mais tranqüilidade e maior possibilidade de realização pessoal, o que os conduz a uma maior cumplicidade. Por fim, no estágio do *Comprometimento* os cônjuges assumem a opção de permanecer juntos sem o compromisso de suprir as idealizações do parceiro. Neste momento, os parceiros se conhecem tanto como indivíduos independentes quanto como um casal. O *eu* e o *nós* coexistem em harmonia e os indivíduos desenvolvem uma capacidade de negociação que permite a transformação sem que haja ameaça à relação.

Pittman (1994) também teorizou a respeito das etapas de transição e crise por que o casal passa no curso de seu desenvolvimento. Nos pontos considerados críticos neste percurso há instabilidade e possibilidade de surgirem diversos problemas e riscos para os relacionamentos. Os pontos críticos mais perigosos por que o casal passa, segundo seu entendimento, são: “o apaixonar-se”, “o pânico pré-nupcial”, “o fim do romance”, “o mundo adulto”, “a paternidade e a maternidade”, “a diminuição do sexo”, “o atingir o topo”, “o ninho

vazio” e “os fatos da vida”. Cada um desses pontos pode ser tanto uma oportunidade de crescimento, quanto um momento de risco e insegurança para o casal.

A seguir, aprofunda-se o entendimento do que se passa, em termos relacionais, no momento específico da transição para a parentalidade vivido pelos casais que esperam o nascimento de seu primeiro filho. Este é um dos momentos que mais podem sintetizar o significado etimológico da palavra *crise*, segundo sua origem oriental: oportunidade e perigo (Caplan, 1980). Por demarcar a transição da condição única de casal para a de família, este período é considerado como central na compreensão do desenvolvimento do casal, da família e do indivíduo.

1.6. Construção da Parentalidade.

Bradt (1995) refere que se tornar progenitor é, biologicamente, o evento que identifica o estágio da transição para a parentalidade. Entretanto, ressalta que ser progenitor é um resultado psicológico e social que vai além do vínculo entre duas gerações. Desta forma, analisam-se, neste trabalho, as implicações e as transformações que a transição para a parentalidade provoca na vida de cada um dos novos pais, a fim de compreender quais as repercussões do nascimento do primeiro filho na relação conjugal. Para entender o processo de construção da parentalidade no homem e na mulher, considera-se o desejo dos pais de terem um filho, o período da gestação e, finalmente, a parentalidade depois que o filho real nasce.

O início da construção da parentalidade se dá antes mesmo da concepção. É a partir da história particular de cada indivíduo que se instaura, ou não, a possibilidade desta construção. É conforme a história de cada casal, também, que será possível a abertura, ou não, de espaço para um novo ser na família. Szejer e Stewart (1997) entendem que toda criança vem ao mundo precedida por uma história, no seio da qual sua existência começa. Quando um homem e uma mulher se encontram e geram uma criança, eles fazem de duas linhagens uma família, que será a família desta criança e na qual ela ocupará um lugar especial. Nas considerações dos autores, cada criança, para seus pais, é possuidora de uma missão, que faz parte de sua bagagem e tem um forte impacto em sua história. Cada criança, com suas características pessoais de temperamento, reage diferentemente aos papéis que lhe são atribuídos. Apesar de estes papéis serem importantes, nem sempre são determinantes e tiram a liberdade de cada criança.

Para Szejer e Stewart (1997), a concepção é o encontro de dois desejos, o do homem e o da mulher, do qual vai nascer um projeto. Este projeto, seja consciente ou não, faz parte da pré-história do filho deste casal. Segundo este entendimento, o desejo não pertence apenas à ordem do consciente. Quando há a fecundação é porque o desejo de ter um filho está presente.

Szejer e Stewart (1997) salientam que, apesar de todos os nascimentos serem importantes e singulares, o primeiro tem a característica especial de inscrever, pela primeira vez, os pais no mundo da parentalidade. Ser mãe só acontece uma vez pois, quando já se é mãe, nunca mais se volta a não ser. Os autores diferenciam também o desejo de ter um filho do projeto de ser pai/mãe. Quando se deseja um filho, é o filho que se projeta, imaginariamente, no futuro. Ter um projeto de ser pai/mãe é projetar-se a si mesmo no futuro como pai/mãe desse filho. A forma como cada um se projeta como pai ou mãe relaciona-se diretamente com os pais que eles próprios tiveram, ou com outros modelos parentais. Para os autores, os pais sempre são os modelos de referência em relação aos quais nos determinamos, seja querendo fazer como eles, ou contrariamente a eles, seja tentando corresponder ao seu desejo, ou opondo-se a ele.

Szejer e Stewart (1997) apresentam também seu entendimento de que o projeto comum - ou não - de gravidez e o projeto de ser pais, ainda que compartilhado, têm significados e implicações diferentes para o homem e para a mulher. O homem e a mulher funcionam diferentemente, tanto em relação aos aspectos psicológicos, quanto aos fisiológicos. Também para cada indivíduo, singularmente, o desejo de ter filhos tem significados diferentes, inclusive porque emerge em momentos diferentes da trajetória de vida individual. Da mesma forma como há diferenças entre a paternidade e a maternidade e entre cada concepção de um novo filho, existem distintos sentimentos, em cada indivíduo, ocorrendo simultaneamente. O desejo, por não ser monolítico, é sempre ambivalente. Tal característica do desejo gera inúmeros sentimentos contraditórios, com os quais os indivíduos, muitas vezes, têm dificuldade de lidar. Entretanto, sabe-se que a ambivalência faz parte da condição humana e deve ser aceita e compreendida pelos novos pais no processo de construção de suas funções parentais.

Após a fecundação, dá-se o início do processo da gestação. Szejer e Stewart (1997) apresentam os diferentes momentos que constituem a transição para a parentalidade: a pré-história da criança, que envolve tudo que a antecede; a pré-história da gravidez; e a gravidez propriamente dita. Esta última é dividida em três trimestres, cada um com suas características e peculiaridades. Neste entendimento, a pré-história da gravidez é tudo que antecede o

momento em que a mulher realmente sente-se grávida e pode anunciar aos que a rodeiam: “estou grávida”. Nesta circunstância inicia-se a gravidez propriamente dita. A história de cada um dos progenitores e o tipo de relação que têm (sua conjugalidade) estão diretamente relacionados à maneira como a mulher e o homem reagem à notícia da gravidez. Depois de confirmada a gestação, inicia-se o primeiro trimestre da mesma, que se caracteriza pela lenta mudança do corpo da mulher, pelos mal-estares, pelas náuseas freqüentes e pelos famosos “desejos” da gravidez. Também podem ocorrer distúrbios do sono e crises de choro, devido à hiperemotividade da mulher. O segundo trimestre caracteriza-se pelo desenvolvimento do filho, que passa de embrião à feto. Há o início das trocas entre mãe e filho, através dos primeiros movimentos fetais. Os pais contam, então, com as facilidades da ecografia morfológica, que permite visualizar pela primeira vez o bebê e descobrir seu sexo. As crises de ansiedade e os pesadelos tomam o lugar das náuseas e dos outros sintomas do trimestre anterior. No segundo trimestre, o corpo da mulher efetivamente está diferente e seu ventre começa a tomar volume. Finalmente, no terceiro trimestre o filho torna-se viável e pesado. Seu peso e tamanho provocam na mulher um mal-estar físico. Há a preparação para o parto e a possibilidade de novas informações sobre o feto através das últimas ecografias. Cada casal vai negociar, a seu modo, as atividades que envolverão o preparo para o parto, que correspondem sempre a necessidades pessoais e estão ligadas a seus modelos parentais e à sua relação conjugal. Desta forma, o momento do parto, da chegada de um filho, é sempre recebido pelos pais de modo peculiar.

A maternidade tem sido amplamente estudada e o volume de estudos a seu respeito torna-se ainda maior se comparado ao de estudos relativos à paternidade. Existe, ainda, o predomínio da idéia de que a relação principal que o bebê estabelece é com a mãe e que o pai é periférico a este processo. Entretanto, está cada vez mais comum a existência de novas formas de configuração familiar e o desenvolvimento sociocultural em nossa sociedade ocidental tem levado à reivindicação de igualdade entre homens e mulheres. Como resultado deste processo, muitas mulheres estão ingressando no mercado de trabalho e dispendo do mesmo tempo que seus maridos para as atividades domésticas. Desta forma, muitos pais estão começando a participar mais da vida doméstica e, assim, da criação direta de seus filhos. Esta condição tem refletido no aumento do número de estudos e pesquisas a respeito da paternidade.

Emery e Tuer (1993) apresentam achados empíricos que indicam que a especialização dos papéis de pais, iniciada na transição para a parentalidade, é “normativa, normal e ideal”. A

especialização de papéis é tradicional com relação a diferentes aspectos. Em seu entendimento sobre a parentalidade, consideram que geralmente as mulheres têm maior influência que os homens na promoção dos relacionamentos familiares e em seus papéis expressivos e nutrientes de mãe. As mães, comparadas aos pais, freqüentemente dão mais cuidado, proteção, conforto e estimulação social aos seus filhos. Por outro lado, os pais são mais responsáveis que as mães pelo papel instrumental na família, ligando a criança à sociedade. Enquanto as mães preocupam-se mais com os relacionamentos afetivos, os pais são tradicionalmente mais ocupados com a educação e os valores de seus filhos.

Vondra e Belsky (1993) apresentam que tanto o funcionamento individual quanto o relacional afetam a natureza das experiências da gestação e do nascimento de um filho. Estes dois aspectos têm origens desenvolvimentais no sistema familiar através das experiências da infância dos indivíduos. Todos os indivíduos carregam adiante, desde suas primeiras experiências de relacionamento, atitudes, expectativas, emoções e padrões de comportamento que vão moldar a forma como funcionam (tanto como pais, quanto como cônjuges) nas famílias que estabelecem. São as experiências iniciais vividas nas famílias de origem que levam os indivíduos a selecionar e a construir suas experiências na atualidade. A construção da parentalidade pode ser considerada como o interjogo de fatores individuais e ambientais.

Luster e Okagaki (1993) acreditam, da mesma forma, que a parentalidade é determinada de formas múltiplas. Os comportamentos parentais são influenciados por aquilo que os pais trazem em sua história, por suas características e habilidades; pelas características do contexto, tanto imediato quanto maior; e, também, pelas características do bebê. Os autores entendem que, quando se pensa em influências múltiplas na parentalidade, não é apenas importante pensar sobre os efeitos combinados das várias influências contemporâneas, mas também em como as características das pessoas e do contexto influenciam-se mutuamente através do tempo. É desta forma que apresentam seu entendimento a respeito da complexidade da construção da parentalidade.

Tendo em vista que a parentalidade é um processo intenso e que está em constante construção, acredita-se que o surgimento desta nova função provocará algumas repercussões na relação conjugal. Anteriormente ao surgimento da parentalidade, a família é composta apenas pelo casal e as interações dentro do sistema nuclear são estabelecidas apenas entre esses dois indivíduos. Com o nascimento do primeiro filho, há a entrada de um terceiro membro no núcleo familiar. Tal transformação, que acarreta o surgimento de novas responsabilidades e tarefas para ambos os cônjuges, pode ter repercussões na relação conjugal,

que é o tema central do presente estudo. Em função disto, apresentam-se, em seguida, alguns referenciais teóricos e empíricos a respeito das repercussões do nascimento do primeiro filho na relação conjugal.

1.7. Repercussões do Nascimento do Primeiro Filho na Relação Conjugal

Entende-se que o nascimento de um filho é um momento de extrema importância na vida familiar, conjugal e individual. O nascimento do primogênito, em especial, é a primeira experiência de parentalidade vivida pelo casal, sendo o marco de sua transição de casal para família e de sua entrada no mundo adulto. Em função das oportunidades e também dos perigos que este momento evoca, o casal deve poder renegociar seus valores e desejos, seu próprio papel no sistema e seu relacionamento conjugal. Esta necessidade de reestruturação, negociação e adaptação é urgente para ambos os cônjuges, enquanto indivíduos, enquanto casal e, agora, enquanto pais. Em virtude da relevância deste tema, que envolve o início e a origem das famílias, diversos pesquisadores vêm estudando as repercussões do nascimento do primeiro filho na relação conjugal (Belsky & Isabella, 1985; Burchinal, Cox, Paley & Payne, 1999; Crohan, 1996; Frosch, Mangelsdorf & McHale, 1998; Hackel & Ruble, 1992; Lewis, 1988; Lewy-Shiff, 1994; Wilkinson, 1995).

Também alguns teóricos sistêmicos têm se ocupado em teorizar a respeito das repercussões do nascimento do primeiro filho na relação conjugal. Desta forma, o presente tópico é desenvolvido sob duas perspectivas. Inicialmente, serão analisados autores sistêmicos que estudam a transição do casal para a parentalidade. Posteriormente, serão apresentados estudos empíricos considerados relevantes sobre o assunto.

Pittman (1994), ao apresentar os pontos críticos atravessados por um casal em seu enfoque sistêmico, enfatizou a importância do surgimento da paternidade e da maternidade no processo de desenvolvimento dos casais. O autor aponta que, representando o início da família, freqüentemente a transição para a parentalidade coincide com o fim do romance. Os cônjuges tomam consciência de que são parte de algo maior do que sua condição de casal e têm, com isso, que renegociar seus padrões interacionais e seus valores anteriores.

Para Pittman (1994), no passado, os casais tinham consciência da iminência da parentalidade, uma vez que a gravidez ocorria logo após o casamento e o início da vida sexual. Atualmente, muitos indivíduos têm filhos antes de se casar e, em função do controle de natalidade, outros têm a possibilidade de desassociar a parentalidade e o início da atividade

sexual. Desta maneira, o nascimento dos filhos passou a ser escolhido e planejado e este processo de escolha normalmente gera ansiedades e perturbações nos casais, bem como em sua relação. Uma das dificuldades deste momento é a entrada definitiva no mundo adulto que acompanha o nascimento do primeiro filho, para a qual alguns indivíduos não estão preparados. Outra é a necessidade urgente de reestruturação e de modificação dos padrões de relacionamento anteriores para possibilitar a chegada do novo membro à família.

Bradt (1995), também a partir do referencial teórico sistêmico, apresentou seu entendimento similar de que a transição para a parentalidade é uma das maiores e mais difíceis crises por que passa o sistema familiar. Neste momento, o casal deve poder aceitar os novos membros no sistema e ajustar o sistema conjugal para criar espaço para o filho e para o papel de pais. Além disso, necessita unir-se nas tarefas de educação dos filhos e nas tarefas financeiras e domésticas, através de constantes negociações. Estas questões geralmente não estão presentes antes do nascimento do primeiro filho e podem surgir de forma muito rápida e, às vezes, assustadora. Como consequência desta transição, Bradt (1995) menciona a necessidade de um realinhamento dos relacionamentos com as famílias ampliadas para incluir os novos papéis de pais e avós. O nascimento de um filho é um acontecimento que redefine a relação conjugal, antes a única existente no núcleo familiar. Durante a transição para a parentalidade, a meta da relação conjugal muda de sua ênfase primária e expressiva para incluir mais funções instrumentais (Belsky, Spanier, & Rovine, 1983; Cowan, Cowan, Hanging, Garrett, Coysh, 1985).

Também Emery e Tuer (1993) pensam que as demandas práticas da parentalidade, assim como os investimentos emocionais divididos no cuidado com uma criança, têm efeitos poderosos na relação conjugal. Como um evento do desenvolvimento da família, a transição para a parentalidade requer que o sistema se reorganize e se acomode às mudanças. Estes autores também apontam como tarefa para o casal, neste momento, a renegociação dos laços existentes com relação ao poder interpessoal e ao grau de aproximação emocional de sua relação.

Da mesma forma, Minuchin (1982) refere que o período do nascimento de filhos e, em especial, do primeiro filho causa uma grande mudança na estrutura familiar. É com o nascimento do primogênito que os cônjuges passam a ser, além de um casal, pais de uma criança e progenitores de uma família. A construção destes novos papéis, de pai e de mãe, se caracteriza pela presença de crises, descobertas e aprendizagens e pela necessidade de adaptações e do estabelecimento de novas formas de interação na família.

Outra questão que, acredita-se, também permeia este momento vivido pelo casal é a expectativa inicial com relação ao outro como pai ou mãe e sua possível frustração posterior. Também pode aparecer, acentuadamente, o ciúme entre os cônjuges em função da necessidade de dividirem a atenção do companheiro, antes integral, com o novo membro da família (o bebê). A perspectiva que surge com o nascimento do primeiro filho de uma maior cumplicidade e intimidade entre o casal e o bebê, ou de seu total distanciamento e desestruturação, também se torna acentuada na iminência da transição.

As expectativas iniciais que cada cônjuge tem de seu companheiro como pai ou mãe são fundamentais no momento da escolha conjugal. Estes pré-conceitos, quando postos em prática, podem ser confirmados ou não. Desta forma, o casal deve poder aceitar as limitações e as possibilidades reais de cada indivíduo e também exercitar a capacidade de negociação entre si. Conforme sua possibilidade de administração e organização das dificuldades e das funções necessárias ao sistema, este período pode se caracterizar tanto como uma possibilidade de melhora na estrutura familiar, quanto de ameaça para a mesma, para os indivíduos e para o casal.

Um dos sentimentos que podem aparecer com maior intensidade na chegada de um terceiro membro ao núcleo familiar, antes composto exclusivamente pelo casal, é o ciúme dos cônjuges com relação ao bebê. Podem aparecer, desde a gravidez, sentimentos de competição e de ciúmes, de estar sendo deixado de lado, ou em segundo plano. A sensação de ter que dividir a atenção do parceiro é vivida com grande intensidade e, muitas vezes, pela primeira vez na história dos casais. O sentimento de ciúmes, esperado e considerado inerente ao nascimento do primeiro filho, pode gerar conflitos e desgastes destrutivos se o casal não souber enfrentar a mudança de uma relação dual para uma relação triádica. O nascimento do primeiro filho faz com que se rompa a relação anterior de exclusividade, o que pode provocar uma evolução na relação, ou não. Para que este processo se dê de forma saudável e construtiva, é necessário que o casal elabore a perda da posição infantil de indiferenciação e simbiose com o cônjuge e aceite as suas diferenças. Este período é considerado extremamente importante e pode levar tanto ao crescimento e desenvolvimento da família como à sua desestruturação. O percurso de cada casal depende do modo como sua relação está estabelecida e de como cada cônjuge é capaz de resolver suas frustrações e elaborar a perda da exclusividade do companheiro.

Para Bradt (1995), o resultado ótimo do estágio do ciclo de vida familiar de transição para a parentalidade não é simplesmente ligar os adultos, como pais, aos filhos. É, outrossim,

intensificar o relacionamento íntimo do casamento e, então, ajudar os cônjuges a realizar seu potencial criador na idade adulta e a assumir seus lugares na família de maneira plena. Além disso, é o de unir os sexos e as gerações no presente e no futuro e colocar o amor, a família e o trabalho em posições iguais.

Outro aspecto importante, apontado por Emery e Tuer (1993), é que, apesar de as transições mais óbvias vividas pelas famílias ocorrerem em função das relações entre pais e filhos, a Teoria Sistêmica prediz que as transições desenvolvimentais infantis também provocam a necessidade de renegociações na relação do casal. Esta predição, segundo os autores, é sustentada por achados empíricos que relacionam a parentalidade e a conjugalidade através do ciclo de vida da família. Eles consideram que algumas mudanças previsíveis na satisfação conjugal correspondem a mudanças no estado de desenvolvimento das crianças. Os desafios que o nascimento do primeiro filho provoca e as mudanças de papéis que o bebê promove em seus pais podem afetar o ajuste do casal, tanto como indivíduos, quanto como cônjuges. Desta forma, torna-se relevante o conhecimento do desenvolvimento do bebê para que se possa pressupor as mudanças que seu desenvolvimento, acelerado e descontínuo, provoca na interação conjugal de seus pais. Serão expostos os principais indícios e aquisições de desenvolvimento dos bebês desde seu nascimento até o segundo ano de vida, segundo o entendimento de Stern (1997).

Stern (1997) apresenta uma visão geral do desenvolvimento dos bebês, que permite pensar em “pontos de contato” ou “janelas clínicas”. A maioria dos pontos de contato são questões contínuas do curso de vida, mas são negociadas de forma descontínua, através de “saltos” no desenvolvimento. O autor considera que é importante saber quando e como as capacidades do bebê para relacionar-se mudam. Os principais pontos de contato apresentados pelo autor são os seguintes:

- 0-2 ½ meses: as grandes tarefas desta idade referem-se à regulação dos ciclos de alimentação, sono-vigília e atividade. A maioria dos intercâmbios sociais ocorre em torno e dentro destas atividades.
- 2 ½ - 5 ½ meses: a interação social face-a-face sem brinquedos ou outros objetos representa a capacidade social e afetiva do bebê. Há o início de uma regulação mútua (pais-bebê) da interação social.
- 5 ½ - 9 meses: o brincar juntos com um objeto (pai/mãe e bebê) passa a ser a atividade que proporciona a maior parte das interações.

- 8-12 meses: há a manifestação, por parte do bebê, dos comportamentos característicos de apego e separação em relação aos cuidadores primários. Também ocorre o advento da intersubjetividade, quando o bebê começa a dar-se conta de que sua mãe e seu pai podem ter “coisas-em-sua-mente”, que podem ser iguais ou diferentes ao que ele tem em mente. Neste momento começa a entrar em jogo a negociação, entre pais e bebê, do seu universo compartilhável de fenômenos mentais e do não compartilhável, o privado.
- 18-24 meses: há o advento da linguagem e o aumento da mobilidade, pois os bebês agora caminham, bem como da capacidade física. Este desenvolvimento leva os pais à necessidade de estabelecer limites.

Estudos empíricos têm sido realizados com o intuito de estabelecer as relações entre o desenvolvimento do bebê e a relação conjugal. Alguns autores apresentam que, em média, a satisfação conjugal é mais alta no início do casamento, declina quando o primeiro filho nasce e volta a crescer novamente mais tarde, quando os filhos se tornam adolescentes e começam a deixar a casa dos pais (Anderson, Russel, & Schumm, 1983). Emery e Tuer (1993) apresentam os achados de Cowan e cols. (1985), referentes a esta questão. Este pesquisador verificou que o conflito conjugal aumenta desde a gravidez até os 18 meses após o nascimento do bebê. O aumento é sentido diferentemente pelas mulheres e pelos homens. A satisfação dos homens muda pouco desde a gestação até os seis meses pós-parto, mas declina mais dramaticamente dos seis aos dezoito meses do bebê. Contrariamente, a satisfação das mulheres declina mais desde a gravidez até os seis meses do bebê, com um declínio moderado dos seis aos dezoito meses do mesmo. Também os achados de Lewis (1988) apontam para uma direção semelhante. Este autor encontrou resultados que demonstram o aumento de mudanças regressivas durante o primeiro ano de parentalidade. Seu entendimento é que as demandas da parentalidade, particularmente às mulheres, levam a um aumento da insatisfação e dos conflitos entre os cônjuges.

Há diferentes propostas com relação à trajetória da satisfação conjugal no ciclo de vida da família e das crianças. No entanto, há um consenso entre a maior parte dos autores com relação ao declínio significativo da satisfação conjugal no momento do nascimento do primeiro filho. Em alguns casos, entretanto, apesar de o casal perceber que seu relacionamento está declinando em termos de romance, pode perceber um concomitante aumento do companheirismo e da parceria (Belsky, e cols., 1983; Belsky, Lang & Rovine, 1985).

Nos estudos empíricos a respeito da parentalidade, percebe-se que o nascimento do primeiro filho é especialmente considerado, pois é o marco que determina a instauração desta

função entre os progenitores. Com o objetivo de avaliar as repercussões do nascimento do primeiro filho nos casais, Wilkinson (1995) pesquisou o impacto que a criação de uma criança tem, comparando casais que esperam o primeiro filho e casais múltiparos. Seus achados evidenciaram que a insatisfação com o relacionamento conjugal aumentou significativamente mais para as mulheres que eram mães pela primeira vez do que para as que já tinham filhos. Também sua hipótese inicial de que as mulheres sofrem mais o impacto do nascimento do primeiro filho na relação conjugal do que os homens pôde ser confirmada. Na mesma direção, Crohan (1996), ao investigar as mudanças na qualidade e nos conflitos conjugais na transição para a parentalidade, obteve resultados que mostraram que o declínio da felicidade e da satisfação conjugal é mais pronunciado entre os casais que passam pela transição para a parentalidade do que os que não o fazem. Além disso, os casais que têm o primeiro filho relataram um significativo aumento, através do tempo, da tensão conjugal se comparados a casais sem filhos. Os pesquisadores confirmaram, assim, seu entendimento de que a transição para a parentalidade resulta em um declínio na satisfação e na felicidade conjugal.

No entendimento de Belsky e cols. (1983), também, a qualidade conjugal declina modesta, mas seguramente, desde o período anterior até o posterior ao nascimento do primeiro filho. Este declínio é mais pronunciado para as mulheres do que para os homens. Aquelas famílias que experienciam mais satisfação conjugal antes do nascimento de seu primeiro filho, experienciam mais satisfação conjugal depois do nascimento. Neste momento, as chances de diálogo privado e de intimidade ficam reduzidas nos casais, em função da mudança no número de membros da família e das tarefas e exigências que surgem como consequência desta transformação. Os achados de Levy-Shiff (1994), em sua análise da correlação entre os antecedentes pré-natais e a satisfação marital pós-natal, apontam que há um declínio do ajuste conjugal sentido como maior pelas mulheres do que pelos homens.

Apesar de a maior parte dos pesquisadores considerar que a transição para a parentalidade é um momento de crise no relacionamento conjugal, alguns não pensam desta forma. Huston e Vangelisti (1995) desafiam o entendimento dominante de que a parentalidade causa um declínio na satisfação conjugal, apesar de saberem que o nascimento de um filho exige que o casamento seja redefinido. Durante a transição para a parentalidade, a meta da relação conjugal muda de sua ênfase primária e expressiva para incluir mais funções instrumentais (Belsky e cols., 1983, 1985; Cowan e cols., 1985). A parentalidade afeta o estilo de vida dos cônjuges, sua organização de funções e de atividades, bem como seus padrões de interação. Além disso, as responsabilidades que acompanham o cuidado de uma criança

limitam a quantidade de tempo que os cônjuges têm para passar juntos como um casal. Apesar de terem consciência de tais implicações da parentalidade na conjugalidade, Huston e Vangelisti salientam que não é a parentalidade, em si, que provoca um declínio na relação conjugal e no amor entre os cônjuges. Em seu entendimento, a parentalidade pode melhorar a qualidade de alguns casamentos, “minar” outros e ter, ainda, poucos efeitos em outros. Esta reconceituação da parentalidade considera que a transição provocada pelo nascimento do primeiro filho cria um misto de conseqüências que produzem uma variedade de ajustes e adaptações, apenas algumas levando a desavenças.

Acredita-se que as mudanças que acompanham a parentalidade podem ser mais facilmente administradas por alguns casais do que por outros. É a história de cada casal e de cada cônjuge que vai determinar como vão conseguir, ou não, administrar as transformações e as demandas de suas novas funções parentais com as conjugais, já existentes. Lewis (1988), em seu estudo com casais, confirma sua hipótese central de que a maioria dos casais com altos níveis de competência conjugal pré-natal mantém sua estrutura de alta competência conjugal na transição para a parentalidade. Diferentemente, o autor conclui que casais com menores níveis pré-natais de competência conjugal têm aspectos mais variados como conseqüências do nascimento do primeiro filho. O pesquisador conclui que, apesar de variáveis como habilidades individuais para lidar com situações estressantes, estresse e rede de apoio social, serem importantes fatores na transição para a parentalidade, sua influência torna-se diminuída pelo impacto, muito maior, da natureza da estrutura da relação conjugal básica nas respostas a esta transição. Desta forma, uma maior aproximação entre os cônjuges antes da parentalidade pode ser um fator determinante na estabilidade estrutural do sistema durante a transição para a parentalidade. Para este entendimento, a história de cada casal é um fator que influencia a possibilidade, ou não, de passar pela transição para a parentalidade de forma construtiva e adequada.

Hackel e Ruble (1992) também buscaram entender quais os fatores que influenciam a ocorrência de mudanças positivas ou negativas na transição para a parentalidade nos casais. Em sua pesquisa, confirmaram sua hipótese de que o declínio dos sentimentos positivos sobre o relacionamento conjugal aparece em ambos os cônjuges, homens e mulheres, após o nascimento do primeiro filho. Ao compararem os relatos de casais durante a gestação aos de casais após o nascimento do primeiro filho, encontraram evidências de que os casais relataram menos satisfação, menos intimidade sexual e mais conflitos depois do nascimento de seus filhos do que os casais durante a gestação. As autoras sugerem que uma das possíveis

explicações para estes resultados é o fato de que a relação do casal se torna menos central nas vidas dos indivíduos quando se tornam pais. Além disso, muitos homens consideram estressante providenciar o apoio adicional que suas esposas relatam necessitar e sentem que não são mais o centro de suas vidas. Desta forma, as pesquisadoras consideraram especialmente o papel da desconfirmação das expectativas anteriores ao nascimento do bebê sobre o relacionamento do casal, sobre a divisão das tarefas cotidianas e sobre o outro como pai/mãe. Tal desconfirmação caracterizou-se, em sua investigação, como um fator importante no declínio de sentimentos positivos com relação à conjugalidade para ambos os cônjuges, mas mostrou-se especialmente maior para as mulheres.

Burchinal e cols. (1999) também estudaram o impacto do nascimento do primeiro filho no casamento. Sua intenção foi compreender as várias adaptações que os diferentes casais fazem neste momento e os fatores relacionados a estas adaptações. Para tanto, investigaram o papel de diferentes fatores influentes na satisfação conjugal depois do nascimento do primeiro filho. Os aspectos considerados pelos autores foram: a existência de depressão individual, o sexo da criança, a competência do casal em resolver problemas e o planejamento, ou não, da gravidez. Seus achados confirmaram a importância da presença destes fatores e de seus efeitos interativos no aumento da insatisfação conjugal, tanto para homens quanto para mulheres. Os autores encontraram, portanto, uma grande variabilidade nas respostas dos casais com relação ao nascimento do primeiro filho, o que reforça o entendimento de que cada casal atravessa este período de forma idiossincrática e única.

Como os autores acima citados, entende-se que os fatores que vão contribuir para a boa ou má adaptação de um casal ao nascimento do primeiro filho são inúmeros. Apesar das dificuldades que esta etapa representa para o casal, não se pode deixar de entendê-la como muito rica, especial e repleta de oportunidades e transformações. A transição para a parentalidade representa a possibilidade de construção de um núcleo familiar único, ao qual apenas o casal e o novo bebê pertencem e de fortalecimento dos vínculos existentes entre os membros da família. O nascimento de um filho pode ser tanto um motivo de crescimento e de maior aproximação quanto uma ameaça para o casal, dependendo de como este consegue se adaptar e se reorganizar frente às novas necessidades.

Um aspecto da relação do casal que, acredita-se, sofre as repercussões da transição para a parentalidade é referente aos padrões de interação conjugal que, frente às exigências de mudança, devem se transformar e se adaptar. Acredita-se que cada casal desenvolverá padrões específicos de interação, referentes à sua história e à história individual de seus participantes.

Além disso, cada casal construirá distintas avaliações acerca de sua conjugalidade. Estes diferentes aspectos podem ser instrumentos para a compreensão da relação conjugal na transição para a parentalidade.

1.8. Considerações Teórico- Metodológicas e Objetivos do Trabalho

Os estudos e os aspectos teóricos revisados neste capítulo apontam para a importância do momento de transição do casal para a família, através do nascimento do primeiro filho, além da crise que caracteriza este período. Tal crise repercute, inevitavelmente, no relacionamento do casal, pois antes era o único subsistema pertencente ao núcleo familiar. Devido à relevância deste tema, muitos pesquisadores têm procurado estudar as implicações do nascimento do primeiro filho na relação conjugal.

Em função do que foi revisado, percebe-se que a maioria dos autores que estudam o momento da transição para a parentalidade aponta o nascimento do primeiro filho como estressor para o casal (Belsky & Isabella, 1985; Crohan, 1996; Deal, Hagen, Bass, Hetherington & Clingempeel, 1999; Gottman, & Levenson, 1999; Hackel, & Ruble, 1992; Levy-Shiff, 1994; Lewis, 1988; Wilkinson, 1995). Outros, entretanto, o entendem como uma transição normativa e multivariada, que tanto pode causar estresse, como crescimento ao sistema (Burchinal e cols., 1999; Frosch e cols., 1998). Percebe-se, no entanto, um consenso com relação ao fato de que o nascimento do primeiro filho provoca modificações na relação conjugal. Entende-se que o momento da transição para a parentalidade é, realmente, um momento em que os casais passam por uma crise e pela transformação de seus padrões de relacionamento.

Os estudos empíricos referidos no tópico anterior também mostram uma tendência a focalizar as repercussões da transição para a parentalidade no relacionamento conjugal através de questionários fechados e de escalas. (Belsky & Isabella, 1985; Burchinal e cols., 1999; Crohan, 1996; Hackel, & Ruble, 1992; Levy-Shiff, 1994; Lewis, 1988; Wilkinson, 1995). Diferentemente, alguns pesquisadores têm abordado o assunto através de entrevistas semi-estruturadas e/ou abertas e, também, da análise da interação familiar, através da observação. (Deal e cols., 1999; Frosch e cols., 1998; Gottman & Levenson, 1999; Lewis & Owen, 1995).

Percebe-se também, nos estudos empíricos considerados no presente trabalho, a existência de diferenças quanto ao modo de realização das entrevistas. Em algumas investigações, os dados são coletados de forma individual com cada cônjuge (Belsky &

Isabella, 1985; Crohan, 1996; Levy-Shiff, 1994; Lewis & Owen, 1995; Wilkinson, 1995). Em outras, os dados são coletados de forma conjunta, ou seja, com ambos os cônjuges (Deal e cols., 1999; e Gottman & Levenson, 1999). Outras pesquisas, ainda, são realizadas com a coleta de dados das duas formas referidas, ou seja, através de entrevistas individuais com cada cônjuge e de entrevistas conjuntas (Burchinal e cols., 1999; Frosch e cols., 1998; Hackel & Ruble, 1992; e Lewis, 1988).

Da mesma forma que se encontra diferenças com relação aos aspectos citados anteriormente, percebe-se que os estudos empíricos referidos distinguem-se também em função do embasamento teórico adotado, ou não. Desta maneira, algumas investigações não especificam quais os fundamentos teóricos que sustentam, ou norteiam, a pesquisa, mas apenas mencionam o que tem sido feito com relação ao tema em geral (Crohan, 1996; Gottman & Levenson, 1999; Hackel & Ruble, 1992; Lewis & Owen, 1995; e Wilkinson, 1995). Diferentemente, outros autores especificam qual o posicionamento teórico adotado em sua pesquisa (Belsky & Isabella, 1985; Burchinal e cols., 1999; Deal e cols., 1999; Frosch e cols., 1998; Lewis, 1988; e Levy-Shiff, 1994). Entre os estudos que deixam explícito o posicionamento teórico adotado, alguns o fazem, ainda, a partir de um referencial teórico familiar sistêmico (Deal e cols., 1999; Frosch e cols., 1998; e Lewis, 1988). Dentre os autores que trabalham dentro do referencial sistêmico, alguns estudam a relação conjugal (Frosch e cols., 1998; e Deal e cols., 1999), a partir de filmagem da mesma.

Além disso, percebe-se que, apesar de alguns autores considerarem um enfoque sistêmico no embasamento teórico de suas pesquisas, a maioria dos que trabalham com o tema da transição do casal para a família utiliza escalas e questionários como instrumentos de pesquisa. Estes parecem insuficientes para a perspectiva sistêmica, a qual tem como pressuposto central a consideração da interação entre os membros da família. Quando a pesquisa se dá somente a partir de escalas e questionários, a interação não é levada em consideração de forma plena.

Da mesma forma que Dessen (1994), acredita-se que os estudos referentes às relações e interações familiares devem buscar uma abordagem metodológica apropriada para analisar a rede complexa de padrões estáveis e mutáveis que caracterizam estas relações. Dessen considera que a abordagem sistêmica ajuda a lidar com o problema de descrever e analisar o contexto familiar. Tal abordagem possibilita incluir todos os membros da família nas análises de interações e detectar, simultaneamente, continuidades e mudanças nesta relações. A autora acredita que o emprego de mais de uma forma de delineamento metodológico é um dos

caminhos mais adequados para o pesquisador que pretende investigar as interações familiares. De acordo com seu entendimento, a tendência atual no estudo das interações e relações familiares é considerar como uma primeira etapa da investigação as análises qualitativas e, posteriormente, elaborar sistemas de categorias que sejam passíveis de uma análise quantitativa.

Desta forma, no presente trabalho optou-se por realizar um *estudo de caso coletivo* (Stake, 1994), longitudinal, de cinco casais que passaram pela transição para a parentalidade. Os períodos considerados da transição para a parentalidade foram: a gestação, o terceiro, o oitavo, o décimo-segundo e o décimo-oitavo mês de vida do bebê. A questão norteadora que se buscou responder foi a seguinte: como se desenvolve a relação conjugal nos diferentes momentos da transição para a parentalidade?

Portanto, os objetivos desta dissertação são:

1. Compreender a avaliação que cada casal faz de sua relação conjugal nos diferentes momentos da transição para a parentalidade: na gestação e no terceiro, no oitavo, no décimo-segundo e no décimo-oitavo mês de vida do bebê.
2. Investigar e categorizar a interação comunicacional estabelecida pelos casais durante as entrevistas realizadas nos diferentes momentos da transição para a parentalidade: na gestação e no terceiro, no oitavo, no décimo-segundo e no décimo-oitavo mês de vida do bebê.

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1. Participantes

A amostra deste estudo se caracteriza por ser de conveniência e consiste em cinco casais que foram selecionados, de forma aleatória, de uma amostra maior existente. A amostra pertence a um estudo longitudinal intitulado “Aspectos Subjetivos e Comportamentais da Interação Pais-Bebê/Criança: Estudo Longitudinal da Gestação ao Segundo Ano de Vida da Criança”, desenvolvido pelo GIDEP (Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia) e coordenado pelo Professor Dr. César Augusto Piccinini.

Um dos cinco casais foi recrutado em um grupo de gestantes realizado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, outro por indicação de terceiros e três em postos de saúde municipais da cidade de Porto Alegre. A participação de todos se deu por voluntariado. Os cinco casais considerados são compostos por mulheres e homens que esperavam seu primeiro filho no momento do recrutamento, com idade mínima de vinte anos e cujas mulheres não apresentaram problemas de saúde durante a gestação. Todos são casados e suas condições sócio-econômicas são variadas, bem como seu nível de escolaridade.

O casal **Taís e Lucas** foi recrutado em um posto de saúde municipal. Ela tinha 24 anos de idade e oito anos de escolaridade, tendo concluído o primeiro grau, enquanto ele tinha 27 anos de idade e 5 de escolaridade quando ingressaram na pesquisa. Taís havia trabalhado como doméstica e estava sem trabalhar há quatro meses quando foi contatada pela primeira vez para participar da pesquisa e Lucas trabalhava como pedreiro. O casal **Aline e Vitor** foi recrutado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Ela tinha 30 anos de idade e 15 de escolaridade, tendo completado o curso superior de Química, enquanto ele tinha 28 anos de idade e 11 de escolaridade, tendo concluído o segundo grau. Aline trabalha como auxiliar de laboratório e como professora escolar e Vitor, como auxiliar de almoxarifado em uma universidade. O casal **Camila e Júlio** foi recrutado em um posto de saúde municipal. No primeiro contato estabelecido, ela tinha 24 anos de idade e 7 de escolaridade e ele tinha 23 anos de idade e 8 de escolaridade, tendo concluído o primeiro grau. Camila já havia trabalhado como auxiliar de escritório, mas não estava trabalhando fora no momento do início da pesquisa e Júlio trabalhava como auxiliar de estoque. O casal **Rosa e Luiz** também foi recrutado em um posto de saúde municipal e tinham, respectivamente, 26 e 39 anos de idade

quando recrutados. Ambos tinham quatro anos de escolaridade e apenas Luiz trabalhava, em uma Igreja, local onde residem. Por fim, o casal **Michele e Walter** foi recrutado por indicação e tinham, respectivamente, 23 e 24 anos de idade. Ambos tinham 11 anos de escolaridade, tendo concluído o segundo grau. Michele trabalhava como recepcionista no momento de contato inicial e Walter, como gráfico.

2.2. Delineamento e Procedimentos

Este trabalho se caracteriza por ser um estudo longitudinal e de caráter exploratório. Sua realização abrange cinco etapas: o último trimestre de gestação e o terceiro, o oitavo, o décimo-segundo e o décimo-oitavo mês de vida do bebê. Foi realizado um *estudo de casos coletivo* (Stake, 1994), com o objetivo de avaliar a relação conjugal, durante a transição para a parentalidade, a partir de dois enfoques: a avaliação que cada casal faz de sua relação nos diferentes momentos da transição e a interação comunicacional que estabelece durante as entrevistas conjuntas. Com este intuito, cinco casos foram estudados, longitudinalmente, através das análises qualitativa e quantitativa de conteúdo (Laville & Dionne, 1999). Todas as análises dos dados foram realizadas por três pessoas, a autora desta dissertação e duas estudantes de graduação em Psicologia, através de consenso.

Os procedimentos realizados foram comuns a todos os casos estudados. Cada casal foi contatado em grupos de gestantes ou por indicação e sua participação se deu através de voluntariado. No primeiro momento, solicitou-se que as gestantes preenchessem uma **Ficha de Contato Inicial**. Aquelas que corresponderam aos critérios para inclusão na amostra foram contatadas novamente e convidadas para, junto com seus companheiros, participar do estudo. Desta forma, no terceiro trimestre de gestação, foram realizadas as primeiras entrevistas com cada casal, em suas residências. Nesta fase do estudo, cada dupla foi solicitada a assinar o **Consentimento Informado** e a completar a **Ficha de Dados Demográficos do Casal**. Depois disto, foi realizada a **Entrevista com o Casal sobre sua História**.

Após o nascimento dos bebês, uma visita social foi feita a cada família. No terceiro mês de vida dos bebês, realizou-se a segunda entrevista, a **Entrevista com o Casal com Bebê de Três Meses**, que também foi feita nas residências de cada família.

As etapas seguintes se desenvolveram no Laboratório de Pesquisa do Departamento de Psicologia do Desenvolvimento, no Instituto de Psicologia da UFRGS. No oitavo mês de vida dos bebês, foi realizada a **Entrevista com o Casal com Bebê de Oito Meses**. Da mesma

forma se procedeu no décimo-segundo mês de vida dos bebês, com a **Entrevista com o Casal com Bebê de Doze Meses**, e no décimo-oitavo mês de vida dos bebês, através da **Entrevista com o Casal com Bebê de Dezoito Meses**.

Todas as entrevistas foram gravadas em videoteipe, transcritas e analisadas posteriormente. Com o objetivo de manter o sigilo e a proteção dos dados, o material de registro é mantido pelo GIDEP (Grupo de Interação Social, Desenvolvimento e Psicopatologia), no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2.3. Instrumentos

Os instrumentos utilizados na primeira fase do estudo são os seguintes:

- **Ficha de Contato Inicial** (Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi & Ribeiro, 1998a): a gestante é solicitada a registrar alguns dados demográficos do casal e informações importantes para a inclusão, ou não, na amostra (vide Anexo A).
- **Entrevista de Dados Demográficos do Casal** (Piccinini e cols., 1998b): o casal é solicitado a preencher uma ficha com seus dados demográficos mais específicos (vide Anexo B).
- **Consentimento Informado** (Piccinini e cols., 1998c): o casal é questionado com relação ao seu consentimento em participar da pesquisa e na utilização do material coletado para estudos posteriores (vide Anexo C).
- **Entrevista com o Casal sobre sua História** (Castoldi & Lopes, 1998): o casal é solicitado a contar a história de seu relacionamento, desde que se conheceram até o presente e suas expectativas futuras sobre a relação. Nessa entrevista são investigadas as motivações na escolha conjugal, as circunstâncias do encontro inicial, a saída da casa dos pais, como foi o início da vida a dois, como está sendo a mesma e o que esperam para o futuro (vide Anexo D).

Na segunda fase do estudo, utilizou-se:

- **Entrevista com o Casal com Bebê de Três Meses** (Piccinini e cols., 1999a): esta entrevista é realizada com o casal para investigar como está sendo a vida da família no momento atual, como é o temperamento do bebê, como é a rotina da família e como está o relacionamento do casal (vide Anexo E).

Na terceira fase, utilizou-se:

- **Entrevista com o Casal com Bebê de Oito Meses** (Piccinini e cols., 1999b): esta entrevista é realizada com o casal para investigar como está sendo a vida da família no momento atual, como é o temperamento do bebê, como é a rotina da família e como está o relacionamento do casal (vide Anexo F).

Na quarta fase, utilizou-se:

- **Entrevista com o Casal com Bebê de Doze Meses** (Piccinini e cols., 2000): esta entrevista é realizada com o casal para investigar como está sendo a vida da família no momento atual, como é o temperamento do bebê, como é a rotina da família e como está o relacionamento do casal. Pergunta-se, também, como foi o aniversário de um ano do bebê (vide Anexo G).

Finalmente, na quinta fase do estudo, utilizou-se:

- **Entrevista com o Casal com Bebê de Dezoito Meses** (Lopes & Menezes, 2000): esta entrevista é realizada com o casal para investigar como está o relacionamento com o bebê e como está o relacionamento do casal no momento atual. Além disso, investiga-se quais os modelos de cônjuges que o casal tem e como vê seus pais como casal (vide Anexo H).

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Este estudo tem o objetivo de avaliar a relação conjugal durante a transição para a parentalidade, a partir de dois enfoques: a avaliação que cada casal faz de sua relação nos diferentes momentos da transição e a interação comunicacional que estabelece durante as entrevistas conjuntas. Para tanto, cinco casos foram estudados, longitudinalmente, através das análises qualitativa e quantitativa de conteúdo (Laville & Dionne, 1999).

A avaliação que cada casal faz de sua relação conjugal, nos diferentes momentos considerados, foi analisada através da análise qualitativa de conteúdo (Laville & Dionne, 1999). Segundo Laville & Dionne (1999) esta abordagem se apóia, como a quantitativa, numa categorização dos elementos, mas, ao invés de reduzi-los a frequências, detém-se em suas peculiaridades e nuances. Para os autores há três diferentes modos de análise de interpretação qualitativa: o Emparelhamento, a Análise Histórica e a Construção Iterativa de uma Explicação. Considera-se que o presente estudo se enquadra no terceiro modo de análise, que não supõe a presença prévia de um ponto de vista teórico estruturado e permite que o pesquisador elabore, pouco a pouco, uma explicação lógica do fenômeno estudado. Neste estudo, a análise qualitativa de conteúdo se baseou em algumas categorias temáticas desenvolvidas à medida que os dados foram analisados. As categorias temáticas que nortearam a análise da entrevista realizada durante a gestação foram as seguintes: *como o casal se conheceu; a participação das famílias de origem na história do casal; o desenvolvimento da relação conjugal; como está a relação conjugal no presente; e quais os planos para o futuro*. As categorias temáticas que nortearam a análise de cada caso, a partir do terceiro mês de vida do bebê, foram as seguintes: *temperamento do bebê; onde o bebê dorme; participação nos cuidados com o bebê; concordância/discordância com relação aos cuidados com o bebê; relação com a família de origem; tempo que a família tem para ficar junta; lazer da família; onde mora a família; relação do casal; mudança/não-mudança; expectativas confirmadas/não-confirmadas; queixa do comportamento do cônjuge; conflitos; atividade profissional retomada/não retomada; planos para o futuro; tempo que o casal tem para ficar junto; lazer do casal e existência de evento estressor*.

A interação comunicacional estabelecida pelos casais durante as entrevistas foi analisada através da análise quantitativa de conteúdo (Laville & Dionne, 1999). Nesta

abordagem, o pesquisador constrói distribuições de frequências e outros índices numéricos após ter reunido os elementos tirados dos conteúdos em categorias. São também análises que devem se prolongar através da interpretação dos resultados que emergem e de um retorno ao sentido dos mesmos. Na presente investigação, a análise quantitativa de conteúdo foi realizada a partir de uma adaptação das categorias propostas por Veroff, Sutherland, Chadila e Ortega (1993). Estes pesquisadores desenvolveram um sistema de codificação da interação conjugal a partir de cada troca de fala ocorrida entre marido e mulher. As categorias de interação comunicacional do casal, consideradas neste estudo, são as seguintes: (1) **apoio**, envolvendo as sub-categorias *confirmação*, que é a concordância, o uso de expressões como “sim”, “é” ou a repetição do que o cônjuge falou anteriormente; *colaboração*, que é a colaboração com o que o cônjuge está falando, havendo o acréscimo de alguma informação nova; e *confirmação-colaboração*, que é a afirmação da colocação anterior do cônjuge e o acréscimo de algo de novo; (2) **conflito**, que consiste na sub-categoria *discordância*, que é a existência de discordância ou de interrupção do cônjuge, com uma resposta negativa; e (3) **não-apoio**, que envolve as sub-categorias *conversa-paralela*, que é a continuação da narrativa sem refletir sobre o comentário anterior do esposo; *não-responsividade*, que é a evitação explícita de responder ao comentário prévio do cônjuge; e *desqualificação*, que é a desvalorização explícita do que o cônjuge falou ou fez.

Todas as análises dos dados foram realizadas por três pessoas, a autora desta dissertação e duas estudantes de graduação. A seleção e identificação das categorias temáticas e a categorização da interação comunicacional foram estabelecidas e definidas através do consenso entre as três avaliadoras.

Para fins de organização dos resultados, optou-se por apresentar cada um dos casos, compostos por cinco entrevistas transcritas e analisadas, separadamente. A apresentação segue a seguinte ordem: para cada etapa considerada, são relatados os resultados da análise qualitativa de conteúdo e, em seguida, os resultados da análise quantitativa de conteúdo. Desta forma, são apresentadas as sínteses de cada entrevista, dos cinco casos estudados, referentes à avaliação da relação conjugal, bem como as distribuições de frequência das categorias quantitativas referentes à interação comunicacional estabelecida.

Para uma maior compreensão das interações comunicacionais estabelecidas pelos casais, longitudinalmente, apresenta-se, em anexo, uma tabela geral referente às interações comunicacionais estabelecidas por todos os casos nos diferentes momentos da transição para a parentalidade (vide ANEXO I).

3.1. Caso 1: casal Taís e Lucas

3.1.1. A História do Casal

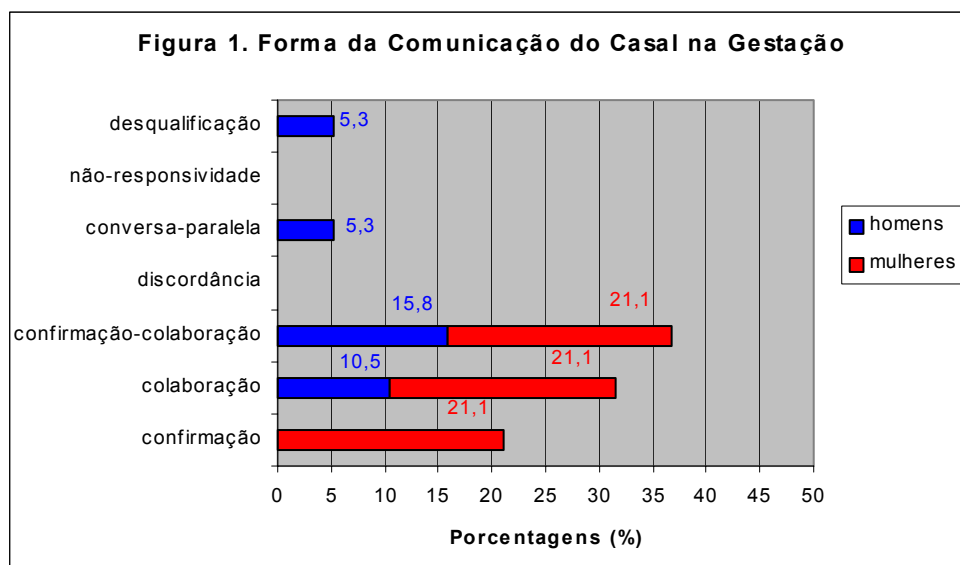
Taís e Lucas contaram sua história no terceiro trimestre da gestação de Taís e o fizeram de forma breve e pouco detalhada. Durante a entrevista Lucas foi mais falante e ativo, enquanto Taís foi mais quieta e passiva.

Os dois já se conheciam de vista, mas começaram a se envolver a partir de um encontro em uma danceteria. Namoraram durante seis meses. Após este período, Taís se mudou para a casa de Lucas, o que ocorrera acerca de um ano e meio, aproximadamente. Lucas relatou que Taís teve bastante dificuldade em sair da casa de sua família de origem, pois estava deixando os avós que a haviam criado. Quando questionados sobre a vida de casal, Lucas respondeu que estava tranqüila e “suada”, e que havia mudado depois da gravidez, em função do aumento da responsabilidade. Taís não respondeu a esta questão, mostrando-se sempre menos participativa que o esposo.

Como plano para o futuro, Lucas mencionou criar a filha. Sobre o processo de decisão de ter um filho, Taís salientou que foi o marido quem quis e insistiu para que ela engravidasse. Na versão de Lucas, o bebê foi “mais ou menos planejado” e, na de Taís, foi um acidente, pois “a camisinha estourou”. Durante a entrevista, Taís relatou ter bastante medo com relação ao parto, o que Lucas considerou como “manha” da esposa.

3.1.2. Distribuição de Freqüência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas na Gestação.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 19.



Como se pode ver na Figura 1, os turnos de fala do casal concentraram-se nas categorias de apoio (89,6%), pouco nas de não-apoio (10,6%) e não houve nenhuma troca de fala referente à categoria de conflito. Do total de turnos referentes à categoria apoio, 41,1% foram confirmação-colaboração (23,5 da esposa e 17,6 do esposo); 35,2% foram colaboração (23,5 da esposa e 11,7 do esposo) e 23,5% foram confirmação, todos emitidos pela mulher. Todos os turnos referentes à categoria não-apoio foram emitidos pelo esposo.

3.1.3. O Casal no Terceiro Mês de Vida do Bebê

No terceiro mês após o nascimento de sua filha, o casal foi entrevistado sobre o temperamento do bebê e sobre sua relação conjugal. Taís mostrou-se mais ativa e falante quando respondeu às questões sobre sua filha e novamente retraída e quieta quando falavam sobre a relação do casal. Lucas, por sua vez, manteve-se participativo, como na entrevista anterior. Segundo Lucas, a filha faz “manha”, assim como sua esposa, é conversadeira e gosta de atenção. Na versão de Taís, a filha é calminha, bem-humorada e risonha, mas às vezes fica braba. Durante a entrevista, o bebê participou bastante, através de chorinhos e balbucios. O casal concordou que quem passa a maior parte do tempo com o bebê e consegue acalmá-la com mais facilidade é Taís. Entretanto, mencionaram que discordam com alguns aspectos relativos aos cuidados com a filha. A mãe de Lucas é bastante participativa na criação da neta e costuma auxiliar Taís com bastante frequência.

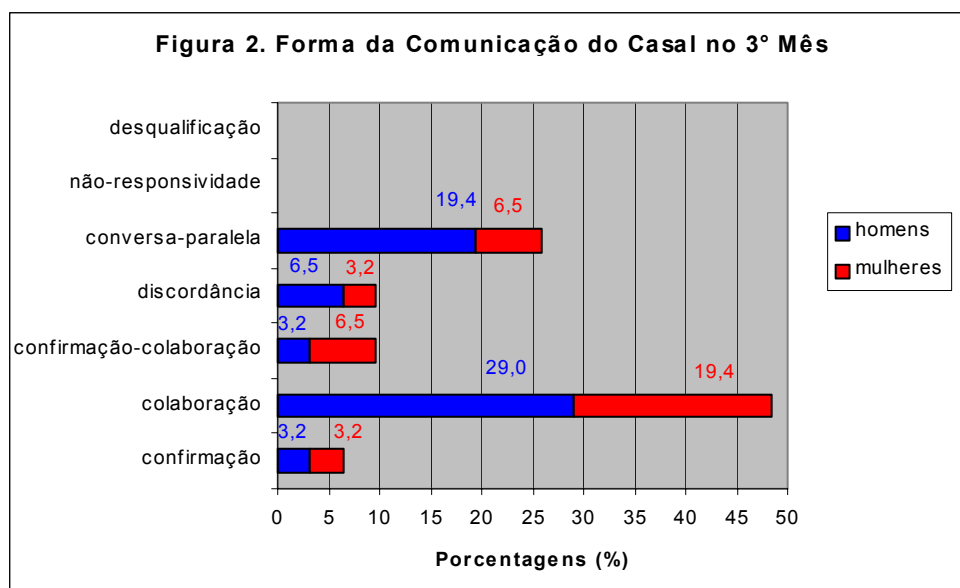
Com relação à conjugalidade, Taís considerou que esta está normal, “a mesma coisa” e Lucas referiu, como na entrevista anterior, que estão “trabalhando bastante”. Sobre as

modificações que o nascimento da filha proporcionou, Lucas mencionou o aumento da responsabilidade, dizendo que “muda um pouco a coisa, está diferente um pouco, fica mais sério”. Neste aspecto, Taís discordou do marido, pois disse que não havia nenhuma mudança e que tudo estava igual. Ela apenas referiu que se sente mais ocupada.

Um conflito entre os cônjuges apareceu quando ambos relataram que Lucas costuma jogar futebol com seus amigos e voltar muito tarde para casa, o que ocorre com bastante frequência. Ele comentou que Taís fica muito braba e não gosta desta situação, mas não demonstrou intenção de diminuir a frequência de atividades fora de casa. Taís, por sua vez, mencionou que não tem tempo para lazer e Lucas contribuiu dizendo que costumavam ter mais tempo no passado. No entendimento de Lucas, a diminuição do tempo de lazer da família se dá porque querem terminar a construção de sua casa, o que requer tempo e dinheiro.

3.1.4. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Terceiro Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 31.



Como se pode constatar na Figura 2, houve um predomínio das categorias de apoio (64,5%). As categorias de não-apoio representam 25,9% do total de trocas de falas entre os

cônjuges e as de conflito, 9,7%. Do total de turnos referentes a apoio, 74,9% foram colaboração (44,9 do marido e 30,0 da esposa); 14,9% foram confirmação-colaboração (4,9 do marido e 10,0 da esposa); e 9,8% foram confirmação (4,9 de cada cônjuge). Do total de categorias de conflito, 67% foram emitidas pelo marido e 33% pela esposa. A categoria referente a não-apoio, conversa-paralela, foi a única que apareceu neste momento. Do total de conversas-paralelas ocorridas, 75% foi do marido e 25% da esposa.

3.1.5. O Casal no Oitavo Mês de Vida do Bebê

Durante esta entrevista, o casal interrompeu-se com frequência. Lucas continuou mais falante que Taís, exceto quando questionados sobre o bebê. O bebê também continuou participando da entrevista do casal, de forma intensa, através de balbucios.

Segundo Lucas, a filha está “difícil para comer”, não é muito de chorar e é bastante manhosa. Na versão de Taís, a filha é uma criança ativa, alegre e de bem com a vida. Aos oito meses, o bebê ainda está dormindo no quarto do casal e tem dormido na cama dos pais com os mesmos. Lucas referiu que dorme nos pés da cama, pois a filha ocupa seu espaço. Taís continua participando mais dos cuidados com o bebê e é quem passa mais tempo com a filha. Ela mencionou que ainda conta com a ajuda da sogra nos cuidados com a filha. O casal discorda com relação a alguns aspectos da educação da filha. Como exemplo de conflito, citam a permissividade de Lucas quando a filha quer ficar no chão e mexer nas coisas, o que deixa Taís preocupada e contrariada.

Taís passa o dia todo com o bebê e costuma sair para passearem juntas. Lucas trabalha de manhã e de tarde e passa em casa apenas para almoçar. Nos momentos em que estão os três juntos, à noite, os pais costumam brincar com a filha. A rotina do fim-de-semana, segundo Taís, é igual à da semana.

Os contatos com as famílias de origem são mais intensos com a família de Lucas. O casal não tem visitado a mãe de Taís, que mora no interior do estado, há algum tempo. A mãe de Lucas, que vinha ajudando bastante Taís com os cuidados com o bebê, ainda o faz, mas tem estado mais afastada porque tem cuidado de sua mãe, que está doente.

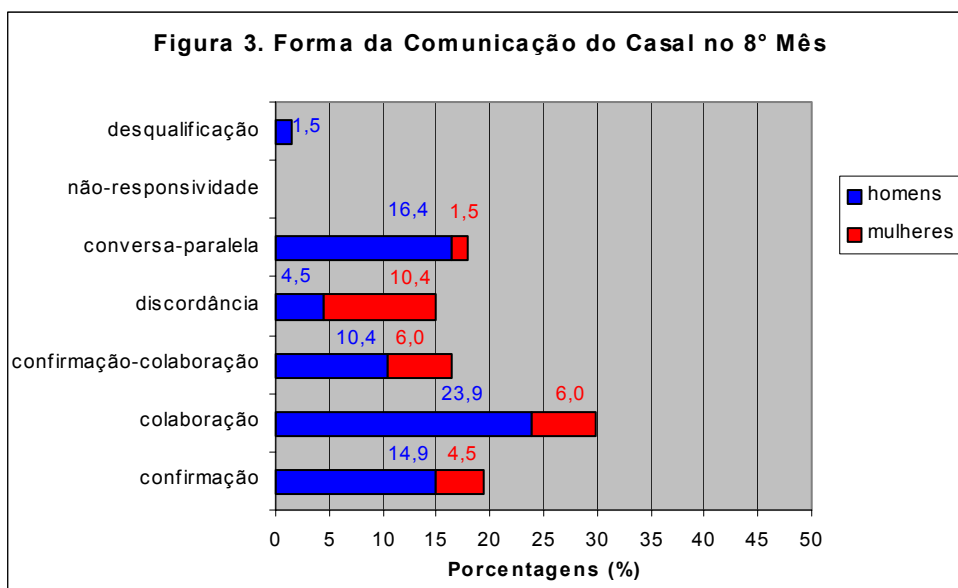
O lazer da família é passear em parques, o que referiram fazer com mais frequência antes. Atualmente, Taís considera que saem pouco, apenas passeiam visitando vizinhos e parentes.

Sobre a vida do casal, ambos concordaram que está preenchida com muito trabalho e que anda uma “correria”. Lucas relatou que estão tendo algumas brigas, mas considera que “isso é normal, pois não é briga de o pau comer frouxo”. Ele mencionou que sempre tem questões com as quais discordam um do outro. O tempo que o casal dispõe para ficar junto é quando o bebê dorme. Sobre as mudanças que ocorreram em função do nascimento da filha, Lucas mencionou que tem jogado menos futebol e Taís, que está sempre com a filha. Ela disse que já esperava que fosse assim e que suas expectativas estão sendo confirmadas. Ele, por sua vez, mencionou que esperava “mais ou menos” que fosse assim e que levou um “susto”, pois achava que a filha seria mais quieta por ser uma menina.

O casal ainda está enfrentando conflitos com relação às saídas de Lucas após o trabalho, para jogar e beber com os amigos. Taís briga com o marido porque este chega muito tarde em casa. Eles discordaram quando foram exemplificar a frequência das saídas de Lucas. Segundo ele, suas saídas com os amigos ocorrem uma ou duas vezes por semana. Segundo ela, apenas uma ou duas vezes por semana é que o marido não sai.

3.1.6. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Oitavo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 67.



Como se pode verificar na Figura 3, há um predomínio das categorias de apoio, que representam 65,7% do total de trocas de fala entre os cônjuges. As categorias de não-apoio representam 19,4% e a de conflito, 14,9% do total. Do total de trocas de fala referentes à categoria apoio, 45,4% foram colaboração (36,3 do marido e 9,1 da esposa) e 24,9% foram confirmação-colaboração (15,8 do marido e 9,1 da esposa). Das categorias de conflito que foram identificadas, 69,7% foram emitidas pela esposa e 30,3% pelo esposo. Por fim, do total de categorias de não-apoio, 92,2% foram conversa-paralela (84,5 do marido e 7,7 da esposa) e 7,7% foram desqualificações emitidas pelo marido.

3.1.7. O Casal no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê

Na entrevista sobre a filha, Taís mostrou-se mais responsiva do que na entrevista sobre o casal. Enquanto Taís respondia às questões de temperamento do bebê, Lucas, em muitos momentos, conversava com a filha. Comparando a participação de Lucas nesta entrevista com as demais, constata-se que ele falou um pouco menos. Durante a entrevista, o bebê participou bastante, emitindo já alguns sons e balbucios.

Neste momento, em que estava com doze meses, o bebê dormia na cama do casal e Lucas, em um colchão do lado da cama. Ele referiu ter sido excluído e Taís lhe respondeu que ele foi para o chão porque quis. Como nos outros momentos, quem participa mais dos cuidados com a filha é Taís e ambos sempre têm coisas de que discordam com relação aos cuidados com o bebê. Na qualificação de Lucas, estas brigas são algo “normal”. A família

havia realizado uma viagem ao interior, para visitar a mãe de Taís, no intervalo entre a entrevista anterior e esta.

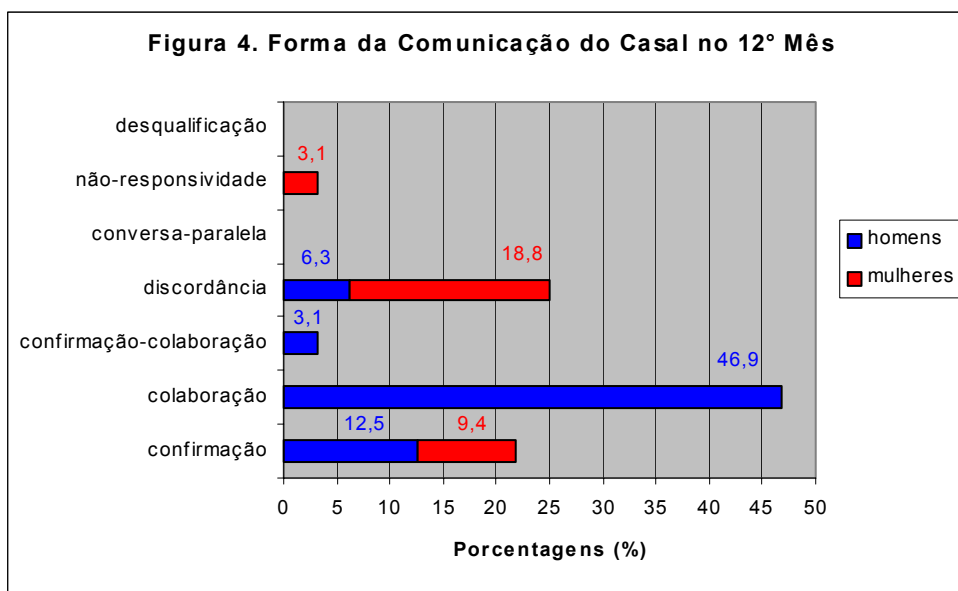
Quando interrogados sobre como estava a vida do casal, Lucas disse que estão “esperando um maninho”, ao que Taís, rapidamente, respondeu negativamente. Ela falou que a filha já preenchia de forma intensa a casa e que mais um filho seria demais e não estava em seus planos.

Lucas continuava trabalhando durante todo o dia e indo almoçar em casa com a família diariamente. Taís, por sua vez, costumava passar o dia todo com a filha, cuidando dos afazeres domésticos. O conflito do casal com relação às saídas e à bebedeira de Lucas apareceu também nesta entrevista. Taís mencionou que não gosta de ficar sozinha enquanto o marido está se divertindo ou viajando com os amigos. Apesar destes conflitos, Taís referiu que suas expectativas estão sendo confirmadas, uma vez que já imaginava que este momento da vida seria assim e seus planos não se modificaram.

O casal referiu que tem poucas atividades de lazer como passeios, os quais só ocorrem esporadicamente. Neste sentido, também, Taís queixou-se da ausência do marido e de que acabam passeando, muitas vezes, apenas ela e a filha. Desta forma, nos fins-de-semana a rotina nem sempre muda, pois muitas vezes Lucas trabalha ou não está com a família, pois tem outras atividades. Entretanto, ele relatou que quando tem mais tempo se dedica a brincar mais com sua filha.

3.1.8. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 32.



Como se percebe na Figura 4, os turnos de fala dos cônjuges se concentraram nas categorias de apoio (71,9% do total) e tiveram menos predomínio das categorias de conflito (25,1% do total) e de não-apoio (3,1%). Do total de categorias de apoio, 65,2% foram colaborações, emitidas pelo marido; 30% foram confirmações (17,4 do marido e 9,4 da esposa); e 4,3% foram confirmação-colaboração, feitas pelo marido. Do total de categorias de conflito, 75% foram emitidas pela esposa e 25% pelo esposo. As trocas de fala de não.apoio foram representadas pela categoria de não-responsividade emitidas pela mulher.

3.1.9. O casal no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê

Nesta entrevista, que é mais curta que as anteriores, Taís manteve-se mais quieta e Lucas mais falante, como nas anteriores. Também o bebê participou menos nesta entrevista do que nas outras.

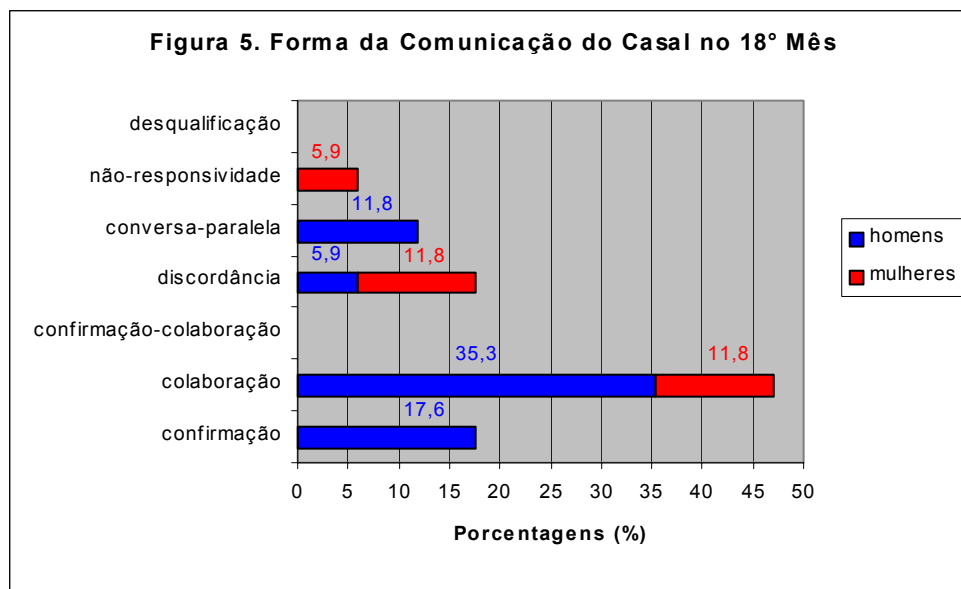
Os pais relataram que a filha, que antes não chorava, agora está arteira e está dando mais trabalho. Segundo eles, o bebê só quer saber de mamar no peito da mãe, “só quer a teta”. A mãe de Lucas ajuda Taís a cuidar da filha e Lucas considera que este auxílio “é tri bom, porque tem uma folga”.

Lucas relatou, sobre a relação conjugal, que “tem dias que o pau come frouxo” e que discutem com muita frequência. Entretanto, apesar de apontar esta questão, Lucas comentou que “isso é normal”. O casal não tem tempo para os dois e o conflito com relação às saídas, exclusivas de Lucas, permanece, resultando em muitas brigas entre os dois. Nenhum deles,

quando questionados, referiu ter um casal como modelo. Entretanto, Lucas comentou que não queria ser como seus pais, que estão sempre brigando. Segundo seu relato, o pai era muito briguento e bebia bastante, tornando-se agressivo muitas vezes e batendo na esposa e nos filhos. Lucas salientou que não quer ser como seu pai e que, quando bebe, não perde a consciência do que está fazendo como acontecia com o mesmo. Taís não respondeu a esta questão.

3.1.10. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 17.



Pode-se perceber na Figura 5 uma concentração das trocas de fala nas categorias de apoio (64,7% do total) e uma equivalência das categorias de não-apoio (17,7%) e de conflito (17,7% também). Do total de categorias de apoio, 72,7% foram colaborações (54,5 do homem e 18,2 da mulher); e 27,2% foram confirmações emitidas pelo marido. Do total de categorias de conflito, 66,6% foram emitidas pela esposa e 33,3% pelo esposo. Com relação ao total de categorias de não-apoio, 66,6% foram conversa-paralelas emitidas pelo marido e 33,3%, não-responsividade por parte da esposa.

3.2. Caso 2: casal Aline e Vitor

3.2.1. A História do Casal

Durante a entrevista sobre sua história, realizada durante o terceiro trimestre da gestação de Aline, o casal respondeu de forma participativa aos questionamentos. Vitor falou primeiro, com bastante detalhes, a respeito de como se conheceram e, depois, Aline contou a sua “versão” da história.

Segundo Vitor o encontro entre ele e Aline foi “o máximo”. Eles se conheceram em um baile e, após o primeiro encontro, não tinham muitas expectativas de que o outro fosse se interessar realmente. Aline contou que, naquela época, estava muito “machucada” em função de um relacionamento anterior e não queria se envolver com ninguém. Segundo Aline, ela apenas foi ao baile naquele dia porque sua família, em especial a mãe e uma tia, insistiu muito.

No baile, a iniciativa de se conhecerem foi de Vitor, que convidou Aline para dançar algumas vezes. Entretanto, foi Aline quem telefonou para ele após este primeiro encontro. Ainda no baile, quando dançavam, Aline disse para Vitor que tinha um filho. Enquanto relatou esse episódio, Aline riu mencionando que o filho era, na verdade, seu cachorro. Sua intenção, na época, era verificar se ele estava realmente interessado por ela ou não: “se ele tá a fim mesmo, vai com filho mesmo”. Quando Vitor foi até a casa de Aline e a questionou sobre seu filho, Aline percebeu que ele estava interessado realmente por ela, pois “ele foi mesmo sabendo que tinha um filho, de repente tava a fim mesmo, né?” (sic).

Começaram logo a namorar e, então, a pensar em casamento. Neste intervalo, Vitor foi morar no terreno da frente da casa da mãe de Aline, pois estavam construindo a casa do casal no terreno e porque, segundo Vitor, “eram duas mulheres sozinhas”.

Vitor relatou que a saída da casa de sua família foi tranqüila, pois ele já havia morado com uma outra pessoa antes. Entretanto, a saída de Aline da casa de sua mãe não foi tranqüila. Segundo eles, a mãe de Aline não esperava que ela saísse de casa e teve um surto psicótico quando ocorreu a mudança da filha. Aline considera que sua mãe queria que ela ficasse a vida inteira cuidando dela.

Segundo ambos, este foi um período bastante conturbado em que a mãe de Aline tornou-se muito agressiva e difícil de conviver. Aline mencionou na entrevista que, no início da sua relação com Vitor, sua mãe mostrou-se incentivadora e apoiadora. Ela entende que a mãe queria, na verdade, que ela tivesse apenas “um namorico, nada sério”. Depois que a

relação entre o casal ficou mais séria e passaram a planejar o casamento, a mãe de Aline posicionou-se contra Vitor e teve seu primeiro surto psicótico. Nesta época, Aline sentiu-se muito fragilizada e triste, pois sua mãe dizia que Vitor iria machucá-la e que ele “não prestava, que era ruim”. Aline contou também que nunca soube contestar a mãe e que não conseguia lhe dizer “não”. Sua intenção, ao morar no mesmo terreno que a mãe, era poder cuidá-la de perto.

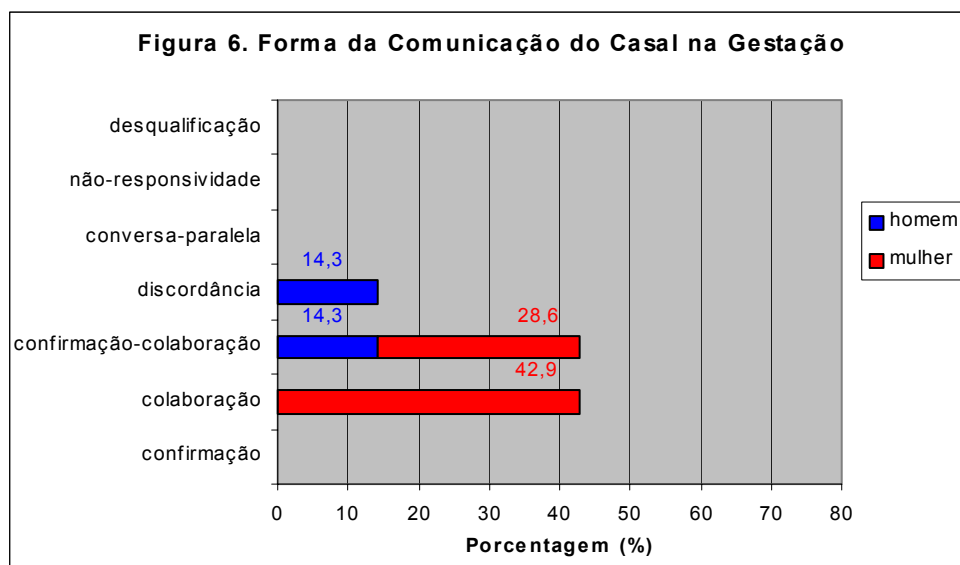
Desde o primeiro surto, a mãe de Aline teve três crises graves, sendo que a última foi há três anos, quando ficou internada em uma instituição psiquiátrica por algum tempo. Durante o segundo surto, a mãe de Aline a chamava de “assassina” e dizia que Aline e Vitor estavam “matando” seu filho adotivo.

No momento desta entrevista, a mãe de Aline estava mais controlada e, inclusive, fazendo tratamento medicamentoso. A relação entre Aline e sua mãe havia sido retomada, mas a de Vitor com a sogra não.

Quando questionada sobre a validade de tudo que passaram juntos, Aline se posiciona dizendo que valeu a pena ter saído de casa em função de ter conhecido Vitor. Em seus planos, Aline disse que a mãe não irá interferir na criação e na educação da filha. Ambos planejam permanecer no terreno onde estão morando, pois “construíram um patrimônio” e têm uma casa boa e grande ali. No futuro, ambos vêem-se juntos, num casamento que é duradouro.

3.2.2. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas na Gestação

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 7.



Como se percebe na Figura 6, os turnos de fala dos cônjuges concentraram-se nas categorias de apoio (85,8% do total), tiveram menos predomínio das categorias de conflito (14,3% do total) e nenhuma categoria de não-apoio. Do total de categorias de apoio, 50% foram colaborações feitas pela esposa; e 50% foram confirmação-colaboração (16,6 do marido e 33,3 da esposa). Do total de categorias de conflito, 100% foram emitidas pelo marido.

3.2.3. O Casal no Terceiro Mês de Vida do Bebê

Na entrevista inicial, a respeito do temperamento da filha, o casal contou que o bebê costuma acordar “faceirinha” e rindo, o que vai se modificando à medida que o dia passa e a filha torna-se mais ranzinza. Os pais já percebem que sua filha tem vontades próprias e que é curiosa. Também relataram que o bebê, muitas vezes, “briga com o seio” da mãe. Segundo Aline, a filha tem que se acostumar a ficar junto a ela por pouco tempo, pois, já neste momento, o bebê estava freqüentando a creche. O bebê começou a freqüentar a creche porque Aline voltou a trabalhar antes do término de sua licença maternidade.

No momento da entrevista, o bebê estava dormindo em sua cama, no quarto dos pais. A pessoa que mais conseguia acalmá-la, quando necessário, era a mãe, que também estava sendo a mais responsável pelos cuidados com o bebê. O casal relatou que não estava discordando com relação aos cuidados do bebê.

Além de Aline, sua mãe também estava participando muito dos cuidados com a neta. Com relação à constante participação da mãe de Aline no cotidiano da família, apareceu, nesta

entrevista, um conflito. Vitor comentou que as duas, a esposa e a sogra, começaram a dar comida para o bebê antes da autorização médica, o que o desagradou.

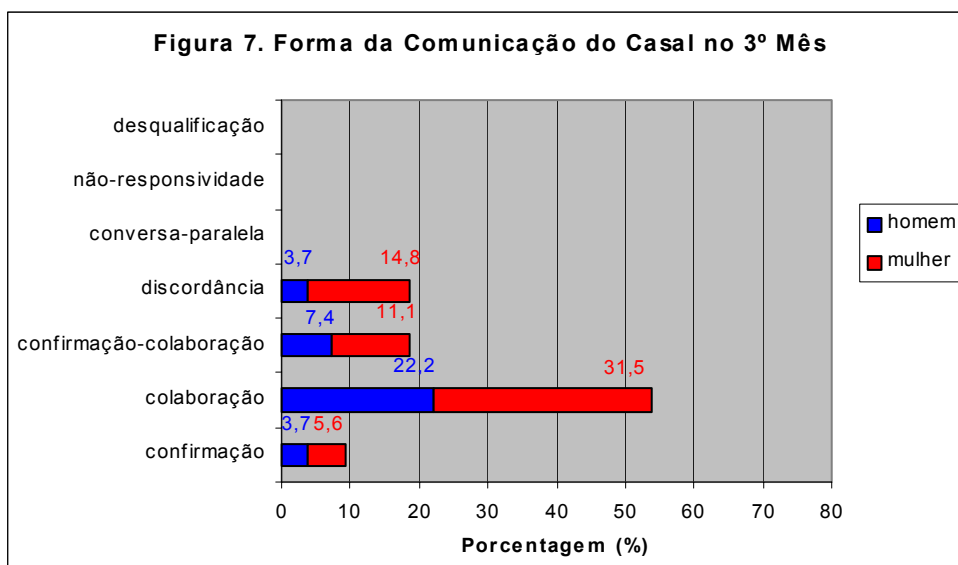
Tanto Aline quanto Vitor estavam trabalhando novamente quando esta entrevista foi realizada. O trabalho de Aline é mais intenso que o do marido, pois ela trabalha de manhã, de tarde e de noite, durante todos os dias da semana. Aline conta com alguns intervalos em seu trabalho, quando costuma ir até a creche da filha e amamentá-la. Outro conflito que apareceu durante a entrevista foi referente à volta de Aline ao trabalho, pois ela acha que está tendo regalias podendo amamentar a filha e o marido acha que isto não é um favor, mas sim um direito dela.

O lazer da família é “a mesma coisa de sempre, ir visitar os amigos, dançar...” e “não muda nada” segundo o casal. Um dos planos que têm para o futuro é ter mais contato com a natureza em função do bebê. Vitor comentou que o casal “vai voltar a ser criança”.

O tempo que o casal tem para ficar junto é quando se encontram, à noite. Segundo o relato de Vitor sobre o relacionamento do casal, “de dia tá tudo normal, de noite às vezes dá problema”. Aline, diferentemente, apontou sua visão de que eles estão mais próximos agora: “a gente se apegou mais, tem um ponto em comum agora”. Além disso, Aline considerou que “o Vitor ficou mais sensível e parece mais casado” depois do nascimento da filha. O casal concordou que os seus planos para o futuro não mudaram, pois o bebê já estava nos mesmos: “ela já tem o papel dela definido”.

3.2.4. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Terceiro Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 54.



Pode-se perceber na Figura 7 uma concentração das trocas de fala nas categorias de apoio (81,5% do total), uma menor incidência das categorias de conflito (18,5% também) e nenhuma categoria de não-apoio. Do total de categorias de apoio, 65,8% foram colaboração (27,2 do homem e 38,6 da mulher); 22,6% foram confirmação-colaboração (9 emitidas pelo marido e 13,6 pela esposa); e 11,3% foram confirmação (4,5 do esposo e 6,8 da esposa). Do total de categorias de conflito, 80% foram emitidas pela esposa e 20% pelo marido.

3.2.5. O Casal no Oitavo Mês de Vida do Bebê

Na parte inicial da entrevista, quando o casal é questionado a respeito do temperamento do bebê, os pais relataram que acompanham pouco o dia-a-dia da filha. Seu contato maior é com os relatórios da creche. Apesar disso, descreveram a filha como sendo agitada, “alegrezinha” (Vitor) e “meio instável” (Aline). Novamente apareceu a questão de que a filha já tem suas próprias vontades, que é gulosa e curiosa, pois gosta de observar tudo. Vitor contou que a filha está correspondendo às suas expectativas e relatou que ela foi programada, que “é um *robocop*”.

O casal se divide nos cuidados com a filha, mas Vitor é quem passa mais tempo com o bebê, pois Aline continua trabalhando muito. Desta forma, é Vitor quem leva e traz o bebê da creche e quem cuida dele até dormir. Apesar disto, quem acalma com mais facilidade o bebê é a mãe. Aline contou que a filha a espera à noite para vê-la e para mamar. Nos intervalos da creche em que Aline está acostumada a visitar a filha para amamentá-la, esta a espera ansiosa.

Freqüentemente, Vitor conta com a participação da sogra nos cuidados com a filha, que fica muito bem com a avó. Nesta entrevista, apareceu a queixa de Vitor com relação à participação excessiva da sogra na criação da filha. Ele mencionou que apenas conseguem dar banho e ficar com a filha “quando a avó não está em casa”, mas que “a vó tá sempre de plantão pra dar o banho nela”. Sobre a relação com sua mãe, Aline comentou que tinha esperanças de que melhorasse em função do nascimento da filha, já que aquela não se relacionava com o casal antes. Neste momento, entretanto, Aline referiu que a mãe passou a cuidar “até demais” de sua filha.

Com relação à mãe de Aline, Vitor relatou, inclusive, que percebe que ela torce para que o casal se separe. Novamente um conflito em função da mãe de Aline apareceu, pois Vitor disse que tenta conversar com Aline sobre a intromissão exagerada da sogra, mas não consegue ser ouvido porque sua mulher diz que a mãe é assim mesmo e que este é o jeito de ela ser. Vitor comentou que os conflitos entre ele e a sogra estão mais exacerbados. Ele ressaltou que está cansado da participação da sogra na vida de sua família e comentou que eles “pensam diferente”. Aline também discorda da mãe, mas não briga com a mesma e não consegue se impor.

A família de origem de Vitor não tem a mesma participação na vida da família. Sua mãe costuma cuidar de outros netos, mas não fica muito com sua filha. Os contatos são mais raros com a família de Vitor, uma vez que reside longe. No entendimento de Vitor, as mães têm que viver as suas vidas, pois já cuidaram de seus próprios filhos no passado.

A rotina da família continua semelhante à da entrevista anterior. De manhã, saem todos juntos e Vitor é “o chofer delas”. Aline trabalha nos três turnos do dia e chega em casa à noite, quando a filha já está dormindo. Em função de sua vida profissional bastante preenchida, Aline procura não ter horários muito rígidos com a filha, pois pensa que, se houver algum problema, o bebê não vai sentir tanto sua falta. O fim-de-semana da família é semelhante ao que era antes, mas, segundo o casal, agora têm o bebê para cuidar.

O tempo que o casal tem para ficar junto é depois que o bebê dorme e nos fins-de-semana quando saem juntos e a filha fica com a avó materna. As atividades de lazer que a família tem é sair para passear e para visitar amigos.

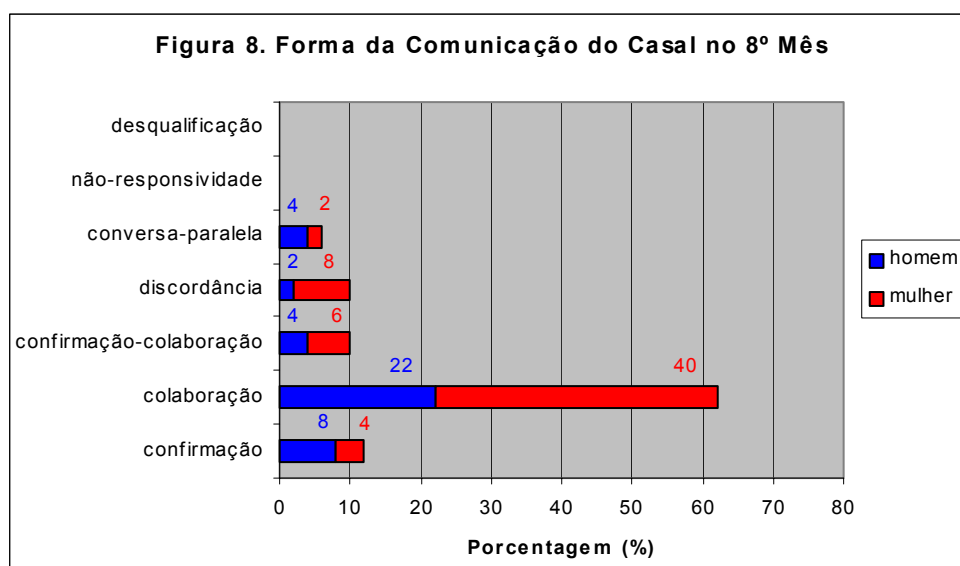
Quando questionados sobre como está o relacionamento do casal, Vitor comentou: “o nosso relacionamento começou com uma turbulência”, referindo-se ao fato de terem ido morar no mesmo terreno que a sogra e a todos os problemas que a saída de casa de Aline gerou. Vitor ainda falou: “a maior burrada foi ter feito a casa aqui (...), mas a Aline quis fazer a casa

no mesmo terreno da mãe dela pra cuidar dela”. Em função destas questões, o casal acaba muitas vezes discutindo.

Sobre as mudanças que o nascimento da filha trouxe, Vitor comentou que a relação do casal não mudou. Para Aline, houve mudanças, pois ela considera que eles estão mais calmos e que antes era muito “opiniática”. Vitor concordou dizendo que “tá tudo mais calmo”. Além disso, Aline comentou que a mudança também foi o acréscimo de uma pessoa na família. Por fim, Aline mencionou que após o nascimento da filha sente-se mais forte para impor sua vontade com a mãe e que não tem mais medo dela.

3.2.6. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Oitavo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 50.



Como se pode verificar na Figura 8, há um predomínio das categorias de apoio, que representam 84% do total de trocas de fala entre os cônjuges. As categorias de não-apoio representam 6% do total de trocas de fala entre o casal e a de conflito, 10% do total. Do total de trocas de fala referentes a apoio, 73,7% foram colaboração (26,1 do marido e 47,6 da esposa); 14,2% foram confirmação (9,5 do marido e 4,7 da esposa); e 11,8% foram confirmação-colaboração (4,7 do esposo e 7,1 da esposa). Das categorias de conflito que

foram identificadas, 80% foram emitidas pela esposa e 20% pelo esposo. Por fim, do total de categorias de não-apoio, 100% foram conversa-paralela (66,6 do marido e 33,3 da esposa).

3.2.7. O Casal no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê

Nesta entrevista, o bebê teve uma participação mais ativa, chorando e balbuciando em alguns momentos. O casal dividiu-se nas respostas de forma equilibrada.

Sobre o temperamento da filha, ambos comentaram que ela tem vontade própria e que é preguiçosa pra falar. Segundo Vitor, a filha é “rabugenta” e discute com a mãe. O bebê ainda dorme em sua cama no quarto dos pais e a avó materna continua participando bastante dos cuidados com a neta.

Quando perguntados sobre a festa de primeiro ano da filha, comentaram que ela aproveitou e que ficou acordada durante todo o tempo, pois havia muitas crianças. Eles contaram com a ajuda das duas avós na preparação da festa, que foi grande e bonita. Os convidados foram muitos, familiares e amigos do casal. Segundo Vitor, a família e os amigos de Aline ocuparam todas as cadeiras que ele havia arrumado para a festa. Ele queixou-se de que sua família, quando chegou, não tinha lugar para se sentar.

Com relação aos cuidados com a filha, Aline comentou que não gosta quando o marido fala alto e o bebê fica nervoso e assustado. Como os dois continuam trabalhando muito, referiram que estão pensando em colocar a filha na Kombi escolar no ano seguinte.

A mãe de Aline continuava participando da criação da neta e isso continuava incomodando Vitor. Ele falou que a sogra está convivendo muito em sua casa e que isto está atrapalhando “demais”. Vitor relatou: “às vezes eu repreendo a bebê e ela se mete na frente da bebê (...) ou fica debochando...”. Vitor sente que parece que ele não é nada e que não existe. Ele se queixou também de que a sogra considera que “só a Aline e a mãe dela é que sabem das coisas”. No momento em que Vitor se queixou da sogra, a filha começou a chorar bastante e a entrevista teve que ser interrompida. Sobre as dificuldades com a mãe, Aline continuou desculpando a mesma e dizendo que este é o seu jeito. Aline contou que seus pais, às vezes, chamam sua filha de “filha” e que o bebê, em alguns momentos, chama a avó de mãe. Aline disse que sua mãe aceita que isso está errado e tenta corrigir. Ela não sente maldade na mãe, apesar de mostrar-se incomodada com a situação.

No momento em que esta entrevista ocorreu, o casal estava em época de férias e comentou que estavam planejando passar vinte dias na praia. Vitor queixou-se de que a sogra

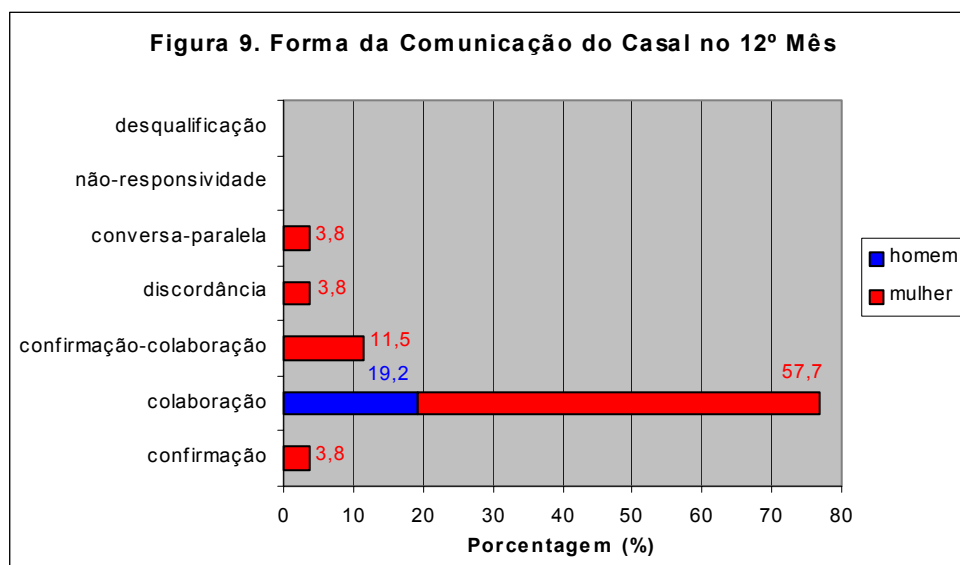
iria junto e comentou que a mesma "fez beijo quando a gente falou que ia" e eles tiveram que convidá-la.

A vida do casal está "normal, só tá ficando um pouco mais difícil" segundo Vitor, pois "o cuidado tem que ser maior, dobrado". Aline discordou do marido e disse que sempre foi preciso "ficar de olho" na filha e que agora ela já sabe se defender, parecendo que está mais fácil cuidá-la.

O casal contou que tenta conversar quando tem dificuldades e que sai junto, eventualmente, deixando a filha sob os cuidados da avó materna. As atividades de lazer são as mesmas dos outros momentos: sair para passear e para visitar amigos.

3.2.8. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 26.



Como se pode verificar na Figura 9, há um predomínio, com relação ao total de trocas de fala entre os cônjuges, das categorias de apoio, que representam 92,2%. As categorias de não-apoio representam 3,8% e as de conflito, 3,8% do total. Do total de trocas de fala referentes à categoria de apoio, 83,3% foram colaboração (20,8 do marido e 62,5 da esposa); 14,4% foram confirmação-colaboração emitidas pela esposa e 4,1% foram confirmação,

também emitida pela esposa. A única troca de fala referente à categoria de conflito foi emitida pela esposa, da mesma forma que a única troca de fala referente à categoria de não-apoio (que foi conversa-paralela).

3.2.9. O Casal no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê

Nesta entrevista, o casal comentou que a relação entre eles e a filha estava "a mesma coisa de sempre" (Vitor). Entretanto, mencionaram que agora a filha estava mais arteira e estava "aprontando" mais. Segundo Aline, "todo dia tem uma briga nova".

Sobre a relação do casal, Aline falou que estão "legal". O casal tem, seguidamente, momentos só para os dois, quando podem deixar a filha com a avó materna, pois ela fica muito bem. Entretanto, às vezes, a filha sai junto e acompanha o casal em suas atividades de lazer.

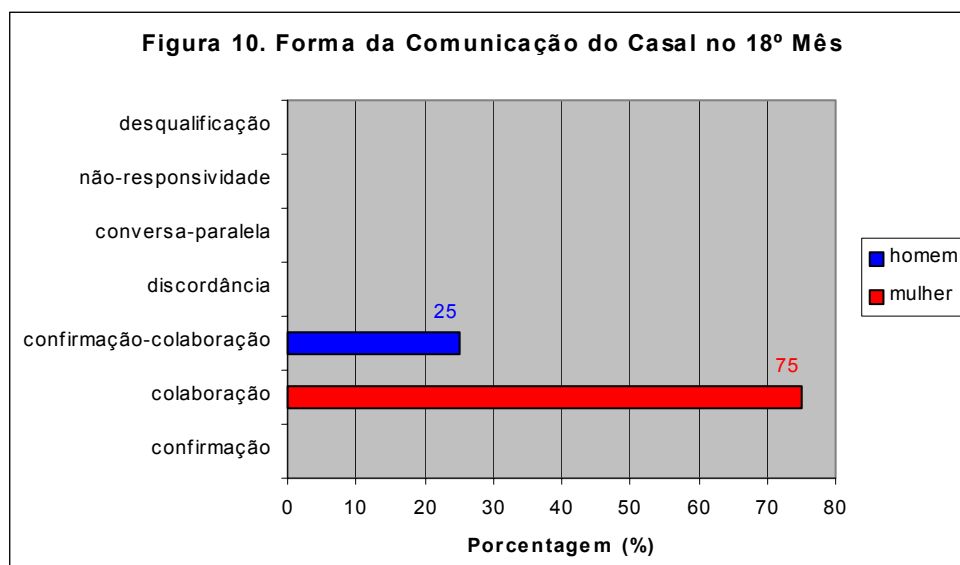
Quando foram questionados sobre um casal modelo, Vitor mencionou que tem um casal de amigos que aparentam se relacionar bastante bem. Aline, por sua vez, referiu que não tem modelo e que não existe ninguém a que gostaria de ser igual.

Sobre seus pais como pais, Vitor comentou que "era diferente... carinho era encher o filho de comida" e que "o troço era mais gelado". Aline comentou que a mãe cuidava muito das roupas dos filhos e também da comida e que seu pai era muito de agrado.

Sobre seus Pais como casal, Vitor falou que era "difícil e complicado". Aline, diferentemente, relatou que "não era difícil na idade do bebê", mas falou que "tinha a bisa que morava junto e era meio embolado". Aline criticou o jeito de ser de seu pai, que, segundo ela, era "muito gurizão" e imaturo.

3.2.10. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 4.



Como se pode verificar na Figura 10, todas as trocas de fala dos cônjuges foram referentes à categoria de apoio. Destas, 25% foram confirmação-colaboração emitidas pelo marido e 75% foram colaborações feitas pela esposa. Não houve trocas de fala referentes às categorias de conflito e de não-apoio.

3.3. Caso 3: casal Camila e Júlio

3.3.1. A História do Casal

Durante a entrevista sobre sua história, que foi realizada no terceiro trimestre da gestação de Camila, ela e Julio se revezaram nas respostas à entrevistadora, mostrando equivalência em termos de participação.

Eles se conheceram, realmente, num bingo, mas Julio já conhecia Camila de vista. Camila nunca havia lhe dado atenção, pois não tinha interesse. No momento do primeiro encontro, Camila recém terminara um relacionamento e estava sozinha.

Os pais de Camila aceitaram bem o relacionamento do casal. Eles já conheciam Julio, que freqüentava a mesma igreja, e gostavam dele. O namoro durou nove meses e, então, decidiram noivar. O interesse em oficializar a relação através do noivado partiu de Julio e o noivado durou três anos. Segundo eles, acabaram demorando um tempo para pensar realmente em casamento.

Quando o casamento aconteceu, os pais de Camila reagiram bem à sua saída de casa. Camila acredita que, se tivesse se mudado para longe, os pais teriam sentido mais a sua falta. Ela comentou que sua família “é muito unida”. A saída de casa de Julio também foi tranqüila e

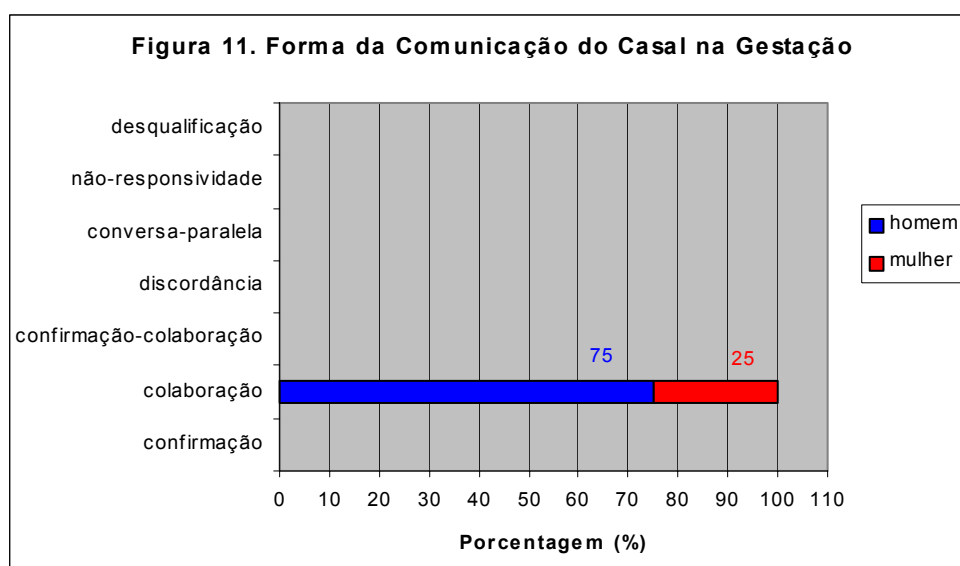
ele simplesmente avisou seus pais que pretendia se casar. Segundo seu relato, “eles ficaram no início meio assim, mas foram no casamento” e aceitaram a relação dos dois. Camila comentou, na entrevista, que sentiu falta da casa cheia da família, mas que foi bom terem-se casado. Julio não relatou problema algum em função do casamento.

O casal referiu que, atualmente, seu casamento está “normal, tá bom...”. Com relação à probabilidade de o bebê nascer a qualquer hora, Julio comentou que isso será “sem problemas” e Camila planejou que o casal com o bebê vai estar “melhor do que já tá, né?”. Camila também contou que quem realmente pensou em engravidar neste momento foi ela, mas que o marido reagiu bem à idéia.

No momento em que soube que estava grávida, Camila parou de trabalhar. Como teve uma vida “boa” e confortável com sua família de origem, ela pretende oferecer condições iguais ou melhores para a filha. Quando questionados sobre a possibilidade de terem mais filhos, o casal comentou que pensam em ter, no máximo, mais um bebê.

3.3.2. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas na Gestação

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 4.



Como se pode verificar na Figura 11, todas as trocas de fala dos cônjuges foram referentes à categoria de apoio de colaboração. Destas, 75% foram feitas pelo marido e 25% pela esposa.

3.3.3. O Casal no Terceiro Mês de Vida do Bebê

Quando questionados sobre o temperamento da filha, Julio participou menos que na entrevista anterior e Camila falou bastante.

O casal comentou que sua filha já tem vontades próprias, tem suas “manias esquisitas” e que não fica sozinha, pois é “muito agarrada, como o médico disse que ela ia ser” (Camila). Os pais descreveram o bebê como dengosa, calminha e com choro sem lágrimas. Segundo o pai, a filha só mama no peito. A mãe relatou um episódio em que o bebê só quis ficar com ela e Julio ficou magoado.

O bebê está dormindo em seu berço, no quarto dos pais. Camila é quem consegue acalmar o bebê com mais facilidade e é também quem passa a maior parte do tempo com a filha. Como já tinha experiência com crianças, pois cuidou de seus primos e afilhados, Camila mencionou que não teve muita dificuldade com os cuidados com a filha. Ela também falou que planeja que sua filha não seja arrogante e Julio concordou com a esposa.

Camila estava contando com a ajuda de sua irmã e da sogra nos cuidados com a filha. Segundo ela, a filha “é toda da avó paterna”. No momento da entrevista, a irmã de Camila estava dormindo no quarto que seria do bebê e auxiliando nos cuidados diários.

A rotina de Camila é passar o dia com a filha. Sua irmã participa bastante, mas não nos fins-de-semana, quando ficam apenas o casal e a filha em casa. Julio trabalha o dia todo e volta à noite. Muitas vezes, quando ele chega, o bebê já está dormindo.

Sobre a vida da família depois do nascimento do bebê, Camila respondeu: “para mim tá bom, melhor do que era, porque se era bom antes, agora então, nem se fala” e ainda: “a bebê é tudo pra gente”. Com relação ao casal, Camila comentou que atualmente sente que estão mais companheiros, dizendo: “a gente é mais amigo do que era, tenta fazer as coisas juntos”. Julio, sobre esta questão, afirmou: “sem problema... tá bom, assim...”. Neste sentido, Camila mencionou que está sendo como imaginava e Julio não emitiu sua opinião. Segundo o casal, seus planos não mudaram muito, porque já envolviam a filha anteriormente.

Quando perguntados sobre a relação do casal, Camila respondeu que “mudou alguma coisa por causa do bebê... muitas vezes eu tenho que deixar de fazer alguma coisa que eu e o

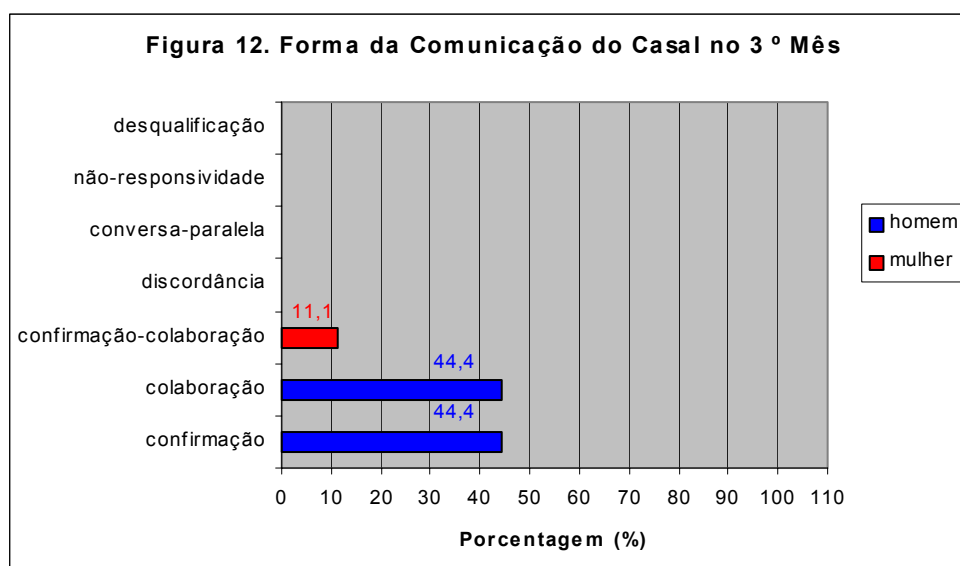
Julio fazia antes...”. Ela ainda comentou: “tem que dividir, tem que ser meio a meio, o marido tem que entender...”, referindo-se à redução de tempo disponível para o casal. Eles não haviam tido, até esse momento, tempo de ficarem só os dois como um casal.

Durante os finais de semana, a família não costuma ficar em casa. Eles visitam amigos e passeiam.

Nesta entrevista, apareceu a grande preocupação que Camila tem com a limpeza da sua casa. Ele reclamou do cansaço de cuidar da casa, que está mal cuidada, porque sua filha não fica sozinha ainda.

3.3.4. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Terceiro Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 9.



Como se pode verificar na Figura 12, todas as trocas de fala dos cônjuges foram referentes à categoria de apoio. Destas, 11,1% foram confirmação-colaboração emitidas pela esposa, 44,4% foram colaboração feita pelo marido e 44,4% foram confirmação feita pelo marido.

3.3.5. O Casal no Oitavo Mês de Vida do Bebê

Nesta entrevista, percebe-se que Julio estava menos participativo do que nas anteriores. A maior parte das respostas foi dada por Camila e o marido apenas falou quando questionado diretamente. O bebê, por sua vez, participou mais ativamente da entrevista através de choros e balbucios.

Camila comentou que a filha teve problemas nos “dentininhos”, que nasceram muito cedo e causaram bastante dor e incômodo. A característica mais marcante da filha é não ficar sozinha “de jeito nenhum”, pois é muito apegada aos pais e, em especial, à mãe. Camila referiu que a filha era muito dengosa, mas que agora está mais comportada e não chora muito. Novamente apareceu que o bebê já tem vontades próprias. A mãe comentou, ainda, que o humor da filha “é bom” e que esta “não é malvada, mas é muito ciumenta comigo”. Camila aparentou contradizer-se quando falou, ao término da entrevista sobre o bebê, que a filha “agora dá mais trabalho, tá mais sapeca”.

Neste período, o bebê já estava com sua rotina estabelecida e continuava dormindo em seu berço no quarto dos pais. Segundo Julio, ela “dorme com os dois e depois a gente passa ela para a caminha...”. Os pais costumam fazer a filha dormir, mas esta tarefa geralmente é assumida pela mãe. Nesta entrevista, diferentemente da anterior, Camila falou que suas expectativas não estão sendo confirmadas e afirmou que: “mais ou menos a gente imagina, mas nada é igual”.

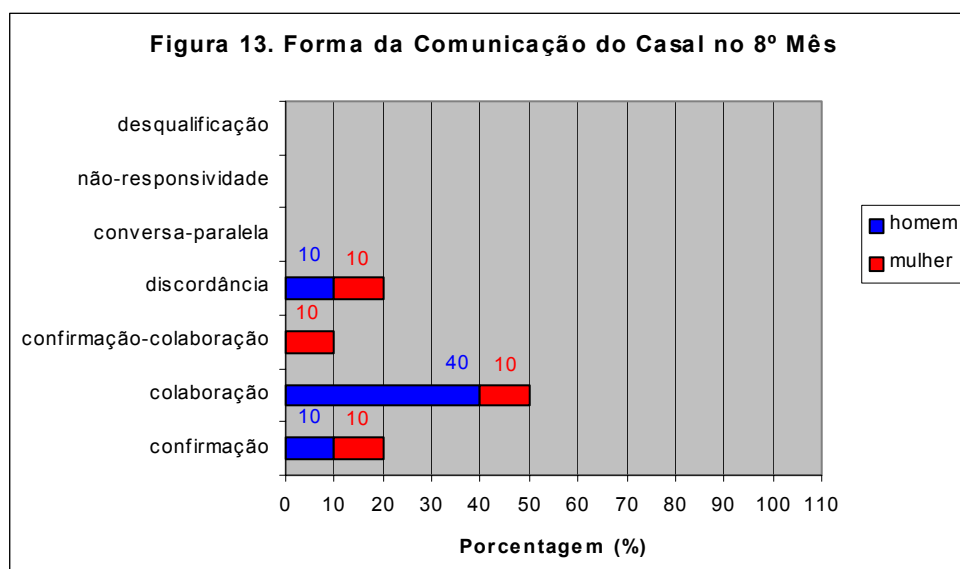
A rotina da família continuava semelhante. Camila passa a maior parte do tempo com a filha. Julio esteve sem trabalhar por um período, mas no momento da entrevista estava voltando para seu emprego antigo. Segundo eles, a filha percebe a falta do pai e o espera ansiosa. Novamente, Camila queixou-se de que não tem tempo para fazer o serviço da casa e falou: “eu faço o serviço só quando ela deixa”. Em alguns momentos, Camila pode deixar a filha com sua mãe, mas essa situação não ocorre com muita frequência.

O casal ainda não teve tempo para ficar junto. Eles comentaram que costumam deitar-se cedo e ficar assistindo televisão até tarde durante a semana.

No momento em que a entrevista foi realizada, Camila estava dando aulas de catequese aos sábados. Nestas situações, contava com sua mãe para cuidar da filha. O fim-de-semana, na realidade, é o domingo, quando sua rotina “muda tudo” (Camila), pois sempre saem, vão a parques, ao shopping, além de visitar familiares.

3.3.6. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Oitavo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 10.



Como se pode verificar na Figura 13, há um predomínio, com relação ao total de trocas de fala entre os cônjuges, das categorias de apoio, que representam 80% do total. As categorias de conflito representam 20% do total de falas do casal e não houve nenhuma categoria de não-apoio. Do total de trocas de fala referentes à categoria de apoio, 62,5% foram colaboração (50 do marido e 12,5 da esposa); 25% foram confirmação (12,5 da esposa e 12,5 do marido) e 12,5% foram confirmação-colaboração emitidas pela esposa. Do total de categorias de conflito que foram identificadas, 50% foram emitidas pela esposa e 50% pelo esposo.

3.3.7. O Casal no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê

Durante esta entrevista, o bebê participou ativamente, através de choros e balbucios e Camila falou mais que o marido.

Sobre a filha, comentaram que ela parou de mamar no peito no dia em que fez um ano e que “tem sono de gato”, de curta duração. Segundo a mãe, o choro do bebê é “fingido, choro

manhoso”. Camila também comentou que a filha gosta muito de sair e que, quando põe roupa nova, sabe que vai sair para passear e fica esperando.

Sobre as coisas que o bebê está fazendo com um ano, a mãe relatou: “brinca, chora, reclama, vê tv...”. Camila ainda acrescentou que a filha gosta de tudo e de todos e que “é um perigo ser roubada” porque não estranha ninguém. Segundo a impressão da mãe, a filha faz “balda quase todo dia” e é “muito dengosa e chorona”. Camila comentou que acredita que essa característica seja da família de Julio, uma vez que soube que o marido era muito “chorão” e dava muito trabalho.

Camila queixou-se de que tem dias em que fica agitada dizendo: “eu não agüento”. Nestas ocasiões, dá remédios para que a filha fique mais calma. Segundo os pais, quando a filha está muito dengosa, é o colo que a acalma e ela estava, ainda, dormindo em seu berço no quarto do casal.

Sobre a festa de um ano, Camila mencionou que “deu muito trabalho”. Foi uma festa grande e, segundo ela, “Julio ajudou muito pouco”. Camila relatou que estava muito cansada durante a festa e que sua filha ficou bem, brincou e dormiu.

Camila falou na entrevista que, depois que a filha fez um ano, tudo mudou. Ela contou que, antes, o bebê era calminho e que agora está bagunceiro e faz coisas que não fazia. Ela disse: “ela se transformou numa pestinha”.

A rotina da família continuava semelhante à dos outros momentos. Camila passa o dia todo com a filha e Julio volta do trabalho à noite. Muitas vezes, quando Julio chega do trabalho as duas já estão dormindo. Camila comentou que não espera o marido chegar para jantar e acabam jantando apenas ela e a filha. Sobre sua rotina, ela referiu que vive em função da casa e da filha e queixou-se de estar cansada e não ter ninguém para ajudar. Novamente, mostrou-se muito preocupada com a arrumação e a limpeza de sua casa.

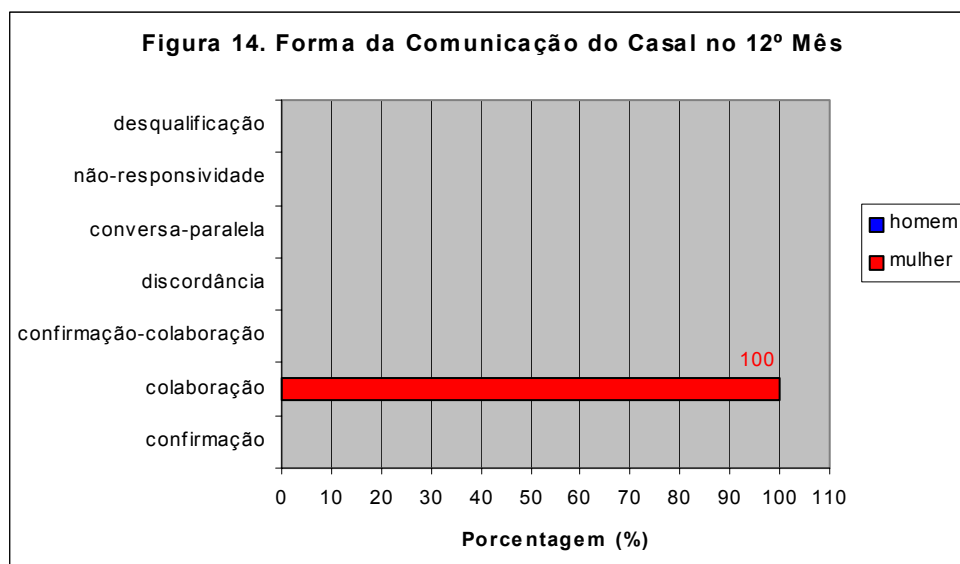
A vida em família, segundo Camila, “tá difícil, bem mais difícil porque a bebê tá muito agarrada comigo”. Neste sentido, Camila relatou sua intenção de trabalhar fora e colocar a filha em uma creche, tanto porque precisam, como porque considera que a filha está muito dependente.

O casal também tem planos de mudar de local de moradia. Eles contaram que estão conversando sobre o assunto e Julio relatou que “a Camila tem muita vontade, eu não sei... mas se é pra melhorar, né?”. Na atual residência, estão bastante próximos às duas famílias de origem.

Nos finais de semana, segundo Camila, o “sábado é quase a mesma coisa”. O domingo é diferente e a família costuma sair sempre, só ficando em casa se tem visita.

3.3.8. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 1.



Como se percebe na Figura 14, a única troca de fala entre os cônjuges foi uma colaboração feita pela esposa.

3.3.9. O Casal no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê

Nesta entrevista, Julio falou muito pouco. Apenas no final da entrevista é que ele se estendeu mais, quando explicou que tem trabalhado muito e, em função disso, tem tido pouco contato com a filha e a esposa.

Sobre a sua relação com a filha, Camila comentou que está igual. Ela salientou que agora a filha está mais apegada e mais atenciosa e que passam o dia todo juntas. Julio

respondeu que a sua relação com a filha está “boa”. Camila disse ainda que é muito “agarrada” com a filha e se definiu como “98,9% mãe”.

Segundo os pais, a filha fica bem com outras pessoas, mas às vezes chora. Com ambas as avós o bebê costuma ficar tranquilo. Camila comentou que fica “um pouquinho triste” em deixar a filha quando necessário.

Sobre a relação do casal, Camila disse que “depois que ela nasceu tá igual, porque a bebê ainda é pequena, a gente não tem aquela liberdade de sair, deixar ela”. Disse também que “a gente só fica junto mesmo é no domingo, porque dia de semana o Julio trabalha o dia todo”, o que pareceu ser uma queixa da ausência do marido. O casal comentou que não tem planos de ter um tempo só para os dois, por enquanto, e pareceu conformado com esta situação. Segundo eles, antes mesmo de a filha nascer já tinham pouco tempo a sós.

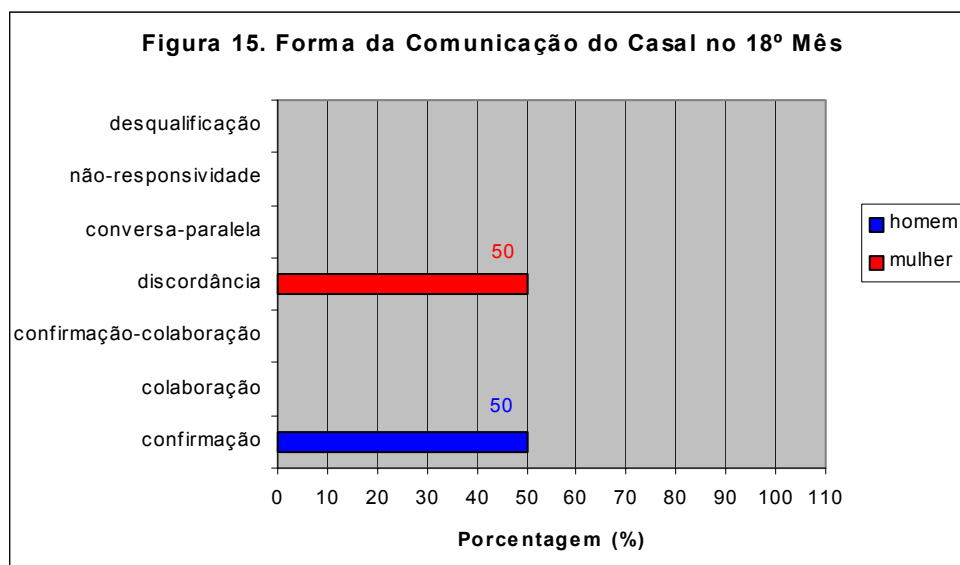
Ambos responderam que têm um casal modelo. O casal que Camila elegeu como modelo é composto por pessoas mais velhas e o do Julio, pelos padrinhos da filha. Sobre um casal com que não gostariam de ser parecidos, Camila referiu “a minha irmã, tem muito ciúmes”, pois considera que a irmã é “muito mulher” e não é “muito mãe”.

Camila comentou que seus pais, como pais, não eram idênticos a ela e Julio, mas eram bastante parecidos, uma vez que “eles sempre batalharam juntos”. Sobre seus pais, como casal, Camila referiu que se relacionavam bem e o fazem até hoje e Julio disse que os seus também.

Ao término da entrevista, Julio começou a falar mais e explicou que trabalha muito e chega tarde em casa todos os dias. Muitas vezes, quando chega, não vê a esposa e a filha acordadas. Ele falou que “em casa eu é visita né?”, parecendo estar explicando sua pouca participação no cotidiano da família.

3.3.10. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 2.



Como pode-se verificar na Figura 15, das duas trocas de fala ocorridas entre os cônjuges, uma foi referente à categoria conflito e foi emitida pela esposa e a outra foi referente à categoria de apoio de confirmação e foi realizada pelo marido.

3.4. Caso 4: casal Rosa e Luiz

3.4.1. A História do Casal

O casal contou sua história, no terceiro trimestre da gestação de Rosa, de forma conjunta e breve. Rosa foi mais ativa e verbalizou mais enquanto Luiz mostrou-se mais passivo.

Conheceram-se quando Luiz foi trabalhar na mesma fazenda onde os pais de Rosa trabalhavam, no interior do estado do Rio Grande do Sul. Na época, ele tinha 22 anos e ela, 19. Logo que se conheceram, começaram a namorar. O namoro foi rápido, durou três meses, e então se casaram. Rosa contou que já planejavam tudo desde que se conheceram, quando teriam filhos, o que fariam para trabalhar, etc.

Rosa e Luiz contaram que as suas famílias de origem acharam muito cedo para eles se casarem, mas que, mesmo assim, resolveram marcar a data do casamento. Foram no cartório e marcaram o dia do casamento civil sem que as famílias soubessem. Como Rosa precisava da autorização do pai, pois só tinha 19 anos, resolveram fugir e ter relações sexuais. Desta forma, eles acharam que o pai de Rosa não teria como negar o casamento da filha. Foi assim que aconteceu e, então, eles se casaram.

Segundo Luiz, sua mãe também se assustou com a pressa do casamento e pensou que Rosa estivesse grávida. Ele, então, disse a sua mãe que não era por isso que estavam se casando, mas porque se gostavam muito. Rosa contou que seu casamento não foi como as famílias de origem gostariam que fosse, mas foi como as suas condições financeiras permitiram.

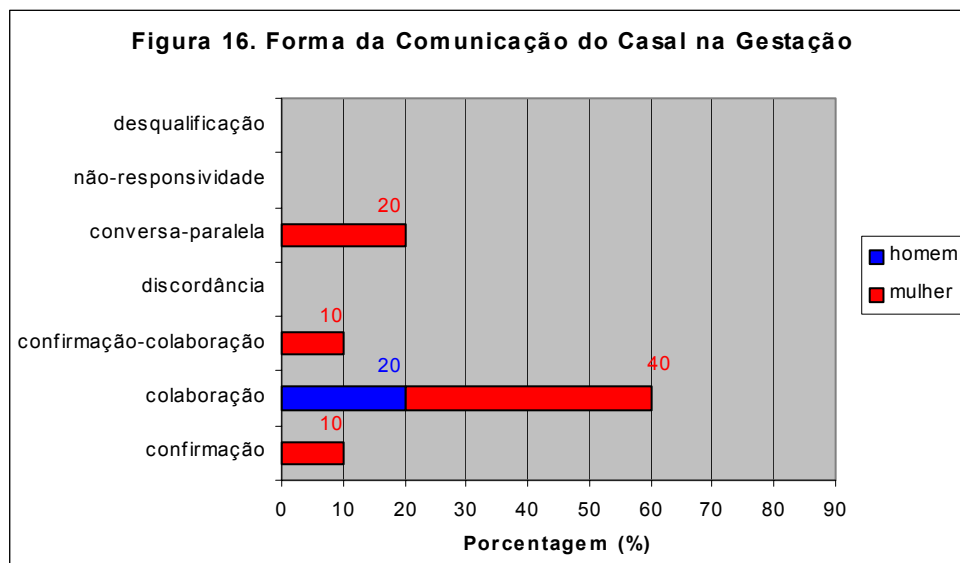
Logo após o casamento, o casal veio morar em Porto Alegre, tendo que se afastar das duas famílias de origem. A mudança ocorreu porque Luiz conseguiu emprego e moradia na capital e resolveram tentar a vida em outra cidade. Eles contaram que se adaptaram à cidade, mas que os primeiros dias foram bastante difíceis. Outra peculiaridade da história do casal é que, quando vieram para Porto Alegre, o irmão de Rosa também veio junto e foi morar com o casal. Rosa e Luiz consideram que a presença do irmão de Rosa mudou a rotina com que estavam acostumados em termos de privacidade, mas que não atrapalhou muito. A presença do irmão de Rosa só ocorria na hora de dormir, porque ele passava o dia todo trabalhando.

Depois de um tempo, Luiz começou a trabalhar na igreja, onde moram e ele trabalha há cinco anos. Os planos do casal para o futuro incluem um ao outro. Rosa falou em comprar uma casa para ter mais espaço e em montar um negócio próprio. Nesta entrevista, o bebê não foi referido nos planos do casal.

3.4.2. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas na Gestação

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens

relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 10.



Como se pode verificar na Figura 16, há um predomínio, com relação ao total de trocas de fala entre os cônjuges, das categorias de apoio, que representam 80% do total. As categorias de não-apoio representam 20% e as de conflito não apareceram. Do total de trocas de fala referentes à categoria de apoio, 75% foram colaboração (50 da esposa e 25 do marido), 12,5% foram confirmação-colaboração emitidas pela esposa e 12,5% foram confirmações, também emitidas pela esposa. Do total de categorias de não-apoio, 100% foram conversa-paralela e foram emitidas pela esposa.

3.4.3. O Casal no Terceiro Mês de Vida do Bebê

Na primeira parte desta entrevista, sobre o temperamento do bebê, Rosa respondeu mais às perguntas e mostrou-se mais ativa. No segundo momento, quando o casal foi questionado sobre sua relação, ambos falaram de forma igualmente participativa.

O casal relatou que seu filho já tem características próprias. Ele dorme em seu berço, no quarto dos pais. Rosa falou que está planejando que o filho durma em seu próprio quarto no futuro, pois se sente “constrangida” com o fato de o filho estar presenciando os “namoros” do casal.

Ambos concordaram que é a mãe quem consegue acalmar o filho com mais facilidade e também quem participa mais dos cuidados com o bebê. Rosa descreveu seu filho como “bem humorado”. Com relação aos cuidados com ele, Rosa falou que o casal não discorda, mas Luiz comentou que tiveram uma discordância no início. Luiz queria dar para o bebê um remédio

que sua mãe costumava dar aos filhos e Rosa não quis e não o fez. O casal não pareceu estar muito atrapalhado com esta situação e referiu ter resolvido o problema.

Comentaram que o nascimento do filho não mudou sua relação como casal, mas “só acrescentou mais ele”. Segundo Luiz, agora é o bebê quem manda nos horários da família. Ambos também concordaram que têm menos tempo um para o outro do que tinham antes de o filho nascer. Neste sentido, Rosa referiu que tinha expectativas de conciliar as suas várias atividades, de mãe e de mulher, mas que percebeu que não foi desta forma.

O casal mencionou que o tempo que tem para os dois é só quando o bebê também está junto, geralmente nos momentos em que Luiz não está trabalhando. É este o tempo que o casal tem para namorar. Neste sentido, Rosa mencionou que a vida sexual deles “não é boa mais como antes”, mas que “o resto está ótimo”.

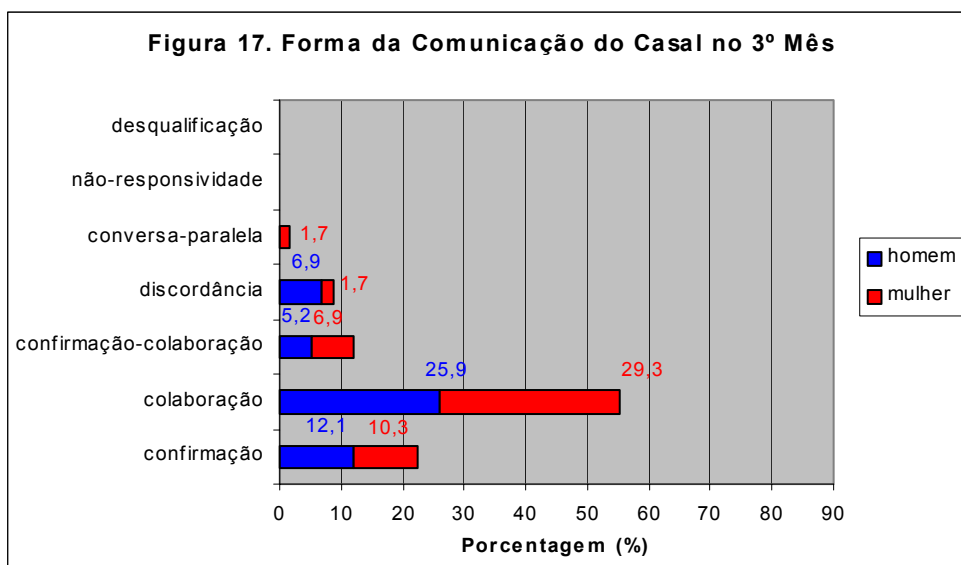
Sobre a participação do casal nas atividades referentes ao filho, Rosa verbalizou que, no início, o marido participava mais dos cuidados com o bebê. Luiz explicou que isso acontecia porque ela estava se recuperando do parto no início e ele resolveu ser mais solidário.

Nos finais de semana, eles têm tempo para ficar juntos em família. As atividades de lazer são passeios, refeições fora de casa e idas ao shopping, sempre o casal com o bebê.

No final da entrevista, quando questionados sobre as expectativas para o futuro, Luiz falou que espera que as coisas estejam “cada vez melhor”. Ele mostrou-se, assim, bastante otimista com relação ao casal e à família.

3.4.4. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Terceiro Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 58.



Como se pode verificar na Figura 17, há um predomínio das categorias de apoio, que representam 89,7% do total de trocas de fala entre os cônjuges. As categorias de não-apoio representam 1,7% e as de conflito, 8,68% do total de falas do casal. Do total de trocas de fala referentes à categoria de apoio, 61,4% foram colaboração (28,8 do marido e 32,6 da esposa); 24,8% foram confirmação (13,4 emitidas pelo marido e 11,4 pela esposa) e 13,5% foram confirmação-colaboração (7,7 emitidas pela esposa e 5,8 pelo marido). Do total de categorias de conflito que foram identificadas, 79,5% foram emitidas pelo marido e 19,5% pela esposa. Das categorias de não-apoio, 100% foram conversa-paralela e foram emitidas pela esposa.

3.4.5. O Casal no Oitavo Mês de Vida do Bebê

Na primeira parte da entrevista, sobre o bebê, Rosa foi mais ativa e falante do que Luiz. Na segunda parte, sobre o relacionamento do casal e da família, ambos se revezaram nas respostas, mostrando-se igualmente participativos e envolvidos.

Sobre o temperamento do filho, Rosa falou que tem “personalidade própria” e que acorda “faceiro”, mas não gosta de rotina. A mãe o qualificou como bastante simpático e alegre.

O bebê ainda dorme no quarto dos pais, em seu berço. É, ainda, Rosa quem participa mais dos cuidados com o filho. Entretanto, agora o banho está sendo dado pelo pai. Rosa mencionou que Luiz está ajudando mais nos cuidados com o filho neste momento e que, às vezes, discordam sobre sua educação. Ela exemplificou as discordâncias que têm, contando que Luiz diz ao filho que vai lhe dar palmadas quando crescer, com o que Rosa não concorda.

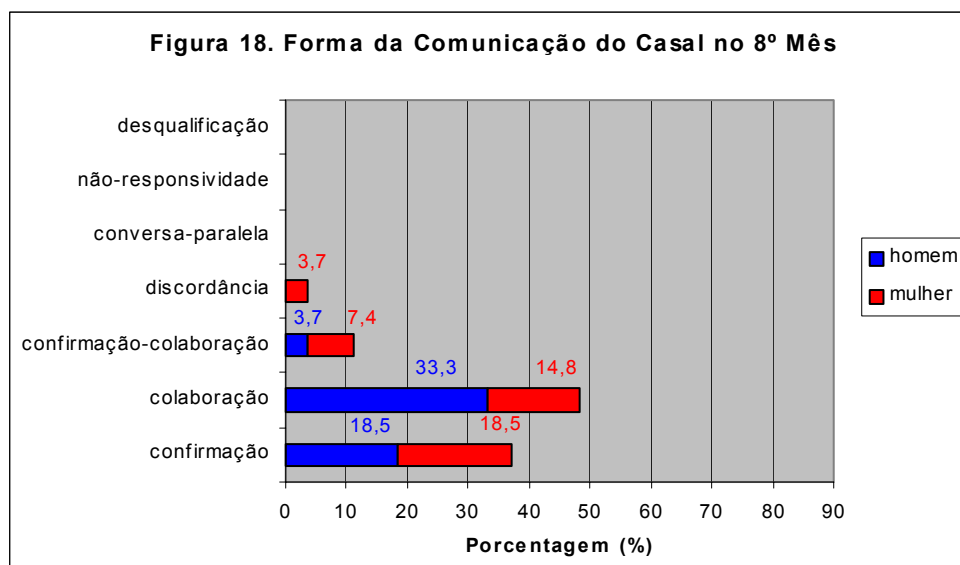
Sobre as mudanças que o nascimento do filho proporcionou, Rosa contou que antes de engravidar trabalhava fora e, depois, parou. Ela referiu que tinha mais autonomia para sair e voltar quando quisesse. Luiz afirmou que agora a vida deles “está melhor”. A esposa, por sua vez, contou que no início estava mais deslumbrada, mas que também acha que “tá menos difícil” agora.

Sobre a relação do casal, não mencionaram mudanças. Rosa falou que está sendo como imaginava e comentou que “tá normal, tá melhor...”. Sobre o fato de o filho estar, ainda, dormindo no quarto do casal, Rosa falou: “agora o bebê no quarto não atrapalha mais”. Eles concordaram que passam o dia “em volta do bebê”, os três sempre juntos, mesmo quando têm que sair.

Os finais de semana são mais tranquilos, porque podem ficar juntos e dedicar mais tempo ao filho. As atividades de lazer da família são: ir a parques, sair, ir ao shopping. O casal não tem tempo só para os dois, pois estão sempre com o bebê. Sobre os planos que têm, Luiz falou que “o bebê já estava nos planos” e Rosa, que eles estão se entendendo bem neste sentido. Luiz, novamente, mostrou-se otimista com relação ao futuro, pois falou que espera “que cada vez vai ser melhor”.

3.4.6. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Oitavo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 27.



Como se pode verificar na Figura 18, há um predomínio das categorias de apoio, que representam 96,2% do total de turnos de fala entre os cônjuges. A categoria de conflito representou 3,7% das falas do casal e as de não-apoio não apareceram. Do total de trocas de fala referentes à categoria de apoio, 50% foram colaboração (34,6 do marido e 15,4 da esposa); 38,4% foram confirmação (19,2 do marido e 19,2 da esposa) e 7,7% foram confirmação-colaboração (3,85 do marido e 3,85 da esposa). Do total de categorias de conflito que foram identificadas, 100% foram emitidas pela esposa.

3.4.7. O Casal no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê

Nesta entrevista, tanto Rosa, quanto Luiz participaram de forma ativa e envolvida. Eles contaram, inicialmente, que o filho tem personalidade própria. Seu humor foi descrito como bom e ele, como bastante simpático e risonho. Eles riram ao contar que o filho quer participar quando o casal namora, tentando ficar no meio dos pais.

Sobre os cuidados com o bebê, Luiz disse que não discordam em nada. Porém, Rosa lembrou que não gosta que o marido ria quando, por exemplo, o filho “arrota”.

Neste momento, com doze meses, o bebê ainda está dormindo no mesmo quarto dos pais, em sua cama. Rosa, novamente, afirmou que não gosta desta situação, apesar de continuarem mantendo-a.

Luiz continua trabalhando na igreja e Rosa está voltando, aos poucos, a trabalhar. Seu trabalho é com vendas e se desenvolve mais através de telefonemas, sendo que ela não precisa sair de casa para trabalhar. Durante o dia, o bebê passa com os pais, pois o trabalho de Luiz é

na igreja onde a família mora e, assim, eles podem ter contato constantemente. O bebê passa algumas horas do dia com o pai, enquanto Rosa arruma as coisas da casa. Os três estão sempre juntos e conseguem fazer todas as refeições juntos. A relação da família, segundo o casal, está boa.

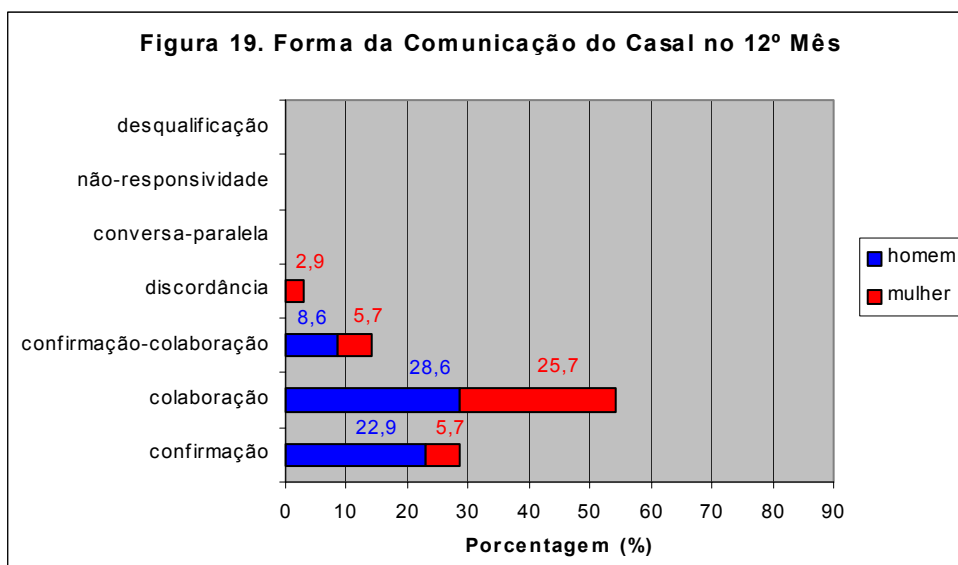
Neste momento, a família já havia passado por uma experiência de mudança de rotina, quando foram visitar parentes no interior do estado. Segundo os pais, o bebê comportou-se bem durante a viagem.

Rosa e Luiz também relataram que a vida do casal, agora, está “bem diferente” e que a mudança que ocorreu a partir do nascimento do filho é “para melhor”. Eles contaram que agora tudo que fazem envolve o filho e que estão mais juntos e unidos. O tempo que têm para ficarem juntos é quando o filho está dormindo. Apesar disso, concordam que as mudanças estão acontecendo como haviam esperado e que já imaginavam que seria assim. Segundo Luiz, a relação do casal está “boa, superando as expectativas”.

Durante os finais de semana, a família aproveita para dormir mais e ficar juntos. Eles também costumam sair, os três, para passear nos dias de folga de Luiz. Esse dia é dedicado ao lazer da família e eles costumam passear no parque e ir ao shopping.

3.4.8. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 35.



Como se percebe na Figura 19, os turnos de fala dos cônjuges se concentraram nas categorias de apoio (97,2% do total), tiveram menos predomínio das categorias de conflito (2,9% do total) e não houve nenhuma de não-apoio. Do total de categorias de apoio, 55,8% foram colaborações (29,4 emitidas pelo marido e 26,4 pela esposa); 29,3% foram confirmações (23,5 do marido e 5,8 da esposa); e 14,6% foram confirmação-colaboração (8,8 do marido e 5,8 da esposa). Do total de categorias de conflito, 100% foram emitidas pela esposa.

3.4.9. O Casal no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê

Nesta entrevista, o casal mostrou-se participativo. Tanto Rosa quanto Luiz responderam às questões feitas.

Sobre sua relação com o filho, Rosa respondeu que “está diferente, tem mudanças”. Ela também falou que o filho está mais comunicativo e, desta forma, toma mais o tempo do casal e qualificou a relação da família como estando “cada vez melhor”.

Sobre a relação do casal, Rosa disse que “não tá ruim”, mas que estão sem tempo um para o outro. Luiz comentou que está “tudo bem” e que estão vivendo “tudo que o casal tem que passar”. Ele concordou com a esposa que o filho agora está dando mais trabalho, pois está mais ativo, mas salientou que não é “nada anormal”. O casal ainda não tem tempo só para os dois, mas referiu que sente falta e que está planejando organizar o tempo para isso. Rosa comentou que está cansada de apenas cuidar do filho. Ambos revelaram que pensam em

deixá-lo com alguém para poderem sair juntos, só os dois. Eles continuam convivendo bastante, sempre os três juntos.

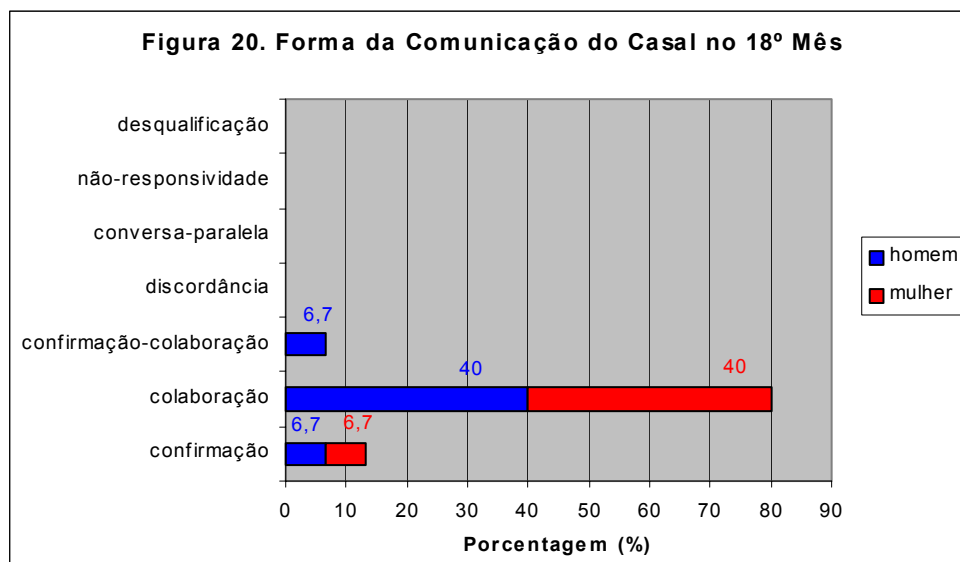
Rosa e Luiz não têm casais que sejam modelos para si e com que gostariam de ser parecidos. Entretanto, há casais com que não gostariam de ser parecidos (modelos negativos).

Sobre seus pais como pais, Rosa falou que “sempre que nascia o outro filho, aquele anterior não ganhava mais beijo, não ganhava carinho”. Luiz contou que seu pai era alcoolista e que sua mãe desistiu dele assim que os filhos cresceram.

Sobre os pais como casal, Rosa contou que eles “não demonstravam carinho, não namoravam, não se beijavam...”. Ela falou também: “foi poucas vezes que eu vi eles se beijando, se acariciando... só quando eu ia espionar que eu via”. Segundo Luiz, a relação de seus pais “era difícil” e eles acabaram se separando depois que os filhos estavam crescidos.

3.4.10. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 14.



Como se percebe na Figura 20, os turnos de fala dos cônjuges se concentraram nas categorias de apoio, que representaram 100% do total. Destas categorias, 80% foram

colaborações (40 da esposa e 40 do marido); 13,4% foram confirmações (6,7 da esposa e 6,7 do marido) e 6,7% foram confirmação-colaboração emitidas pelo marido.

3.5. Caso 5: casal Michele e Walter

3.5.1. A História do Casal

Michele e Walter contaram sua história, durante o terceiro trimestre da gestação de Michele, de forma conjunta e animada. Durante o relato, chamaram a atenção da pesquisadora os inúmeros detalhes com que o casal relatou o desenrolar de seu relacionamento.

Eles trabalhavam na mesma empresa quando se conheceram. Walter viu Michele primeiro e a achou bastante bonita. Entretanto, pensava que ela nunca lhe daria atenção, pois achou que ela vinha de uma família com melhores condições financeiras e também que ela poderia estar comprometida. Ele contou que pensou sobre Michele: “ela deve nadar no dinheiro”. Por este motivo, tinha vergonha das suas condições financeiras.

Foram os amigos e colegas de trabalho de Walter que começaram a avisá-lo do interesse de Michele. Apesar das trocas de olhares entre os dois, Walter não acreditou que Michele estivesse realmente interessada durante algum tempo.

Quando se convenceu do interesse dela, Walter mandou-lhe um “bilhetinho”. No momento da entrevista, o casal mostrou para a entrevistadora um quadro que mandaram fazer com o conteúdo do bilhete de Walter. No bilhete, estava escrita a seguinte mensagem: “Michele, não basta tão somente um olhar, é necessário mais que isso, quem sabe algo mais?”. Depois de recebê-lo, Michele resolveu conversar com Walter e contou-lhe que também pensava que ele estivesse comprometido. Nesta ocasião, Walter convidou Michele para almoçar e ela aceitou. Ele se assustou, pois estava certo de que ela não aceitaria e fez o convite mesmo estando sem dinheiro. Como Michele aceitou o convite para almoçar, Walter ficou desesperado e foi até a casa do padrinho para pedir emprestado o dinheiro necessário para a refeição. Ao final do almoço, Walter questionou Michele sobre como ficaria a sua relação, se eles iriam namorar ou ser apenas amigos. Michele se posicionou e respondeu-lhe que preferia namorar.

Michele contou durante a entrevista que também tinha vergonha das condições financeiras de sua família e não queria que o namorado fosse visitar sua casa, que estava sendo

reformada. Entretanto, como Walter sentia-se incomodado com a possibilidade de Michele ter muito dinheiro, já havia passado pela frente da casa dela e conferido suas reais condições financeiras.

Desde o almoço, eles começaram a namorar. Durante o namoro, tiveram um rompimento de quinze dias, quando Michele mandou um telegrama para que se reconciliassem. Walter voltou e eles nunca mais se separaram. Depois de um ano e meio de namoro, resolveram noivar. Fizeram uma cerimônia para oficializar o noivado e convidaram as famílias de origem. Segundo eles, ambas as famílias gostaram muito do noivado, mas o pai de Walter achou que era muito cedo para o filho se casar.

Depois de dois anos de noivado, resolveram se casar. Até o casamento, ambos moravam com seus pais. A cerimônia de casamento teve uma grande festa de comemoração.

Após o casamento, passaram a morar no terreno da frente da casa dos pais de Michele. Walter contou que seu pai planejava que eles fossem morar junto com ele e que ainda hoje os convida para construir uma casa em seu terreno. Sobre esse assunto, o casal pareceu ter conflitos. Walter contou que “nesse ponto existe uma divergência” e que ele não entende os motivos da esposa para não morar com os seus pais. Walter mostrou muita vontade de construir sua própria casa da forma como quiser e de não se sentir incomodando os sogros como hoje. Ele comentou: “... e não é só por ocupar lugar... são muitas as coisas que acontecem, assim, que eu me sinto... fico assim... eu fico quieto, eu tenho que ficar quieto porque eu não tô no que é meu, eu tô aqui de favor, eu me sinto...”.

Michele contou que Walter tem algumas dificuldades de relacionamento com seu pai, mas que entende e respeita o marido. Ela não gostaria de morar com a família de Walter porque pensa que é “tudo muito junto” e que a família do marido é muito grande. Apesar deste conflito, o casal concordou com o fato de que quando o filho nascer estarão, ainda, morando com os pais de Michele.

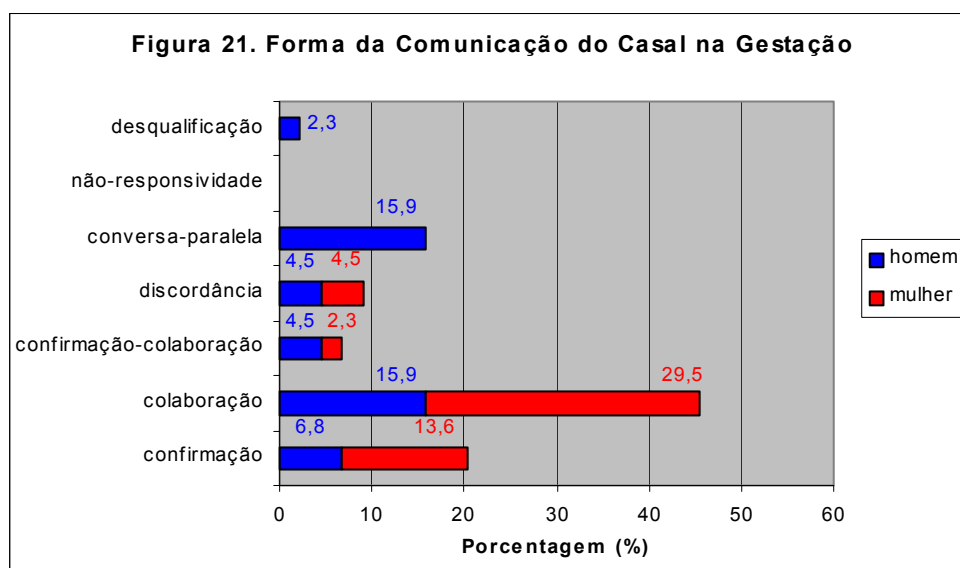
Sobre o casamento, eles contaram que os seis primeiros meses foram “de adaptação”, mas que, atualmente, já estão se relacionando e se entendendo bem. Michele falou que hoje estão “muito melhor”.

Sobre os planos que têm para o futuro, Walter comentou que espera terem bastante sucesso, pois vontade eles têm. Dão-se conta de que terão que “achar um meio termo” com relação ao local de moradia e que podem residir em um local diferente das duas famílias de origem.

Eles mencionaram que planejam criar o filho sozinhos e ter autonomia com relação a sua educação. Referiram, também, que conseguem conversar entre si e com os familiares sobre estas questões. Walter mencionou que vão continuar morando no terreno dos pais de Michele “até ter condições financeiras... o que segura é financeiramente...”. Sobre o futuro, Michele falou que também tem planos de voltar a trabalhar.

3.5.2. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas na Gestação

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 43.



Como se percebe na Figura 21, os turnos de fala dos cônjuges se concentraram nas categorias de apoio (72,6% do total) e tiveram uma menor incidência das categorias de conflito (9% do total) e de não-apoio (18,2%). Do total de categorias de apoio, 62,5% foram colaborações (40,6 emitidas pela esposa e 21,9 pelo marido); 28% foram confirmações (9,3 do marido e 18,7 da esposa); e 9,3% foram confirmação-colaboração (6,2 do marido e 3,1 da esposa). Do total de categorias de conflito, 50% foram emitidas pela esposa e 50% pelo esposo. Do total de trocas de fala de não-apoio, 87,4% foram conversa-paralela emitida pelo marido e 12,6% foram desqualificação também emitida pelo marido.

3.5.3. O Casal no Terceiro Mês de Vida do Bebê

Nesta entrevista, os dois responderam de forma equivalente às questões sobre o filho e sobre sua relação. Eles mencionaram que já conseguem diferenciar os choros do filho e que quem cuida mais do mesmo é Michele. O casal descreveu o filho como estando sempre rindo. Segundo Michele, ele é muito risonho e muito sonolento, mas, quando está incomodado, “mete a boca”.

O bebê dorme em seu berço, que fica no seu quarto. Os pais relataram que não discordam em nada com relação aos cuidados com o filho. A avó materna ajuda bastante nos cuidados com o bebê e a avó paterna mantém menos contatos, a maioria através de telefonemas.

Ambos relataram que já esperavam as mudanças que o nascimento do filho proporcionou. Michele falou, neste sentido que é tudo “em função dele (filho) agora”. Walter mencionou que “a única coisa que mudou é que eu quero, mais rápido ainda, adquirir o que eu tenho que adquirir para poder dar suporte pra ele...”. Sobre a relação da família, Michele falou: “ah, tá bom, tá tranquilo...” e Walter: “a gente acompanha o bebê, ele é calmo, é tranquilo, a gente vai no embalo...”.

No momento desta entrevista, Michele havia voltado a trabalhar, no mesmo local onde Walter trabalha. O bebê costuma ficar sob os cuidados da avó materna enquanto seus pais trabalham.

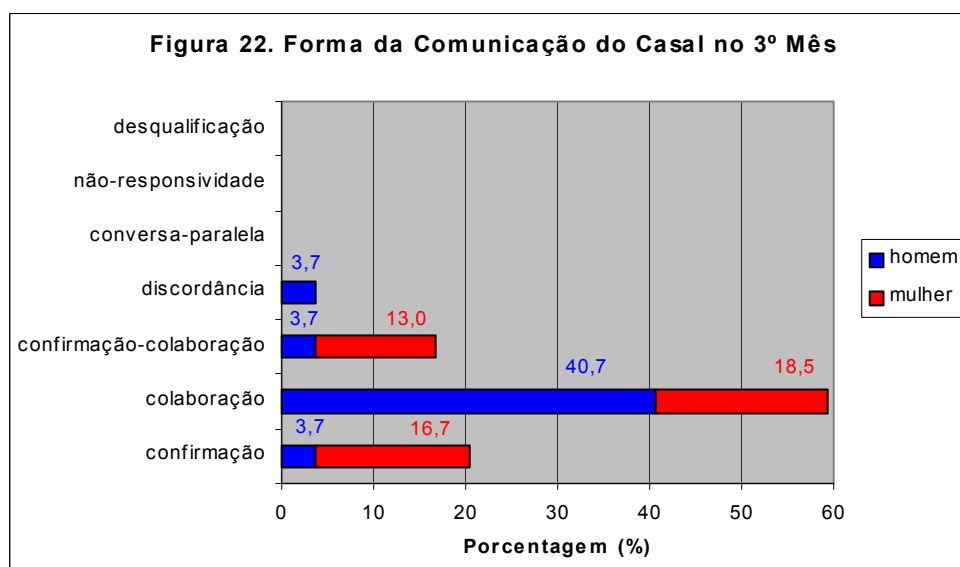
Sobre a relação do casal, Michele falou: “ah, muda, né...” e Walter disse que mudam “só algumas coisas...”. Apesar disto, o casal referiu que não briga muito e que as discussões “não vão muito longe”. Ambos afirmaram que estavam preparados para as mudanças que o nascimento do filho provocou.

O casal não tem tempo para ficar a sós. A única ocasião em que conseguiram estar sem o filho foi quando foram ao supermercado para fazer rancho. Eles contaram que, antes do nascimento do filho, costumavam sair mais e que não estão saindo por opção, para ficar com o filho.

Nos finais de semana a rotina da família muda bastante. O casal está mais presente em casa e os horários de acordar e de almoçar mudam. Os programas de lazer são algumas raras saídas e Walter referiu ter medo de deixar o filho com pessoas que considera inexperientes, como a madrinha do bebê.

3.5.4. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Terceiro Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 54.



Como se percebe na Figura 22, os turnos de fala dos cônjuges se concentraram nas categorias de apoio (96,3% do total), tiveram uma menor incidência das categorias de conflito (3,7% do total) e não apareceu nenhuma categoria de não-apoio. Do total de categorias de apoio, 61,4% foram colaboração (42,2 emitidas pelo marido e 19,2 pela esposa); 21,1% foram confirmação (17,3 da esposa e 3,8 do marido); 17,3% foram confirmação-colaboração (13,5 da esposa e 3,8 do marido). Do total de categorias de conflito, 100% foram emitidas pelo marido.

3.5.5. O Casal no Oitavo Mês de Vida do Bebê

Durante a entrevista, tanto Walter quanto Michele falaram de forma participativa. Sobre o bebê, comentaram que está dormindo em seu berço, no quarto do casal e que tem um sono bastante tranquilo. Os pais referiram que o filho não é uma criança que chora muito, mas que gosta bastante de ganhar colo. Segundo Walter, o filho é “bem alegre...é bem fácil, nunca

foi uma criança assim que está sempre chorando, ou sempre dengoso...”. Para Michele, o bebê é “bem tranquilo”, assim como seu humor.

Quem passa a maior parte do tempo com o bebê é Michele. A mãe de Michele continua ajudando nos cuidados com o bebê. Eles mencionaram que concordam com vários aspectos sobre a educação do filho, mas discordam em alguns.

Neste momento, o casal considerou que não houve mudanças em sua vida em função do filho. Michele falou: “é, porque todo mundo dizia, ‘ah, tu vai te privar de um monte de coisas, vai acontecer isso ou aquilo’, e eu não senti diferença nenhuma...” Michele não estava mais trabalhando nesta ocasião e Walter continuava no mesmo emprego.

Sobre o tempo que têm um para o outro, Walter falou que, enquanto o filho está acordado as suas atenções são para ele. Entretanto, à noite o bebê dorme o tempo todo e o casal pode ficar junto. Ambos mencionaram que, nesse momento, os seus planos para o futuro não haviam mudado.

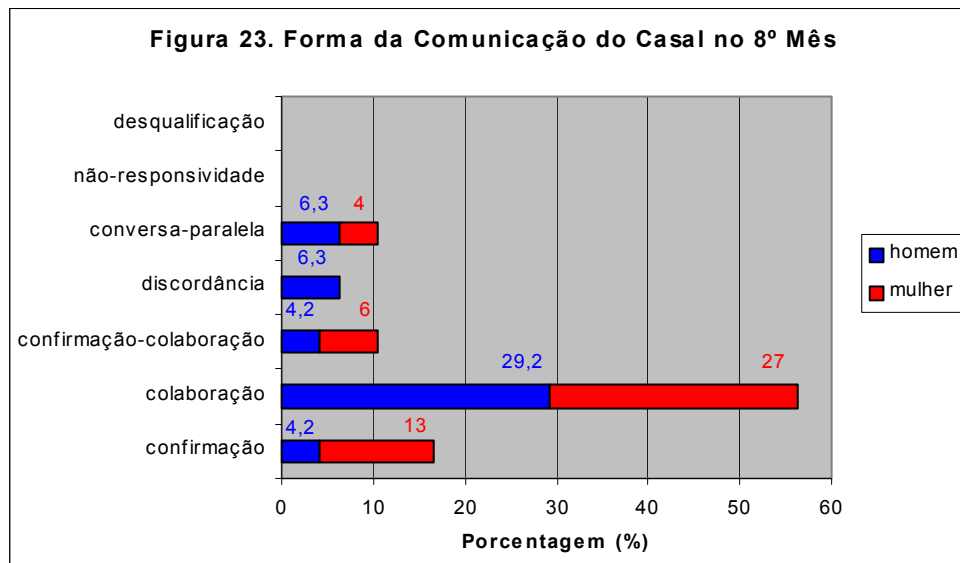
No período em que foi realizada esta entrevista, o pai de Walter estava doente e havia sido hospitalizado e internado em uma Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) devido a um derrame cerebral. Em função disso, a rotina da família estava alterada e Walter estava bastante envolvido com o pai e a mãe. Michele queixou-se da constante ausência do marido, apesar de compreender seus motivos.

Nos fins de semana, Walter costuma ficar no hospital com o pai. Ele pareceu estar bastante triste e mobilizado com a situação de seu pai, pois ocupou grande parte da entrevista falando a respeito de suas atuais condições e contando como foi que ocorreu o problema. Michele, apesar de também visitar o sogro eventualmente, comentou que costuma ficar sozinha com o filho durante os fins-de-semana. Segundo Walter, também o filho está sentindo sua falta e quer ficar junto quando eles estão todos em casa. Em função deste evento estressor (a doença do pai de Walter) a família não tem tido muitas atividades de lazer. Eles mencionaram que foram, uma noite, ao *shopping center* para passear.

3.5.6. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Oitavo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-*

responsividade e desqualificação). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 48.



Como se percebe na Figura 23, os turnos de fala dos cônjuges se concentraram nas categorias de apoio (83,6% do total) e tiveram uma menor incidência das categorias de conflito (6,3% do total) e de não-apoio (10,3% do total). Do total de categorias de apoio, 67,3% foram colaborações (34,9 emitidas pelo marido e 32,4 pela mulher); 20,5% foram confirmações (15,5 da mulher e 5 do homem); e 12,1% foram confirmação-colaboração (7,1 da esposa e 5 do marido). Do total de categorias de conflito, 100% foram emitidas pelo marido. Do total de trocas de fala de não-apoio, 100% foram conversa-paralela (61,2 do marido e 38,8 da esposa).

3.5.7. O Casal no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê

Nesta entrevista, ambos conversaram de forma cooperativa. Contaram que o filho ainda está dormindo no quarto dos pais, em seu berço. Segundo eles, o bebê não é de chorar muito e é a mãe quem mais participa dos cuidados relativos ao filho. Sobre o humor do filho, Michele falou: “é flexível, às vezes... algumas vezes é calmo, outras vezes ele muda assim repentinamente... quando ele não gosta das coisas ou quando ele quer fazer alguma coisa e a gente não deixa” e Walter complementou: “é difícil ele estar de mau- humor”. O casal tem discordado com relação a alguns aspectos dos cuidados com o filho. Michele considera que Walter, como passa muito pouco tempo em casa, não deveria chegar e ficar brigando com o filho. Eles também comentaram que o filho fica com ciúmes quando os pais se aproximam

para namorar e que acaba chorando para ter atenção. Só se acalma quando os pais o pegam no colo e ficam com ele.

Sobre o aniversário de um ano do bebê, eles comentaram que a festa foi na sua casa e que convidaram mais os seus familiares. Michele comentou que “foi uma faceirice só...” e que o filho “adorou”, apesar de ter dormido por algum tempo e de ter ficado irritado quando todos queriam pegá-lo no colo e tirar fotos. Walter contou que pretendem, quando o filho tiver sete anos, fazer uma festa bem grande. Consideraram que, neste momento então, o filho já vai estar entendendo bem e vai poder aproveitar mais.

Sobre a relação deles com o filho, Michele comentou que estão “em torno dele, bem dizer... muitas coisas a gente deixa de fazer, que a gente teria vontade de fazer, a gente deixa de fazer por ele...”. Walter comentou que está normal, com exceção do problema que enfrentou com a doença e a morte do seu pai.

O casal comentou que nesse momento a maior parte de sua atenção e de seu tempo são para o filho. Entretanto, mencionaram que pretendem esperar o filho crescer mais um pouco e deixá-lo com alguém para poderem sair só o casal. Desta forma, o tempo que têm para ficar juntos neste momento é apenas quando o filho dorme. Michele falou que está sendo como imaginava que seria, pois sabia que as coisas iam mudar depois do nascimento do filho. Walter concorda com a esposa e fala: “agora nós temos mais vontade, pensamos em se dar bem na vida pra manter o bem estar dele”. Neste sentido, Michele concorda com Walter.

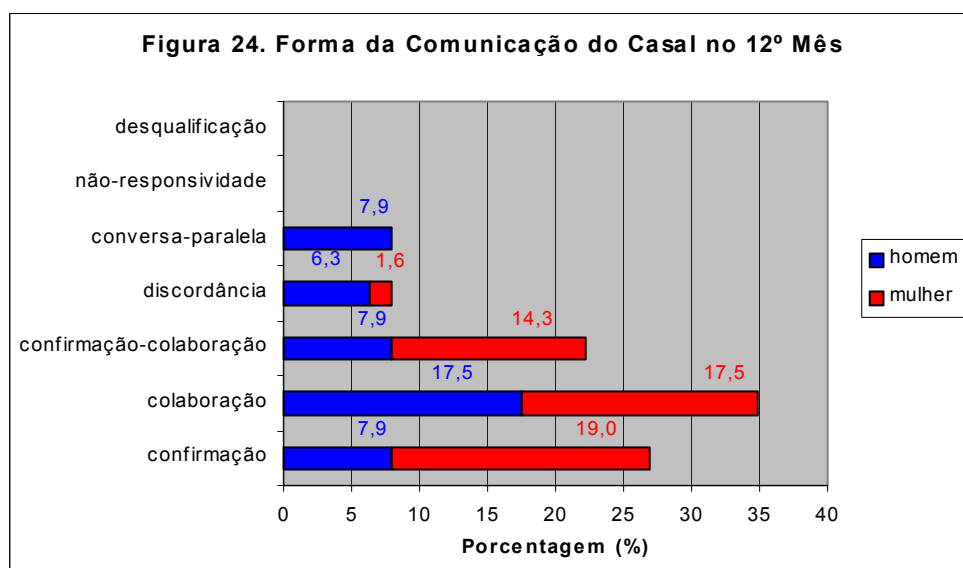
A rotina aos 12 meses do bebê está sendo a seguinte: Walter trabalha o dia inteiro e, quando chega em casa, tem se dedicado a montar uma microempresa, trabalhando muito. Michele permanece durante todo o dia com o filho. Muitas vezes, quando Walter está disponível para ficar com a família, o bebê já está dormindo. Tanto Michele quanto Walter comentam que o relacionamento dos três está bom e tranquilo.

Sobre o relacionamento do casal, Michele fala: “não sei, acho que tá bom, né, acho que tá bem... tá faltando um pouco de tempo, mas, é... mas isso com o tempo...” e Walter comentou: “mas é o que a gente conversa, a gente faz com 25 anos pra depois com 30 e poucos ter tempo suficiente, né”. Neste sentido, Walter comentou que anda bastante ocupado, mas isso se deve a sua intenção de garantir o futuro da família o quanto antes, para que possam ter mais tempo depois para viajar, aproveitar e ficar “mais sossegado”. O tempo que o casal tem para ficar só os dois é quando o filho dorme. Em função de ser este o único momento dos dois, muitas vezes esperam para dormir mais tarde e ficam conversando e namorando enquanto o filho dorme.

Os finais de semana são bastante variados. Eles comentaram que “não é nenhum igual ao outro”. Costumam visitar amigos ou receber suas visitas. A diferença que percebem é que Walter está mais presente nos fins-de-semana e, assim, ficam sempre os três juntos. As atividades de lazer são: receber amigos em sua casa, passear na Redenção, viajar para a praia e para o interior e visitar os familiares.

3.5.8. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-segundo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 62.



Como se pode verificar na Figura 24, há um predomínio das categorias de apoio, que representam 84,1% do total de trocas de fala entre os cônjuges. As categorias de não-apoio representam 7,9% do total de trocas de fala e as de conflito, 7,9% do total de falas do casal. Do total de trocas de fala referentes à categoria de apoio, 41,6% foram colaboração (20,8 do marido e 20,8 da esposa); 32% foram confirmação (22,6 emitidas pela esposa e 9,4 pelo marido) e 26,4% foram confirmação-colaboração (17 da esposa e 9,4 do marido). Do total de categorias de conflito que foram identificadas, 79,7% foram emitidas pelo marido e 20,3% pela esposa. Das categorias de não-apoio, 100% foram conversa-paralela e foram emitidas pelo marido.

3.5.9. O Casal no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê

O casal respondeu conjuntamente à entrevista. Walter comentou que a relação com o filho está sendo de “saudade direto...as horas vagas que a gente tem é só pra ele... por causa de tempo”. Michele, por sua vez, explicou que o marido está trabalhando muito e que ela voltou a estudar, o que tem diminuído o tempo disponível para ficarem com o filho.

Sobre a relação do casal, Michele respondeu: “tá tranquilo, eu acho...” e Walter: “tranquilo, se vendo um pouco menos também, em função desta fase de bastante trabalho”. O momento que o casal tem para ficar só os dois é depois que o filho dorme. Eles tomam cuidado de ter, pelo menos duas vezes por semana, este momento a sós, quando conversam e namoram. Walter contou que, às vezes, um diz para o outro que está com saudade e, então, eles combinam um momento a dois. Nestas ocasiões em que o casal fica junto, o bebê costuma ficar sob os cuidados da avó materna. Isso também ocorre quando ambos saem para trabalhar e estudar e podem contar com o auxílio da mãe de Michele.

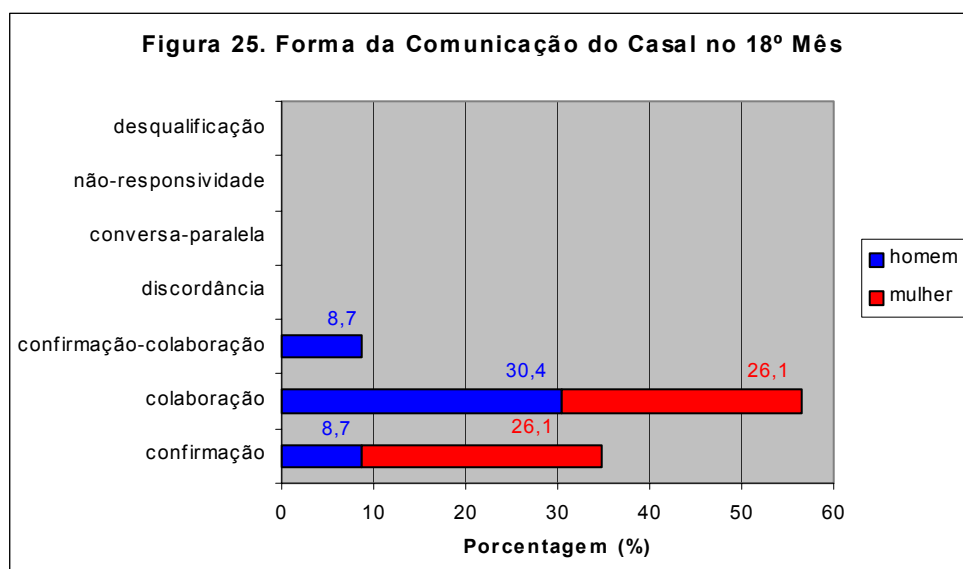
Sobre casais que tenham como modelo, Michele falou que admira vários casais, mas um só não. Ela contou que tem coisas específicas de cada casal e que juntaria um pouquinho de cada. Walter concorda com a esposa.

Sobre seus pais como pais, Michele relatou que “era a mesma coisa” que eles, pois seus pais também tinham que trabalhar e correr bastante e, ainda assim, tinham tempo para os filhos. Walter falou que a sua família era diferente. Ele mencionou que sua mãe nunca trabalhou fora e o pai sempre o fez. A família tinha uma rotina e o pai saía de manhã cedo para trabalhar enquanto a mãe ficava sempre cuidando dos filhos em casa. Walter considera que seus pais eram diferentes dele e de Michele, porque considera que não tem uma rotina certa como seus pais.

Sobre os pais como casal, Walter disse que era “normal, né... tinham tempo de ficar juntos” e Michele concordou. Ela comentou que “também era assim, quando dava um tempinho para eles namorarem, para ficar conversando sobre as coisas e resolvendo os problemas e tudo, eles faziam...”.

3.5.10. Distribuição de Frequência das Categorias de Interação Comunicacional Identificadas no Décimo-oitavo Mês de Vida do Bebê.

As categorias consideradas foram: apoio (*confirmação, colaboração e confirmação-colaboração*), conflito (*discordância*) e não-apoio (*conversa-paralela, não-responsividade e desqualificação*). O gráfico apresentado a seguir refere-se às porcentagens relativas ao número total de trocas de fala entre o casal que, nesta entrevista, foi de 23.



Como se pode verificar na Figura 25, as categorias de apoio representaram 100% das trocas de fala entre os cônjuges. Destas, 56,5% foram colaboração (30,4 do marido e 26,1 da esposa); 34,8% foram confirmação (8,7 do marido e 26,1 da esposa) e 8,7% foram confirmação-colaboração emitidas pelo marido.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

Neste trabalho, considerou-se a transição do casal para a parentalidade através de cinco fases: gestação e terceiro, oitavo, décimo-segundo e décimo-oitavo mês de vida do bebê. Em cada fase foram analisados dois aspectos da relação conjugal: a avaliação que cada casal fez de sua relação e a interação comunicacional que estabeleceu durante as entrevistas. Assim, apresentar-se-ão, inicialmente, os aspectos singulares de cada um dos cinco casos estudados. Posteriormente, discutir-se-ão os aspectos comuns dos casos considerados na pesquisa e, finalmente, apresentar-se-ão as considerações finais da presente investigação.

4.1. A Relação Conjugal na Transição para a Parentalidade: Aspectos Singulares dos Casos Estudados.

4.1.1. Casal 1

Percebe-se, neste casal, um gradual e constante distanciamento entre os cônjuges, à medida que o tempo passou e a transição para a parentalidade se desenrolou. Já na entrevista de primeiro contato, no terceiro trimestre da gestação de Taís, ambos pareceram pouco vinculados e cooperativos. Este distanciamento pode ser avaliado a partir do relato dos cônjuges de como perceberam sua relação à medida que o tempo passou e da forma como se comunicaram durante as entrevistas. Da mesma maneira que na gestação e nos demais períodos considerados, aos três meses de vida de sua filha o casal mencionou que sua relação estava “normal”. A falta de motivação de Taís, principalmente, com relação à conjugalidade foi explicitamente manifestada através da emissão de respostas como “está a mesma coisa... normal...”.

Após o nascimento da filha, bem como nos demais períodos considerados neste estudo, Taís mostrou-se queixosa e desagradada com relação à escassa participação do marido na vida familiar. Taís reclamou, em todas as entrevistas, da constante ausência do marido. As atividades de Lucas que não envolvem a família (nem a esposa, nem a filha) tornaram-se, também, gradualmente mais intensas à medida que o tempo passou. Apesar das queixas da esposa e das brigas entre o casal, Lucas não demonstrou intenção de diminuir a frequência de suas saídas e sua conseqüente ausência em casa. Constata-se que Taís tenta convocar o marido a ser mais presente, ao que o mesmo não responde.

A insatisfação de Taís com o comportamento do marido parece confirmar o entendimento de Lewis (1988) de que há um aumento de comportamentos regressivos nos pais durante o primeiro ano de parentalidade. Para o autor, as demandas da parentalidade, particularmente às mulheres, levam a um aumento da insatisfação e dos conflitos entre os cônjuges. O comportamento de Lucas, cada vez mais ausente, parece confirmar também esta tendência regressiva na transição para a parentalidade. Ele passou a se comportar como um adolescente, ausente e inconstante. Taís, por sua vez, passou a comportar-se como uma menina, ciumenta e controladora.

No oitavo mês de vida da filha, Taís reclamou explicitamente de sua constante solidão. Lucas, entretanto, pareceu continuar com seu movimento de distanciamento gradual da família. É interessante pontuar a percepção de Lucas de que vem jogando cada vez menos futebol e a idéia, inversa, de Taís, de que houve um aumento das saídas e das ausências do marido. As percepções do casal parecem não estar sincronizadas, nem compatíveis e isso também pode ser um indicativo do distanciamento emocional em que se encontram.

Os conflitos conjugais de Taís e Lucas, que foram aumentando à medida que o tempo passou e as entrevistas transcorreram, também corroboram os achados de Cowan e cols. (1985), que verificou que o conflito conjugal aumenta desde a gravidez até os 18 meses após o nascimento do bebê.

Uma hipótese que se pode levantar a partir das evidências deste caso é de que o distanciamento do casal pode estar servindo também para a essencial dedicação e construção do vínculo entre mãe e filho. Entretanto, ao pensar-se nesse sentido, percebe-se que, em seu movimento de ceder espaço para a dupla mãe-bebê, Lucas acabou se mostrando demasiadamente afastado, tanto emocional, quando fisicamente da esposa.

Em nenhum momento, desde a gestação até os 18 meses de vida da filha, o casal referiu ter dedicado um tempo para ficar junto. A conjugalidade parece estar ocupando, neste período, uma posição secundária nos planos e nas preocupações do casal. Desta forma, ambos os cônjuges qualificaram seu relacionamento como “normal” e não mostraram nenhuma intenção de tentar encontrar um espaço para a conjugalidade. Além de não dedicar nenhum tempo especial para ficar junto, o casal referiu ocupar-se do bebê sempre que estão em casa. Um exemplo do distanciamento gradativo dos cônjuges é seu percurso de distanciamento na cama de casal. Aos três meses da filha, estavam dormindo os três na cama e aos oito meses, Lucas havia cedido seu lugar à filha.

Da mesma forma que houve um distanciamento conjugal, houve também um distanciamento com relação aos interesses individuais de cada um, que permaneceram bastante distintos ao longo do tempo. A esposa ocupou-se da filha e do cuidado da casa, enquanto o marido, do trabalho e do lazer. Os cônjuges mostraram estar ocupando-se de atividades não afins e não construtivas para sua conjugalidade.

Lucas mostrou-se, no início da transição para a parentalidade, satisfeito com sua rotina como pai, embora esta opinião tenha se transformado no decorrer das entrevistas, chegando à insatisfação. Taís, de outra forma, referiu ter confirmado suas expectativas referentes à maternidade. Os já mencionados achados de Cowan e cols. (1985), referentes ao aumento do conflito conjugal desde a gravidez até os 18 meses após o nascimento do bebê, também incluem essa diferenciação com relação à percepção dos homens e das mulheres. Segundo os autores, a satisfação dos homens muda pouco desde a gestação até os seis meses pós-parto, mas declina mais dramaticamente dos seis aos dezoito meses do bebê. Contrariamente, a satisfação das mulheres declina mais desde a gravidez até os seis meses do bebê, com um declínio moderado dos seis aos dezoito meses do mesmo. No caso de Taís, pode-se pensar que houve uma compensação da insatisfação conjugal com a satisfação parental.

Apesar de terem diferentes opiniões e com distintas intensidades, ambos os cônjuges concordam que houve um declínio na satisfação e na relação conjugal após o nascimento da filha. Da mesma forma, percebe-se que há este consenso também entre os autores que se dedicaram a estudar este tema. A maior parte dos autores revisados no presente trabalho concorda que ocorre um declínio significativo da satisfação conjugal no momento do nascimento do primeiro filho (Belsky & Isabella, 1985; Crohan, 1996; Deal e cols., 1999; Gottman & Levenson, 1999; Hackel & Ruble, 1992; Levy-Shiff, 1994; Lewis, 1988; Wilkinson, 1995). Alguns dos autores mencionados evidenciaram que a insatisfação feminina manifesta-se de forma mais intensa com a relação conjugal (Wilkinson, 1995; Belsky e cols., 1985).

Outro aspecto que pareceu peculiar a este caso é que o casal mostrou-se afastado e pouco afetivo desde a entrevista da gestação. Podemos pensar que não foi o nascimento da filha, em si, que provocou o distanciamento posterior do mesmo, mas sua frágil e superficial relação anterior. Esse é também o entendimento de Belsky e cols. (1983), que consideraram que os casais que têm mais satisfação conjugal antes do nascimento do primeiro filho tendem a ter mais satisfação conjugal depois e durante a transição. Também os achados de Levy-Shiff (1994), em sua análise da correlação entre os antecedentes pré-natais e a satisfação marital

pós-natal, apontam para este sentido. Lewis (1988), da mesma maneira, evidenciou que a maioria dos casais com altos níveis de competência conjugal pré-natal mantém sua estrutura de alta competência conjugal na transição para a parentalidade. Os casais com menores níveis pré-natais de competência conjugal, entretanto, têm aspectos mais variados como conseqüências do nascimento do primeiro filho. Como Lewis (1988), pensa-se que variáveis como habilidades individuais para lidar com situações estressantes, estresse e rede de apoio social são importantes fatores na transição para a parentalidade. Entretanto, entende-se que é a natureza da estrutura da relação conjugal que tem o grande impacto nas respostas que o casal vai poder dar às demandas da transição. Desta maneira, como Taís e Lucas parecem ter pouco vínculo conjugal desde o início da gestação, seu distanciamento durante a transição torna-se esperado e previsível.

O casal apresentou diferentes opiniões sobre as mudanças ocorridas em sua conjugalidade durante a transição para a parentalidade. A partir destas diferentes opiniões sobre a relação conjugal, constata-se que não há uma sincronia entre Taís e Lucas, isto é, que cada um percebe e sente a relação conjugal de forma diferente. Ao mesmo tempo que Lucas se sentiu mais responsável, Taís não percebeu diferença na conjugalidade. Ela não mencionou modificações na relação conjugal, talvez porque esta já estivesse deteriorada há algum tempo e ela e o marido estivessem se sentindo afastados mesmo antes de a filha nascer.

Uma questão interessante a ser salientada neste caso é que, quando questionados sobre suas famílias de origem, Lucas mencionou seu forte desejo de ser diferente de seu pai. Entretanto, a partir do acompanhamento feito neste estudo, constata-se justamente o contrário: Lucas vem fazendo e agindo de forma cada vez mais semelhante ao pai, que costumava ser bastante ausente e era alcoolista. Neste ponto salienta-se a influência das questões transgeracionais na constituição de cada indivíduo e de cada casal. Como considerado por Carter e McGoldrick (1995), o sistema geracional de cada família abrange três ou mais gerações em seu movimento através do tempo. Em função disso, há um forte impacto modelador de vida provocado pelas gerações anteriores nas seguintes. Este entendimento também apóia a teoria desenvolvida por Bowen (1991), que, da mesma forma, investigou os padrões familiares através de transgeracionalidade. No entendimento de Bowen (1991), a transmissão transgeracional é inerente a qualquer sistema familiar e acontece como resultado das inúmeras triangulações que ocorrem no sistema familiar. Esta transmissão entre gerações é entendida como indicando a interdependência multigeracional dos campos emocionais em que os diferentes níveis de maturidade e imaturidade predominantes em cada família tendem a ser

transmitidos de pais para filhos. Pode-se pensar que o alcoolismo do pai de Lucas e seu relacionamento distante e difícil com a mãe tenham sido transmitidos ao filho de forma tão intensa que Lucas, mesmo não querendo, vem repetindo os comportamentos do pai.

Com relação às funções parentais desenvolvidas a partir da transição vivida, vê-se que Taís desenvolveu uma atitude cada vez mais participativa e envolvida com relação aos cuidados e às necessidades físicas e emocionais da filha. Concomitantemente, constata-se o movimento inverso feito por Lucas, que se mostrou cada vez mais ausente e distante da filha. Verifica-se que Lucas encontrou dificuldades em assumir as tarefas de pai e, apesar de seu discurso participativo, suas atitudes demonstram uma ausência constante com relação à esposa e à filha. O distanciamento de Lucas torna-se menos acentuado no oitavo mês de vida da filha, quando Taís relatou que o marido está bastante permissivo com a filha. Sua exagerada permissividade pode ser considerada como uma tentativa de compensar os momentos anteriores de ausência e afastamento. Sobre as funções de pai e mãe, Bradt (1995), como já mencionado, referiu que ser progenitor é um resultado psicológico e social que vai além do vínculo entre duas gerações. Talvez o ritmo de Lucas na construção da sua função parental, até mesmo pelo modelo negativo que referiu ter tido de seu pai, esteja sendo mais lento que o de Taís. Esta questão é esperada, pois a construção da parentalidade, como revisado no capítulo introdutório deste estudo, é constituída por diversos fatores, individuais e ambientais.

Taís mostrou-se bastante enfática ao comentar, na gestação, que não planejava engravidar. Diferentemente, Lucas mencionou seu desejo de ter filhos. Uma transformação no desejo de Taís processou-se, à medida que o tempo passou e que ela pôde construir sua função parental de forma mais intensa. Na gestação, mencionou estar insatisfeita com o fato de ter engravidado e que a gravidez era o resultado de uma “camisinha furada”, ou seja, de um acidente. Tanto o processo de maturação da idéia de ser mãe, quanto a atuação intensa e afetiva junto à filha, indicam que Taís já desejava a gravidez, talvez antes mesmo de se dar conta disso. Entende-se, como Szejer e Stewart (1997), que a concepção é, necessariamente, o encontro entre dois desejos: o do homem e o da mulher. Deste encontro, nasce um projeto, que, consciente ou não, vai fazer parte da pré-história do filho do casal. Segundo este entendimento, o desejo não é apenas consciente e, quando há a fecundação, é porque houve o desejo de ter um filho.

Estes autores também consideraram que o desejo de ter um filho é diferente do projeto de ser pai/mãe. Quando se deseja um filho, é o filho que se projeta, imaginariamente, no futuro. Ter um projeto de ser pai/mãe é projetar-se a si mesmo no futuro como pai/mãe desse

filho. Assim, Lucas desejou desde o início, ter um filho, mas não se projetou como pai. De outra forma, Taís mencionou que não desejou ter um filho, mas mostrou-se capaz de construir um projeto de si como mãe desde o nascimento da filha. O movimento de Taís com relação à sua aproximação da função maternal é bastante interessante. Apesar de parecer distante e não desejante desta gestação, Taís pode aproximar-se, gradativamente, da filha, desde seu nascimento. Neste sentido, ela mostrou-se bastante voltada para sua função de mãe e menos dedicada para a sua função de esposa. Essa dificuldade também apareceu no comportamento de Lucas, que não se mostrou capaz de cumprir suas funções de esposo e de pai. Entende-se, também, que os diferentes ritmos de aproximação e dedicação de Lucas e Taís ao bebê podem ser referentes às questões de gênero. Neste sentido, como já revisado anteriormente, Szejer e Stewart (1997) apontam que o projeto da gravidez e o projeto de ser pais, ainda que compartilhados, podem ter significados e implicações diferentes para o homem e para a mulher. Homens e mulheres funcionam diferentemente, tanto em relação aos aspectos psicológicos, quanto aos fisiológicos. Emery e Tuer (1993), no mesmo sentido, apresentaram seus achados empíricos indicando uma especialização dos papéis de pais. Esses autores evidenciaram que, relativamente à parentalidade, geralmente as mulheres têm maior influência que os homens na promoção dos relacionamentos familiares e em seus papéis expressivos e nutrientes de mãe e freqüentemente dão mais cuidado, proteção, conforto e estimulação social aos seus filhos. Por outro lado, os pais são mais responsáveis que as mães pelo papel instrumental na família, ligando a criança à sociedade, e preocupam-se mais com a educação e com os valores de seus filhos.

A forma como cada um se projeta como pai ou mãe relaciona-se, diretamente, com os pais que tiveram, ou com outros modelos parentais vividos. Para Szejer e Stewart (1997), os pais sempre são os modelos de referência em relação ao qual os indivíduos se determinam, seja querendo fazer como eles, ou contrariamente a eles, seja tentando corresponder ao seu desejo, ou opondo-se a ele. Talvez a consciência de Lucas de que o modelo de pai que teve é muito forte e difícil tenha causado a relativa lentidão na sua aproximação com a filha. Da mesma forma, seu distanciamento da esposa também pode ser entendido como uma tentativa de proteger a conjugalidade da repetição da relação de seus pais, referida como insatisfatória e infeliz. Entretanto, este distanciamento acaba levando-o a repetir, novamente, o modelo conjugal de seus pais, como um círculo vicioso do qual parece não ter saída.

Com relação à interação comunicacional estabelecida pelo casal durante as entrevistas, salienta-se a escassa participação e a falta de entusiasmo de Taís em todas as entrevistas sobre

a relação conjugal. Lucas, por sua vez, mostrou-se bastante participativo e falante nas primeiras entrevistas e foi diminuindo sua participação à medida que o tempo transcorreu.

Em todos os momentos considerados neste estudo o casal apresentou um predomínio de trocas de fala referentes a apoio. Entretanto, percebe-se uma diminuição, à medida que as entrevistas foram realizadas, do predomínio destas categorias. Desta forma, na entrevista da gestação as categorias de apoio representaram 89,6% do total de falas dos cônjuges; na entrevista do terceiro mês do bebê, 64,5%; na do oitavo mês, 65,7%; na do décimo-segundo, 71,9%; e, por fim, na do décimo-oitavo mês do bebê, 64,7%. Apesar de representarem a maioria das trocas de fala entre o casal, as categorias de apoio foram sendo reduzidas à medida que as de não-apoio e de conflito foram aparecendo mais. Esta constatação pode confirmar o percurso do casal com relação a sua satisfação conjugal. À medida que as entrevistas foram transcorrendo, Taís mencionou cada vez mais insatisfação com o marido e Lucas, por sua vez, não mostrou-se insatisfeito, mas relatou que a intensidade e a frequência de suas discussões com a esposa estavam aumentando.

A esposa, em termos longitudinais, passou a emitir cada vez menos respostas referentes à categoria de apoio se comparada a seu marido. O esposo, contrariamente, passou a ter uma participação maior na emissão de categorias de apoio, à medida que as entrevistas foram se desenrolando. A diminuição das respostas apoiadoras de Taís parece estar coerente com o conteúdo de sua fala, que se refere às crescentes insatisfações e reclamações com relação ao marido. A forma da comunicação do marido, por sua vez, apesar de parecer incoerente com seu comportamento relatado nas entrevistas, está coerente com o seu entendimento de que a relação conjugal está bem. Na visão de Lucas, ele realmente vem sendo um bom marido e pai e sua relação conjugal está dentro do que considera “normal”. É interessante perceber a diferença de satisfação entre o marido e a esposa. Essa lacuna entre suas percepções, mais uma vez, confirma seu distanciamento crescente.

O movimento de Taís na emissão de respostas sob a forma de discordância mostrou um crescente aumento das mesmas, indicando conflitos com relação às falas de seu marido. Isso também parece corresponder a sua avaliação da relação conjugal, permeada por constantes discordâncias e insatisfações. A participação do marido, nas respostas referentes a conflito, comporta-se de forma inversa. Novamente, parece que sua percepção e seu comportamento estão coerentes: ele se vê como participativo e, assim, comunica-se de forma menos conflitante. É a avaliação da relação conjugal que difere imensamente entre os cônjuges, comprovando seu distanciamento emocional.

Do total de respostas referentes a não- apoio, percebe-se um evidente aumento de respostas de não apoio emitidas por Taís, à medida que o tempo passou e as entrevistas foram se desenvolvendo. Lucas, por sua vez, manteve relativamente equivalente a proporção de suas respostas de não-apoio. Suas respostas referentes ao não apoio parecem corresponder a sua postura de ausência e não participação na rotina da esposa e da filha durante os períodos considerados neste estudo. Esta correspondência também pode ser compreendida no sentido de que Lucas diminuiu a sua participação nas respostas não-apoiadoras e avaliou, concomitantemente, que manteve sua postura participativa e apoiadora com relação à esposa.

4.1.2. Casal 2

Chama a atenção, na história deste casal, a grande participação da família de origem de Aline, em especial de sua mãe, na relação familiar. A interferência da mãe de Aline pode ser constatada desde o início da história do casal, mas foi tornando-se gradativamente mais intensa à medida que o tempo passou e o casal vinculou-se mais. Quando o relacionamento do casal começou a tornar-se mais sério, a conduta da mãe de Aline mudou radicalmente e ela tornou-se declaradamente contra o casamento e contra Vitor. Neste período, o casal enfrentou diversas crises de relacionamento com a mesma, mas manteve-se unido.

A partir do nascimento do bebê, a mãe de Aline voltou a freqüentar a casa da filha e a mostrar-se bastante participativa, o que, com o tempo, passou a incomodar Vitor de forma cada vez mais intensa. Aline concorda com o marido de que a participação de sua mãe é muito intensa, mas não consegue dizer-lhe isso, com medo de magoá-la. Ela parece assumir que o marido está correto em suas reclamações e, ao mesmo tempo, estar consciente de que tem dificuldades em colocar limites para a mãe. Aos oito meses da filha, Vitor é bastante enfático e relata que foi um erro terem construído sua casa no mesmo terreno que a sogra. Aos 12 meses do bebê, Vitor mostra-se bastante incomodado: sente-se desqualificado e desvalorizado pela sogra, que o desautoriza na frente da filha. Menciona, inclusive, que percebe o desejo que a sogra tem de separá-los. Apesar de todas estas circunstâncias, o casal salienta, em todas as entrevistas, sua vontade de permanecer unido e sua cumplicidade ao concordarem com as dificuldades que a mãe de Aline impõe.

Dois aspectos podem ser comentados a partir desta situação: a intromissão que a família de origem da esposa exerce e suas interferências estressantes para a conjugalidade; e a

cumplicidade do casal que, apesar de enfrentar estas dificuldades, além da própria transição para a parentalidade, mantém-se unido.

Com relação à interferência das gerações anteriores nas atuais, Carter e McGoldrick (1995) comentam que todas as famílias abrangem um relacionamento transgeracional. Estas autoras ocupam-se com o curso que a família seguiu em seu passado, com as tarefas que está tentando dominar no presente e com o futuro para o qual se dirige. Carter e McGoldrick (1995) consideram que o sistema geracional abrange três ou mais gerações em seu movimento através do tempo. Em função disto, salientam que há um forte impacto modelador de vida provocado pelas gerações anteriores nas seguintes. Este impacto está ocorrendo na vida do casal e a presença constante da mãe de Aline está atrapalhando a construção da nova família de forma tranqüila. Desta maneira, há a transmissão transgeracional, uma vez que essa situação vem se repetindo desde a geração anterior, quando já a bisavó de Aline interferia na conjugalidade de seus pais.

Dentro de cada sistema familiar existe também a necessidade de que as diferentes gerações se acomodem, simultaneamente, às transições do ciclo de vida, à mistura de gerações e a sua influência nos relacionamentos e nas interações entre os indivíduos. No caso estudado, parece que a mãe de Aline não pôde acomodar-se ao casamento de sua filha e está tentando, incessantemente, voltar para um modo de funcionamento anterior, em que eram apenas ela e a filha. Desta forma, sua constante exclusão de Vitor confirma este entendimento. A configuração que o casal adotou, apesar de desconfortável, parece incluir a mãe de Aline como um terceiro elemento no triângulo. O conceito de triângulo desenvolvido por Bowen (1991) é um dos principais pressupostos para a compreensão da transmissão transgeracional de padrões de relacionamento. Segundo o autor, o triângulo é a base da estrutura de todo sistema emocional interacional. Quando a tensão emocional de um sistema formado por duas pessoas supera o nível do suportável, estas vão triangular com uma terceira pessoa, permitindo que a tensão se desloque dentro do triângulo. Um sistema emocional é formado por uma série de triângulos interdependentes. A antiga dupla formada por Aline e sua mãe foi acrescida por Vitor que, assim, permite o alívio da tensão vivida por Aline com sua mãe. Mas é interessante que o casal, como uma nova dupla, não consegue “livrar-se” da mãe de Aline, seja por já terem construído sua casa no mesmo terreno que esta, seja por medo de magoá-la. Desta maneira, mantém-se o triângulo de transmissão transgeracional. Não é o bebê que parece estar causando dificuldades na dupla marido-mulher, mas a mãe de Aline, através de interferências junto ao bebê, é que vem ocupando o papel de terceiro elemento para esta dupla. Esta situação

vem se repetindo transgeracionalmente, uma vez que Aline refere a interferência da sua bisavó na conjugalidade de seus pais.

Com relação aos momentos de estresse familiar, Carter e McGoldrick (1995) acreditam que este é geralmente maior nos pontos de transição de um estágio para outro no processo de desenvolvimento da família. Ao pensar-se que a mãe de Aline atravessou a fase de “ninho vazio” com o casamento da filha, pode-se compreender suas dificuldades e a exacerbação de sua doença mental através de surtos psicóticos. Desta forma, este fluxo de estresse estaria representando o que as autoras nomearam estresse horizontal, referente à ansiedade produzida pelos estresses na família conforme ela avança no tempo, lidando com as mudanças e transformações do seu ciclo de vida. A relação de extrema dependência e submissão de Aline com sua mãe pode ser considerada um fluxo de ansiedade vertical, que inclui padrões de relacionamento e funcionamento que são transmitidos transgeracionalmente, principalmente através dos mecanismos de triangulação emocional (Bowen, 1991).

Na visão de Carter e McGoldrick (1995), quanto mais as questões de fusão na família ampliada forem resolvidas e entendidas antes do desenvolvimento de novos relacionamentos, mais o indivíduo poderá passar para a fase mútua, interdependente, de verdadeira intimidade, mais livre da projeção da família de origem. No caso estudado não se obteve dados suficientes para compreender como está a individuação de Vitor. Aline, por sua vez, apesar de mostrar-se bastante incomodada com as atitudes intrusivas da mãe, comporta-se de forma passiva e impotente, pois não consegue impor-lhe sua vontade. Essas questões, segundo inúmeros relatos de Vitor, acabam refletindo em algumas discussões entre o casal e, assim, atrapalhando sua intimidade. Whitaker (1990) pensa da mesma maneira que Carter e McGoldrick (1995), pois considera que um casal novo precisa diferenciar-se claramente de cada família de origem. Como o casal mostra-se unido, mesmo com tais dificuldades, pode-se pensar que a maturidade de Vitor e a consciência de Aline de sua dependência da mãe auxiliaram sua aproximação e a construção de sua conjugalidade. Ao dar-se conta de suas dificuldades, Aline apropriou-se de sua história e pode construir uma relação íntima com o marido.

Além de tudo isso, deve-se levar em consideração que, em sua formação, este casal sofreu influências de eventos estressores exacerbados no ciclo normal de vida de uma família. Os surtos psicóticos da mãe de Aline foram mais uma dificuldade com que tiveram que conviver e que tiveram que administrar ao longo de sua relação conjugal. Desta forma, não foi o nascimento da filha, em si, que despertou algumas dificuldades no casal, mas a participação inadequada da mãe de Aline na família. O casal confirma este entendimento quando falam

sobre as mudanças provocadas pela transição para a parentalidade. Vitor não percebeu nenhuma mudança em sua conjugalidade “durante o dia”, mas notou alterações em seu relacionamento “de noite”. Sua avaliação confirma a visão de Pittman (1994) que, ao apresentar os pontos críticos atravessados por um casal, enfatizou a importância do surgimento da paternidade e da maternidade no processo de desenvolvimento dos casais. Representando o início da família, frequentemente a transição para a parentalidade coincide com o fim do romance. O comentário de Vitor também se refere ao distanciamento sexual entre os dois, que também é uma mudança esperada da transição para a parentalidade. Hackel e Ruble (1992) encontraram evidências de que os casais relataram menos satisfação, menos intimidade sexual e mais conflitos depois do nascimento de seus filhos do que durante a gestação. Muitos homens podem considerar estressante providenciar o apoio adicional que suas esposas relatam necessitar e sentem que não são mais o centro de suas vidas.

Já Aline, ao falar sobre as mudanças na relação conjugal, apontou aspectos positivos, mencionando que estão mais próximos e unidos. Em alguns casos, apesar de o casal perceber que seu relacionamento está declinando em termos de romance, pode-se perceber um concomitante aumento do companheirismo e da parceria (Belsky e cols., 1983, 1985).

Ao analisar-se o percurso seguido por este casal nos momentos considerados neste estudo, constata-se que, apesar de enfrentarem algumas dificuldades referentes à família de origem, Aline e Vitor são bastante unidos e cúmplices. O comentário de Aline, quando questionada sobre a validade de tudo que viveram juntos, ressalta essa questão. Ela referiu que valeu a pena ter saído da casa da mãe em função do casamento com Vitor, mesmo com todas as conseqüências que essa união causou.

Outra questão interessante sobre este casal é que, mesmo nos momentos iniciais da transição para a parentalidade, mostraram-se capazes de preservar o tempo do casal, a conjugalidade. Eles sempre tiveram atividades de lazer específicas dos dois e o nascimento da filha não extinguiu estas atividades. Apesar da problemática vivida em função da interferência da mãe de Aline na vida familiar, confirmam, desta forma, que têm um vínculo forte e seguro. Assim, como construíram uma relação de proximidade desde o início, parece que estão podendo administrar sua transição para a parentalidade.

Essa questão confirma o entendimento de Belsky e cols. (1983), que consideram que aquelas famílias que experienciam mais satisfação conjugal antes do nascimento do primeiro filho experienciam mais satisfação conjugal depois e durante a transição para a parentalidade. Os achados de Levy-Shiff (1994), em sua análise da correlação entre os antecedentes pré-

natais e a satisfação marital pós-natal, apontam para o mesmo sentido, bem como os de Lewis (1988). Todos esses pesquisadores concluíram que, apesar de variáveis como habilidades individuais para lidar com situações estressantes, estresse e rede de apoio social, serem importantes fatores na transição para a parentalidade, sua influência torna-se diminuída pelo impacto, muito maior, da natureza da estrutura da relação conjugal básica nas respostas a esta transição. Desta forma, uma maior aproximação entre os cônjuges antes da parentalidade pode ser o fator mais determinante da estabilidade conjugal durante a transição para a parentalidade. Dentro deste entendimento, ressalta-se que Aline e Vitor, apesar das dificuldades externas, parecem ter construído uma estrutura conjugal estável e íntima.

Finalmente, confirma-se a idéia de Huston e Vangelisti (1995) de que não é a parentalidade, em si, que provoca um declínio na relação conjugal e no amor entre os cônjuges. Em seu entendimento, a parentalidade pode melhorar a qualidade de alguns casamentos, “minar” outros e ter, ainda, poucos efeitos em outros. Esta reconceituação da parentalidade considera que a transição provocada pelo nascimento do primeiro filho cria um misto de conseqüências que produzem uma variedade de ajustes e adaptações, apenas algumas levando a desavenças.

Com relação ao desenvolvimento das funções parentais, percebe-se que, durante todos os momentos considerados neste estudo, Vitor teve uma grande participação nos cuidados com a filha. Suas atividades relativas à filha tiveram que aumentar à medida que as da esposa diminuíram pela sua volta ao trabalho. Bradt (1995), neste sentido, refere que se tornar progenitor é, biologicamente, o evento que identifica o estágio da transição para a parentalidade, mas que ser progenitor é um resultado psicológico e social que vai além do vínculo entre duas gerações. Assim, tanto Vitor, quanto Aline parecem estar construindo sua parentalidade de forma envolvida. A participação ativa de Vitor, nesta família, é diferente do que se percebe na maioria das famílias. Tradicionalmente, considerava-se que a mãe era o principal vínculo que o bebê estabelecia e que o pai era periférico a esse processo. Desta forma, a igualdade entre homens e mulheres lentamente vem se transpondo para suas funções dentro da família e muitos pais estão participando mais da vida doméstica e, assim, da criação direta de seus filhos. É desta forma que o casal Vitor e Aline se organizou: como ela trabalha muito mais que ele, ele se encarrega, também, das atividades de cuidado com a filha e com a casa, o que, mais uma vez, demonstra a proximidade dos mesmos.

Aline, quando comenta os episódios de desavenças com a mãe, relata seu sentimento de que, com o nascimento da filha, se reaproximaria da mãe. Sua expectativa realmente se

confirmou e o bebê tornou-se um novo elo de ligação entre Aline e sua mãe. Szejer e Stewart (1997) entendem que, como o bebê de Aline, toda criança vem ao mundo com uma história anterior e ocupando um lugar especial. Cada criança, para seus pais, é considerada como possuindo alguma missão, a qual fará parte da sua bagagem e terá um impacto em sua história. Cada criança, com suas características pessoais de temperamento, reage diferentemente aos papéis que lhe são atribuídos. Apesar de estes papéis serem determinantes, nem sempre tiram a liberdade de cada criança.

Apesar da participação menos intensa de Aline na criação de sua filha, seu vínculo foi preservado. Seus esforços em ver a filha nos intervalos do trabalho e a expectativa da filha de vê-la podem exemplificar um esforço para construir esse vínculo. Como entendido por Szejer e Stewart (1997), tanto Aline, quanto o marido, mostraram-se capazes de construir um projeto de si como mãe/pai, além de desejar o nascimento da filha.

Com relação à interação comunicacional estabelecida pelo casal durante as entrevistas consideradas, percebe-se que ambos mostraram-se participativos e envolvidos em todas as etapas consideradas.

Durante todas as entrevistas houve um grande predomínio das categorias de apoio (elas representaram 85,8% do total na gestação, 81,5% no terceiro mês, 84% no oitavo mês, 92,2% no décimo-segundo mês e 100% do total no décimo-oitavo mês). Esse predomínio é coerente com o conteúdo da avaliação dos cônjuges sobre sua relação. Sua cumplicidade e sua proximidade parecem refletir, também, na forma como se comunicam. A esposa foi responsável pelo maior número de respostas referentes ao total de trocas de fala de apoio. Entretanto, esta proporção manteve-se relativamente estável ao longo das entrevistas consideradas, o que também confirma a estabilidade do funcionamento da conjugalidade deste casal.

As trocas de fala referentes a não-apoio não existiram nas entrevistas da gestação, do terceiro mês e do décimo-oitavo mês e representaram uma frequência muito pequena do total de trocas de fala na entrevista de oitavo mês e de décimo-segundo mês do bebê. A categoria de conflito também representou uma frequência pequena do total de turnos de fala em todas as entrevistas e na de décimo-oitavo mês não apareceu. A pequena ocorrência de categorias de não-apoio e de conflito também corrobora a compreensão de que a forma como o casal se comunica é coerente com sua avaliação da relação.

4.1.3. Casal 3

Constata-se, neste caso, a constante ausência e quietude do marido durante as entrevistas. Entretanto, na primeira entrevista, quando contam sua história como um casal ele mostrou-se mais participativo, parecendo mais envolvido com o tema. Nas entrevistas que se sucederam a essa, Julio tornou-se cada vez mais quieto e retraído, apenas emitindo sua opinião quando questionado diretamente pelos entrevistadores.

Outra questão que parece interessante a respeito da relação do casal refere-se à opinião de Camila a respeito das mudanças que a transição para a parentalidade proporciona, que foi se modificando com o tempo. Na entrevista da gestação, sua expectativa era de que o nascimento da filha iria melhorar a relação, que já era boa. Mostrou-se bastante animada com a gestação e a possibilidade de ser mãe. Estas expectativas pareceram ser confirmadas no terceiro mês da filha, quando ela relatou que o casal estava mais unido e mais amigo depois do nascimento do bebê. Entretanto, no oitavo e nos demais meses do bebê considerados neste estudo, Camila mostrou-se cansada, sobrecarregada e queixosa. Ela mudou sua opinião e relatou que a transição para a maternidade não estava sendo como imaginava e que a vida familiar estava cada vez mais difícil. Suas queixas com relação à sobrecarga com os cuidados com a filha e à ausência do marido aumentaram à medida que as entrevistas transcorreram. Diferentemente, Julio pareceu manter estável sua opinião a respeito da transição, não mostrando nenhuma empolgação, mas também nenhuma queixa.

O aumento de insatisfação de Camila à medida que a transição para a parentalidade se processou confirma os achados de Wilkinson (1995) que evidenciaram um aumento significativo da insatisfação com o relacionamento conjugal mais para as mulheres que eram mães pela primeira vez do que para as que já tinham filhos. Também Belsky e cols. (1983) apontaram que a qualidade conjugal declina desde o período anterior até o posterior ao nascimento do primeiro filho. Este declínio é mais pronunciado para as mulheres do que para os homens. Levy-Shiff (1994), em sua análise da correlação entre os antecedentes pré-natais e a satisfação marital pós-natal, apontam que há um declínio do ajuste conjugal sentido como maior pelas mulheres do que pelos homens.

É interessante que, ao mesmo tempo que Camila se queixa da sobrecarga e do cansaço que os cuidados com a filha causam, ela parece cada vez mais dedicada à função de mãe. Esta situação se confirma quando ela se descreve, na entrevista de dezoito meses do bebê, como “98,9% mãe”. Desta forma, ela mostra-se consciente de que o papel de mãe está sendo

priorizado neste momento em sua vida e de forma cada vez mais intensa. Essa questão de ser mãe e/ou mulher, ao mesmo tempo, parece estar muito clara para Camila e ela explicita isso quando relata que o exemplo negativo de casal que tem é sua irmã, a qual é “muito mulher e não é muito mãe”. Enquanto Camila vem se dedicando e se envolvendo com a nova função de mãe, Julio não faz nenhum movimento para obter a atenção da esposa. Ele parece estar conformado com a situação, até porque é bastante ausente da vida familiar.

Outra questão que confirma o distanciamento do casal é que eles pouco falaram a respeito um do outro, ou da sua própria relação conjugal. Este tema não ocupou sua atenção de forma intensa nem mesmo quando solicitado nas entrevistas. Percebe-se, desta forma, que a conjugalidade não está ocupando um papel central na vida de nenhum dos dois cônjuges. Camila dedica-se à maternidade e Julio a prover o sustento da família. Assim, mostram-se afastados e sem perspectiva ou planos para a retomada da conjugalidade.

Quando reflete a respeito da transição vivida, Camila menciona sempre sua preocupação com o fato de a filha ser muito “agarrada” a si. Entretanto, na última entrevista realizada, ela inverte a ordem de sua sentença e relata que é muito “agarrada” à filha e fica “triste” em deixá-la com outras pessoas. Percebe-se que o vínculo mãe-bebê aumenta e que Camila parece dar-se conta disso.

Ao referir que a filha é muito dependente, Camila menciona que espera a compreensão do marido, pois precisa dividir sua atenção entre os dois. Desta forma, Camila indica a possível existência de ciúmes por parte do marido, apesar de ele não se manifestar neste sentido em nenhum momento. O ciúmes com relação ao bebê é um dos sentimentos que podem aparecer com maior intensidade na chegada de um terceiro membro ao núcleo familiar, o qual era antes composto exclusivamente pelo casal. Szejer e Stewart (1997) mencionam que podem aparecer, desde a gravidez, sentimentos de competição e de ciúmes, de estar sendo deixado de lado, ou em segundo plano. A sensação de ter que dividir a atenção do parceiro é muitas vezes vivida com bastante intensidade. Esse sentimento de ciúmes, que é esperado e considerado inerente ao nascimento dos filhos, pode causar conflitos e desgastes se os cônjuges não souberem aceitar a transformação de uma relação dual em uma relação triádica.

Com respeito às funções parentais, percebe-se que Camila realizou um percurso de crescente envolvimento e convivência com a filha. Sua função maternal foi desenvolvida e acabou ocupando, inclusive, um papel central em sua vida. Este fato foi motivo, em alguns momentos, de queixas da própria Camila em função de sua sobrecarga e de seu cansaço. Julio, de outra forma, mostrou-se cada vez mais ausente e distante da filha e da esposa. Ele

demonstrou ter dificuldades em construir ou em demonstrar seu vínculo paternal com a filha. Entretanto, mostrou-se consciente de seu distanciamento e tentou se justificar alegando como motivo sua dedicação ao trabalho em função do sustento da família. Percebe-se que o casal comportou-se de forma bastante distinta com relação à transição para a parentalidade.

Esses aspectos do caso estudado corroboram o entendimento tradicional de que o principal vínculo que o bebê estabelece é com a mãe e que o pai permanece distante desse processo. Emery e Tuer (1993) apresentaram seus achados empíricos que indicam que a especialização dos papéis de pais, iniciada na transição para a parentalidade, é normativa e ideal. Segundo seu entendimento, a especialização de papéis é tradicional com relação a diferentes aspectos e geralmente as mulheres têm maior influência que os homens na promoção dos relacionamentos familiares e em seus papéis expressivos e nutrientes de mãe. As mães, comparadas aos pais, freqüentemente dão mais cuidado, proteção, conforto e estimulação social aos seus filhos. Por outro lado, os pais são mais responsáveis que as mães pelo papel instrumental na família, ligando a criança à sociedade. Enquanto as mães preocupam-se mais com os relacionamentos afetivos, os pais são mais ocupados com a educação e com os valores dos filhos. Pode-se pensar que Camila e Julio estão sendo complementares pois, enquanto ela permanece bastante vinculada emocionalmente à filha, promovendo suporte emocional à mesma, o pai mostra-se dedicado ao trabalho, promovendo o sustento do sistema familiar, ou seja, o suporte material para o desenvolvimento da filha.

Também Bradt (1995) considera que na transição para a parentalidade, o casal deve poder aceitar os novos membros no sistema e ajustar o sistema conjugal para criar espaço para o filho e para o papel de pais. Além disso, necessita unir-se nas tarefas de educação dos filhos e nas tarefas financeiras e domésticas, através de constantes negociações. O casal considerado está dividindo essas tarefas e, assim, vem provendo o apoio emocional e financeiro ao bebê.

Com relação à interação comunicacional estabelecida pelo casal, destaca-se a escassa participação de Julio e as constantes queixas de Camila. Assim, eles pareceram afastados e interagiram pouco durante as entrevistas, o que parece coerente com sua avaliação da relação conjugal.

Apesar disso, as trocas de fala entre o casal se concentraram, nas quatro primeiras entrevistas, nas categorias de apoio. Nas entrevistas da gestação e do terceiro e décimo segundo mês do bebê as categorias de apoio representaram todas as trocas de fala ocorridas. Na entrevista de oitavo mês a categoria de conflito esteve presente e na de dezoito meses esta categoria teve uma proporção igual à categoria de apoio. Assim, os conflitos entre o casal

durante as entrevistas aumentaram, assim como na avaliação de Camila sobre a relação conjugal.

Julio apenas emitiu uma resposta indicando conflito. As suas demais interações foram referentes às categorias de apoio de colaboração e confirmação. Camila, por sua vez, comunicou-se indicando conflito em duas entrevistas (na de oito e na de dezoito meses). Suas participações nas categorias de apoio diminuíram à medida que as entrevistas transcorreram, com exceção da entrevista de doze meses em que a única interação que existiu foi uma colaboração feita por Camila. À exceção desta entrevista de doze meses, Julio foi quem teve, proporcionalmente, mais respostas de apoio com relação ao total. Sua forma de interagir não pareceu coerente com sua real participação na vida familiar, mas pode ser coerente com sua avaliação da mesma. Como ele não se mostrava participativo na vida familiar, mas também não se queixava da mesma, sua forma apoiadora de interagir comunicacionalmente pode corresponder a sua avaliação pessoal da relação.

A forma de comunicação de Camila pareceu coerente com sua avaliação da relação conjugal. Suas respostas de apoio tornaram-se menos freqüentes e as de conflito mais, à medida que o tempo transcorreu (com exceção da entrevista de doze meses). Assim, a forma menos apoiadora e mais conflitiva com que ela se comunicou corresponde a suas constantes queixas relativas à sobrecarga e à solidão.

4.1.4. Casal 4

Percebe-se, neste caso, o grande envolvimento que o casal tem em termos de conjugalidade. Rosa e Luiz mostram-se participativos durante as entrevistas, assim como em suas avaliações da relação.

A conjugalidade parece ocupar um papel importante nas vidas de Rosa e Luiz, tanto que foi motivo para, inclusive, desafiarem as famílias de origem no início da relação. Para poderem se casar, Rosa e Luiz tiveram que contrariar as suas famílias, que consideravam ser “muito cedo para o casamento”. Sua possibilidade de diferenciação das famílias de origem pode estar relacionada com o estabelecimento de uma conjugalidade saudável. Carter e McGoldrick (1995), que estudaram extensivamente o aspecto transgeracional na família, entendem que quanto mais as questões de fusão na família ampliada forem resolvidas e entendidas antes do desenvolvimento de novos relacionamentos, mais facilmente os indivíduos poderão passar para a fase mútua, interdependente, de verdadeira intimidade, mais

livre da projeção da família de origem. Tal situação proporcionaria uma escolha e um relacionamento conjugal com maior possibilidade de êxito.

Da mesma maneira que Carter e McGoldrick (1995), Whitaker (1995) considera que um casal novo precisa diferenciar-se claramente de cada família de origem, mas também permanecer conhecedor dos aspectos de cada uma que devem ser preservados. Inevitavelmente, os indivíduos aprendem padrões de interação, expectativas, atitudes, orientações e conceitos considerados funcionais ou não funcionais com suas famílias de origem. Estas aprendizagens desempenham efeitos poderosos no comportamento e nas escolhas destes indivíduos em seus relacionamentos íntimos, bem como em outras áreas de suas vidas.

Outro aspecto peculiar deste caso é sua capacidade de construir a conjugalidade e também a parentalidade de forma diferente das estabelecidas por seus pais. Ambos mencionaram a falta de carinho e de amor existente entre seus pais, como casal e como pais. Apesar destes modelos, os dois mostram-se capazes de construir um modo de ser diferente, permeado por demonstrações de carinho e de companheirismo. Carter e McGoldrick (1995) entendem que a escolha conjugal de cada indivíduo está relacionada aos modelos parentais, às expectativas que surgem no indivíduo a partir de toda sua vivência na família de origem e aos padrões de interação estabelecidos nos sistemas originais de cada um. No caso estudado, mesmo Rosa e Luiz mencionando os modelos parentais como negativos, ao fazerem diferente dos mesmos já mostram-se influenciados por eles. Whitaker (1990) também considera que o casamento saudável deve ser uma mistura de duas culturas estrangeiras e o esforço para fundi-las em uma nova. Esta terceira forma de organização deve ser, ao mesmo tempo, similar e distinta de cada um dos “clãs contribuintes”.

Como têm uma relação de cumplicidade e companheirismo, Rosa e Luiz planejaram, desde o início da transição para a parentalidade, preservar um tempo para os dois. Entretanto, esse plano não foi posto em prática até a última entrevista considerada no estudo, aos dezoito meses do bebê. Até esse período, o filho permanecia dormindo no quarto dos pais e fazendo-lhes companhia em todos os momentos. Na última entrevista, no entanto, o casal mostrou-se bastante determinado a encontrar meios de poder ficar apenas os dois a sós. Desta forma, percebe-se que, embora difícil, o casal não desistiu de preservar um tempo para sua conjugalidade. Essa questão pode ser compreendida ao considerar-se que a função conjugal, apesar de menos intensa, permaneceu existente e valorizada pelo casal durante a transição para a parentalidade.

Sobre as mudanças enfrentadas após o nascimento do filho, o casal mostrou-se consciente da diminuição do tempo disponível para o casal. Esta questão reflete nas queixas de diminuição de qualidade da vida sexual, por exemplo, por parte da esposa. Apesar de apontarem algumas mudanças no sentido de prejudicar a conjugalidade, Rosa e Luiz consideram que as mudanças vivenciadas no processo de transição para a parentalidade estavam sendo, no geral, “para melhor”. Ambos mostraram-se satisfeitos com o nascimento e a presença do filho e com a dedicação que este necessita. Além disso, mencionaram o sentimento de estarem mais unidos e mais juntos depois do nascimento do bebê. Belsky e cols. (1983, 1985) mencionaram que, em alguns casos, apesar de o casal perceber que seu relacionamento está declinando em termos de romance, pode perceber um concomitante aumento do companheirismo e da parceria, como ocorre no casal estudado.

Hackel e Ruble (1992) também buscaram entender quais os fatores que influenciam a ocorrência de mudanças positivas ou negativas na transição para a parentalidade nos casais. Confirmaram sua hipótese de que o declínio dos sentimentos positivos sobre o relacionamento conjugal aparece em ambos os cônjuges, homens e mulheres, após o nascimento do primeiro filho. Ao compararem os relatos de casais durante a gestação aos de casais após o nascimento do primeiro filho, encontraram evidências de que estes relataram menos satisfação e menos intimidade sexual depois do nascimento de seus filhos do que os casais durante a gestação. Esses achados são coerentes com o relato do casal, em especial de Rosa, de que a sexualidade está menos satisfatória do que antes do nascimento do filho.

Sobre as funções parentais, constata-se que ambos participam e desenvolvem seus papéis de mãe e pai de forma envolvida e dedicada. Rosa, ao descrever com detalhes o filho e seu desenvolvimento, mostra-se participativa e presente. Luiz, ao dividir com a esposa os cuidados diários com o bebê, também se mostra, gradualmente, bastante envolvido. O casal, apesar de concordar com o fato de que é a mãe quem permanece mais tempo com o filho, reveza-se de forma igualitária com seus cuidados. Como sua residência é no mesmo local de trabalho de Luiz, ele se dispõe a cuidar do filho por alguns momentos do dia para que a esposa possa trabalhar em casa. Mostram-se, na parentalidade, como na relação conjugal: cúmplices e companheiros. Assim, o casal parece fortalecer seus laços afetivos e emocionais à medida que enfrenta as dificuldades e adaptações da transição para a parentalidade. Esse aspecto do caso em questão relaciona-se ao entendimento de Bradt (1995) de que o resultado ideal desta transição não é simplesmente o de ligar os adultos, como pais, aos filhos, mas intensificar o relacionamento íntimo do casamento.

Neste casal pode-se constatar que sua relação conjugal, que era bastante intensa antes do nascimento do primeiro filho, permaneceu saudável depois deste evento. Apesar de ambos os cônjuges estarem bastante envolvidos com as novas funções de pai e de mãe, mostraram-se também ocupados com sua relação afetiva de casal. A transição para a parentalidade não prejudicou de forma intensa a conjugalidade. Esse fato parece corroborar o entendimento de Belsky e cols. (1985) de que a qualidade conjugal declina desde o período anterior até o posterior ao nascimento do primeiro filho. Entretanto, os autores consideram que aquelas famílias que experienciam mais satisfação conjugal antes do nascimento do primeiro filho, experienciam mais satisfação conjugal depois desse evento. Também Lewis (1988), em seu estudo com casais, confirma sua hipótese central de que a maioria dos casais com altos níveis de competência conjugal pré-natal mantém sua estrutura de alta competência conjugal na transição para a parentalidade. Esse pesquisador concluiu que, apesar de variáveis como habilidades individuais para lidar com situações estressantes, estresse e rede de apoio social, serem importantes fatores na transição para a parentalidade, sua influência torna-se diminuída pelo impacto, muito maior, da natureza da estrutura da relação conjugal básica nas respostas a esta transição. Desta forma, uma maior aproximação entre os cônjuges antes da parentalidade pode ser um fator determinante na estabilidade estrutural do sistema durante a transição para a parentalidade. Para este entendimento, a história de cada casal é um fator que influencia a possibilidade, ou não, de passar pela transição para a parentalidade de forma construtiva e adequada.

Com relação à interação comunicacional estabelecida pelo casal durante as entrevistas, pode-se perceber que o casal mostrou-se participativo e envolvido durante todas as entrevistas consideradas neste estudo. Rosa foi mais falante e ativa. Luiz, por sua vez, apesar de menos falante, mostrou-se participativo e interessado nos temas abordados.

Constata-se que houve, sempre, um predomínio das categorias de apoio. Estas, inclusive, representaram uma proporção cada vez maior do total de trocas de fala estabelecidas entre os cônjuges, à medida que as entrevistas se desenrolaram. Desta forma, na gestação os turnos de fala de apoio representaram 80% do total; no terceiro mês do bebê, 89,7%; no oitavo mês, 96,2; no décimo segundo, 97,2%; e no décimo oitavo, 100% do total. Esse aumento da forma apoiadora de se comunicar durante as entrevistas parece coerente com a avaliação do casal a respeito de sua relação. Eles consideraram que a relação manteve-se unida e, realmente, pareceram estar unidos e apoiadores na transição para a parentalidade.

Com relação às categorias de apoio, ainda, constata-se que Rosa foi a responsável pela maior parte delas nas duas primeiras entrevistas e Luiz, nas três últimas. É válido ressaltar que a diferença entre a proporção de respostas apoiadoras emitidas pelo marido e pela esposa foi muito pequena. Desta maneira, a forma como o casal se reveza na emissão de respostas apoiadoras também confirma sua proximidade.

Com relação às categorias de não-apoio, salienta-se sua pequena proporção nas duas primeiras entrevistas e sua inexistência nas demais. Assim, o casal pouco interagiu de forma não-apoiadora durante a transição para a parentalidade, o que também corrobora sua avaliação da relação conjugal, de união e companheirismo.

De forma semelhante, as categorias de conflito também representaram uma proporção pequena do total de trocas de fala entre os cônjuges. Não apareceram na primeira entrevista, representaram uma proporção cada vez menor nas entrevistas de três, oito e doze meses e não apareceram na de dezoito meses. Esse fato também confirma a avaliação do casal com relação a sua conjugalidade. Assim como em seus relatos, na sua interação comunicacional eles não discordaram de forma intensa.

4.1.5. Casal 5

É interessante, neste caso, a dedicação e o envolvimento com que os cônjuges respondem às entrevistas. O casal passa a impressão de ter orgulho de sua história, da forma como se conheceram e ficaram juntos até a atualidade. Sua união parece permear todos os momentos considerados no estudo, apesar da ocorrência da morte do pai de Walter e do próprio nascimento do filho.

Apesar disso, salienta-se a existência de alguns conflitos referentes ao local de sua moradia. Esses conflitos foram mencionados na maior parte das entrevistas e se refere às ligações dos cônjuges com suas famílias de origem. Michele insistiu para que morassem com sua família, enquanto Walter gostaria de morar com a sua. A vontade que prevaleceu foi a de Michele, mas Walter mencionou essa discordância em diversos momentos, indicando que não havia sido solucionada ainda. Desta maneira, percebe-se que a relação com as famílias de origem é um fator importante para ambos os cônjuges. Além disso, ambas as famílias pareceram ser muito unidas e exercem alguma pressão no sentido de que o casal fosse morar consigo.

Essa questão foi discutida por Carter e McGoldrick (1995) que consideram que o sistema geracional de uma família abrange três ou mais gerações em seu movimento através

do tempo. Desta forma, por mais que estejam constituindo uma nova família, Walter e Michele ainda estão vinculados à geração anterior, seus pais. A família compreende, assim, todo o sistema emocional de pelo menos três gerações e este é o seu campo emocional operativo. Em função disto, há um forte impacto modelador de vida provocado pelas gerações anteriores nas seguintes e vice-versa. É justamente esse impacto modelador que tem levado o casal a ter conflitos, pois ambos querem satisfazer a sua própria família de origem e, desta forma, acabam discordando um do outro.

Segundo Carter e McGoldrick (1995), ainda, dentro de cada sistema familiar há a necessidade de que as diferentes gerações se acomodem, simultaneamente, às transições do ciclo de vida, à mistura de gerações e a sua influência nos relacionamentos e nas interações entre os indivíduos. Aparentemente, tanto a família de origem de Walter, quanto a de Michele não estão conseguindo se acomodar ao crescimento e diferenciação de seus filhos. Cada família pressiona o seu filho para que more consigo. Desta maneira, ambas as famílias de origem parecem estar enfrentando dificuldades em aceitar o distanciamento de seus filhos e sua vinculação com o cônjuge. Para as autoras mencionadas anteriormente, a eleição conjugal está relacionada aos modelos e às influências das famílias de origem. Entretanto, Carter e McGoldrick (1995) salientam que quanto mais as questões de fusão na família ampliada forem resolvidas e entendidas antes do desenvolvimento de novos relacionamentos, mais facilmente os indivíduos poderão passar para uma fase mútua, interdependente e de verdadeira intimidade.

Nesse sentido, ressalta-se que, apesar de os cônjuges serem muito ligados com as famílias de origem, ambos percebem que essa ligação gera conflitos em sua relação. Assim, demonstram intenção de diferenciar-se das famílias. Essa intenção é marcada por seu relato de que pretendem construir sua nova casa em um terreno que não seja nem da família de Walter, nem da de Michele. Esta intenção, mesmo que seja ainda apenas um plano, demonstra que o casal está se esforçando para construir uma nova família, distinta das duas de origem: a sua família. Já na entrevista da gestação eles também mostraram essa intenção quando mencionam sua pretensão de criar o filho sozinhos.

Com relação, ainda, às famílias de origem, destaca-se a participação constante da avó materna nos cuidados com o bebê. O casal parece estar de acordo com esta questão e não questionar a presença constante da mãe de Michele.

Durante a transição para a parentalidade, esse casal vivenciou um fator estressante externo à transição para a parentalidade: a doença e posterior morte do pai de Walter. Esse

fator estressante fez parte do cotidiano da família durante o primeiro ano de vida do filho e exigiu bastante tempo e dedicação de Walter. Com a ausência do marido, Michele sentiu-se sozinha e queixou-se algumas vezes, apesar de mostrar-se compreensiva com seus motivos. Desta maneira, o casal vivenciou, concomitantemente, dois fatores estressantes: o nascimento do primeiro filho e a morte de um familiar. Sua organização durante esse período crítico pareceu interessante, pois Walter dedicou-se aos cuidados do pai enquanto Michele, aos cuidados com o filho. Após o falecimento do pai de Walter, este mencionou a saudade sentida do filho e voltou a participar da família como antes.

Com relação aos momentos de estresse familiar, Carter e McGoldrick (1995) acreditam que este é geralmente maior nos pontos de transição de um estágio para outro no processo de desenvolvimento da família. As autoras consideraram dois tipos de possíveis ansiedades nas famílias: fluxos verticais e fluxos horizontais. Os primeiros incluem padrões de relacionamento e funcionamento que são transmitidos transgeracionalmente, principalmente através dos mecanismos de triangulação emocional e os segundos incluem a ansiedade produzida pelos estresses na família conforme ela avança no tempo, lidando com as mudanças e transformações do ciclo de vida. A morte é considerada um fator estressante que faz parte do ciclo de vida da família, mas não necessariamente ocorre junto com outro fator estressante. A existência de dois ou mais fatores estressantes pode gerar mais dificuldades ao sistema que deve se reorganizar e se adaptar a distintas mudanças e demandas. Isso não foi o que pareceu ocorrer com o casal estudado. Walter e Michele conseguiram passar pela transição para a parentalidade e pela morte de um familiar de forma organizada e, à medida do possível, harmônica.

Portanto, apesar de estar vivenciando um momento tão difícil, o casal pareceu bastante próximo afetivamente. Seus planos com relação ao futuro – trabalhar bastante e conquistar estabilidade financeira – são semelhantes e compatíveis e eles mostraram-se conscientes de que estavam distantes como casal, em função da doença do pai de Walter. Com relação a isso, destaca-se a iniciativa do casal de manter momentos para ficarem apenas os dois para poderem conversar e namorar. Eles contaram que costumam conversar e combinar momentos para se encontrar e ficar a sós e, assim, preservar a sua conjugalidade.

Sobre os planos de preservar a conjugalidade, à medida do possível, pode-se pensar que esse casal já tinha uma relação de bastante proximidade antes da transição para a parentalidade. Seu relato detalhado e empolgado da história de sua relação é um indício de que a conjugalidade já ocupava um papel importante em suas vidas antes do nascimento do filho.

Dessa forma, a transição para a parentalidade e a doença e morte do pai de Walter foram fatores estressantes, mas não destrutivos para a conjugalidade. Esse fato parece confirmar o entendimento de Belsky e cols. (1985), bem como o de Levy-Shiff (1994) e o de Lewis (1988) de que aquelas famílias que experienciam mais satisfação conjugal antes do nascimento, experienciam mais satisfação conjugal depois do nascimento. Esses pesquisadores consideram que, apesar de variáveis como habilidades individuais para lidar com situações estressantes, estresse e rede de apoio social, serem importantes fatores na transição para a parentalidade, o impacto da natureza da relação conjugal é muito maior nas respostas a essa transição. Para este entendimento, a história de cada casal é um fator que influencia a possibilidade, ou não, de passar pela transição para a parentalidade de forma construtiva. O casal Walter e Michele parece estar conseguindo construir a sua parentalidade sem ter que abrir mão totalmente de sua conjugalidade.

Com relação às mudanças percebidas em função do nascimento do filho, o casal salientou que o bebê, agora, é a sua prioridade e que se sentem mais motivados para trabalhar e adquirir as coisas. Assim, comentaram que não perceberam mudanças negativas, mas que se sentem mais determinados com seus objetivos e mais unidos emocionalmente. Essa questão é pertinente com o apontamento de Belsky e cols. (1983, 1985) de que em alguns casos, apesar de o casal perceber que seu relacionamento está declinando em termos de romance, pode perceber um concomitante aumento do companheirismo e da parceria. Essa sensação de união e parceria aumentada permeou os relatos desse casal nas entrevistas realizadas.

A respeito das funções parentais, Michele assumiu bastante os cuidados com o filho durante os períodos considerados neste estudo. Ela pareceu envolvida e dedicada à sua função maternal, bem como satisfeita com o cotidiano de cuidados com o filho. A crescente dedicação de Michele à função maternal corrobora a idéia existente de que a relação principal que o bebê estabelece é com a mãe.

Enquanto Michele pareceu envolvida física e afetivamente com o filho, Walter, por sua vez, manteve-se relativamente ausente com relação aos cuidados com esse. Mesmo antes da doença e da morte de seu pai, dedicou-se mais a trabalhar de forma intensa para prover tudo que a família necessitasse. Seus cuidados com o filho, desta forma, se manifestaram através de sua dedicação maior ao trabalho e ao sustento da família. Mesmo distante fisicamente da família, Walter vinculou-se ao filho de forma intensa. Seus relatos de sentimentos como saudade e preocupação com o bem-estar do filho podem exemplificar esse envolvimento. Emery e Tuer (1993) apresentam a existência atual de especialização dos papéis

de pai e mãe. Esses autores consideram que, relativamente à parentalidade, geralmente as mulheres têm maior influência que os homens na promoção dos relacionamentos familiares e em seus papéis expressivos e nutrientes de mãe. São as mães que dão mais cuidado, proteção, conforto e estimulação social aos seus filhos. Por outro lado, os pais são mais responsáveis do que as mães pelo papel instrumental na família, ligando a criança à sociedade. Enquanto as mães preocupam-se mais com os relacionamentos afetivos, os pais são mais ocupados com a educação e com os valores dos filhos. Aparentemente, o casal está se dividindo com relação às funções parentais de acordo com a diferenciação proposta por Emery e Tuer (1993) e, assim, tem provido os cuidados essenciais para o desenvolvimento de seu filho.

Com relação à interação comunicacional estabelecida pelo casal durante a realização das entrevistas, considera-se que houve um predomínio das categorias de apoio em todas as entrevistas. Entretanto, essa proporção pareceu aumentar à medida que as entrevistas transcorreram, chegando a representar 100% do total de trocas de fala na última entrevista. Esse fato indica um aumento da forma apoiadora de interação comunicacional ao longo da transição para a parentalidade.

Das categorias de apoio, a esposa emitiu uma maior proporção na entrevista realizada na gestação e nas de doze e dezoito meses do bebê. Nas demais entrevistas, o marido foi o responsável pela maioria das interações apoiadoras. Essa distribuição relativamente equivalente da emissão das categorias de apoio corrobora o entendimento de que o casal esteve unido e participativo durante a transição para a parentalidade.

As categorias de não-apoio foram emitidas, em sua maioria, pelo marido. Apesar de estarem presentes nas quatro primeiras entrevistas, sua proporção com relação ao total de trocas de falas entre os cônjuges foi diminuindo à medida que as entrevistas foram sendo realizadas. Isso pode indicar que o casal passou a apoiar-se mais e, conseqüentemente, a não-apoiar-se menos durante o desenvolvimento do processo de transição para a parentalidade.

As categorias indicando conflito apareceram nas quatro primeiras entrevistas e foram emitidas por ambos os cônjuges, mas mais pelo marido nas entrevistas de três, oito e doze meses do bebê. Esses foram os períodos em que Walter esteve enfrentando a doença do pai e esse fator pode ter refletido em sua forma de interagir comunicacionalmente. Entretanto, salienta-se que as categorias de conflito representaram uma proporção bastante pequena do total de trocas de fala entre o casal, diminuindo à medida que o tempo passou e, inclusive, não aparecendo na última entrevista.

4.2. A Relação Conjugal na Transição para a Parentalidade: Aspectos Comuns dos casos Estudados.

A partir da discussão dos aspectos singulares de cada caso, constata-se a recorrência de algumas temáticas comuns a todos ou à maioria dos casos considerados. Uma questão que permeou a discussão dos cinco casos e que guiou os comentários seguintes diz respeito à importância da natureza da relação conjugal estabelecida anteriormente à transição para a parentalidade. Essa questão foi estudada por Belsky e cols. (1983), que consideraram que os casais que têm mais satisfação conjugal antes do nascimento do primeiro filho tendem a ter mais satisfação conjugal depois e durante a transição. Também os achados de Levy-Shiff (1994), em sua análise da correlação entre os antecedentes pré-natais e a satisfação marital pós-natal, apontam para este sentido. Lewis (1988), da mesma maneira, evidenciou que a maioria dos casais com altos níveis de competência conjugal pré-natal mantém sua estrutura de alta competência conjugal na transição para a parentalidade. Os casais com menores níveis pré-natais de competência conjugal, entretanto, sofrem repercussões mais variadas como conseqüências do nascimento do primeiro filho.

Como Lewis (1988), pensa-se que variáveis como habilidades individuais para lidar com situações estressantes, estresse e rede de apoio social são importantes fatores na transição para a parentalidade. Entretanto, entende-se que é a natureza da estrutura da relação conjugal que tem a maior influência nas respostas que o casal vai poder dar às demandas da transição.

Pode-se pensar que não é o nascimento do primeiro filho, em si, que provocou o distanciamento de alguns casais estudados, como Taís e Lucas e Camila e Júlio. O que, na verdade, acredita-se que promoveu o distanciamento desses casais foi seu distanciamento afetivo anterior. Desta forma, o momento da transição para a parentalidade apenas potencializa um distanciamento já existente entre os casais.

Diferentemente, nos casais Aline e Vitor, Rosa e Luiz e Michele e Walter constata-se que a relação conjugal já era caracterizada por um envolvimento afetivo antes do nascimento do primeiro filho. Desta maneira, a conjugalidade permaneceu, nesses casos, preservada durante e após a transição para a parentalidade. Apesar de os cônjuges, em todas as duplas conjugais, estarem envolvidos com as novas funções de pai e de mãe, mostraram-se também ocupados, cada um à sua forma, com sua relação afetiva de casal.

A partir dessa diferenciação apresentada, em que os casais Taís e Lucas e Camila e Julio mostram-se distantes afetivamente em termos conjugais e os demais casais, envolvidos,

pode-se pensar em outras considerações. Assim, Taís e Lucas e Camila e Julio mencionaram, em suas entrevistas, a sua percepção de que a satisfação conjugal havia declinado. Esses casais não perceberam nenhuma mudança positiva em sua relação conjugal a partir da transição para a parentalidade, e sim um constante distanciamento emocional. Diferentemente, os casais Aline e Vitor, Rosa e Luiz e Michele e Walter, que pareceram manter a conjugalidade preservada, puderam perceber a existência de mudanças positivas em sua conjugalidade. Esses casais mencionaram que, apesar de terem seu tempo para a conjugalidade diminuído, percebem o aumento de sentimentos de companheirismo e união. Apesar de apontarem algumas mudanças no sentido de prejudicar a conjugalidade, esses casais consideraram que as mudanças vivenciadas no processo de transição para a parentalidade estavam sendo, no geral, positivas e construtivas. Belsky e cols. (1983, 1985) mencionaram a possibilidade de alguns casais, mesmo percebendo que seu relacionamento está declinando em termos de romance, relatarem um concomitante aumento do companheirismo e da parceria conjugal.

Outro aspecto que é comum aos casais Aline e Vitor, Rosa e Luiz e Michele e Walter é a preservação, ou, pelo menos, intenção de preservação da conjugalidade. Os casais Taís e Lucas e Camila e Julio, por sua vez, não mencionaram nem a existência, nem o desejo de preservar a conjugalidade. Novamente, percebe-se que a distinção inicial feita entre os cinco casais em dois grupos - os que tinham um envolvimento afetivo antes e os que não o tinham antes da transição - repercutiu na preservação, ou não, da relação conjugal.

Com referência à assunção dos papéis parentais, não se percebe um comportamento comum entre os casais estudados. No entanto, pode-se considerar que os três casais que preservaram a conjugalidade têm em comum o envolvimento com a construção dos papéis de pai e de mãe. Apenas a maneira como esses papéis são manifestados no cotidiano familiar que se mostrou distinta. Assim, os casais Aline e Vitor e Rosa e Luiz estiveram igualmente participativos nas funções de pai e mãe, sem corresponder à tradicional distinção entre os gêneros na parentalidade. Essa questão parece coerente com o entendimento de Bradt (1995) de que o tornar-se progenitor é, biologicamente, o evento que identifica o estágio da transição para a parentalidade, mas o ser progenitor é um resultado psicológico e social que vai além do vínculo entre duas gerações. Atualmente, muitos pais têm participado ativamente dos cuidados com seus filhos, desafiando a visão tradicional de que a mãe é o principal vínculo que o bebê possui. Os pais, na maior parte das vezes, eram considerados periféricos ao processo de envolvimento com o bebê. Em função da crescente igualdade entre homens e mulheres, lentamente as funções parentais vêm se transformando. Essa igualdade vem sendo transposta

para as relações familiares e muitos pais estão participando mais da vida doméstica e, portanto, da criação direta de seus filhos.

Diferentemente, no casal Michele e Walter, que também se mostrou envolvido com a construção da parentalidade, cada cônjuge assumiu funções bem distintas com relação aos cuidados com o filho. Ela assumiu os cuidados mais tradicionais de nutrição e afeto enquanto ele ocupou-se com o sustento da família. Neste sentido, Szejer e Stewart (1997) apontam que o projeto da gravidez e o projeto de ser pais, ainda que compartilhado, podem ter significados e implicações diferentes para o homem e para a mulher, pois estes funcionam diferentemente, tanto em relação aos aspectos psicológicos, quanto aos fisiológicos. Também Emery e Tuer (1993) indicam que há uma especialização dos papéis de pais. Esses autores evidenciaram que, como no casal Michele e Walter, geralmente as mulheres têm maior influência que os homens na promoção dos relacionamentos familiares e em seus papéis expressivos e nutrientes de mãe. Estas freqüentemente oferecem mais cuidado, proteção, conforto e estimulação social aos seus filhos. Por outro lado, os pais são mais responsáveis que as mães pelo papel instrumental na família, ligando a criança à sociedade, e preocupam-se mais com a educação e com os valores de seus filhos, bem como com seu sustento.

Com relação ao envolvimento com a parentalidade, percebe-se que nos dois casais que mostraram um distanciamento afetivo, as mães assumiram todas as funções e os cuidados com seus filhos e os pais mantiveram-se distantes e cada vez mais ausentes. Tanto no casal Taís e Lucas, quanto no casal Camila e Julio, as mulheres queixaram-se freqüentemente das ausências dos esposos e da sobrecarga da função parental, assumida somente por elas. É interessante salientar que essas queixas não existiram nos casais Aline e Vitor e Rosa e Luiz. No casal Michele e Walter, houve algumas queixas, que foram sempre sucedidas por desculpas e pela compreensão de Michele de que a ausência do marido se devia à doença e posterior morte do pai.

Parece relevante, portanto, destacar que a parentalidade se manifesta de forma diferente em cada casal. Entretanto, a participação, ou não, dos homens na função parental mostrou-se relacionada à qualidade de sua conjugalidade. Nos casais Aline e Vitor, Rosa e Luiz e Michele e Walter, que tinham um envolvimento afetivo, os homens assumiram a paternidade e construíram sua função de pais, apenas variando a forma de manifestação das mesmas. Nos casais Taís e Lucas e Camila e Julio, por sua vez, percebe-se que, além de a relação conjugal se caracterizar por um distanciamento, os homens não se mostraram

envolvidos com a função de paternidade, diferente das mulheres, que o fizeram de forma intensa.

Outro aspecto que parece interessante é relativo aos eventos estressores no ciclo vital da família e sua relação com a conjugalidade. Dos cinco casais estudados, dois sofreram a influência de eventos estressores durante o período estudado. Estes foram eventos estressores verticais, segundo a conceituação de Carter e McGoldrick (1995). O casal Aline e Vitor conviveu com o surto psiquiátrico da mãe de Aline, enquanto o casal Michele e Walter conviveu com a doença e posterior morte do pai de Walter. Apesar de estes casais viverem mais de um evento estressor, simultaneamente, mostraram um envolvimento afetivo conjugal antes, durante e após a transição para a parentalidade. Os eventos estressores não tiveram repercussões determinantes na preservação, ou não, da conjugalidade desses casais.

Com relação à interação comunicacional estabelecida pelos casais durante as entrevistas realizadas, alguns apontamentos também podem ser realizados. A distinção entre os casais que têm um envolvimento afetivo e os que têm um distanciamento afetivo permanece coerente quando se analisa o comportamento longitudinal da interação comunicacional dos casais.

Desta forma, percebe-se que as categorias indicando apoio foram predominantes em todas as entrevistas de todos os casais. Apesar disso, nos casais Taís e Lucas e Camila e Julio a proporção de categorias de apoio foi diminuindo à medida que o tempo passou e as entrevistas foram realizadas. Diferentemente, nos casos Aline e Vitor, Rosa e Luiz e Michele e Walter a proporção de categorias de apoio com relação ao total foi aumentando à medida que a transição para a parentalidade se desenvolveu. Essa diferença parece confirmar a anterior divisão dos casos em dois grupos, em função da qualidade de sua relação conjugal anterior ao nascimento do filho. No momento de transição vivido, os casais que tinham uma relação de envolvimento afetivo puderam aprimorá-la e manifestar isso através do aumento da emissão de respostas apoiadoras ao cônjuge. De outra maneira, os casais que tinham um distanciamento afetivo sentiram mais o impacto da transição, diminuindo a forma apoiadora de interagir com o cônjuge.

A quantidade das categorias de não-apoio teve um percurso inverso às de apoio. Elas foram pouco existentes e foram diminuindo à medida que as entrevistas se desenrolaram nos casais Aline e Vitor, Rosa e Luiz e Michele e Walter. No casal Taís e Lucas, a emissão de respostas de não-apoio por parte da esposa foi aumentando com o passar do tempo e a do

esposo manteve-se estável. No casal Camila e Julio, que teve a peculiaridade de interagir comunicacionalmente de forma muito escassa, as categorias de não-apoio não existiram.

A interação comunicacional indicando conflito foi, da mesma forma que a de não-apoio, pouco existente e cada vez mais escassa nos casais Aline e Vitor, Rosa e Luiz e Michele e Walter. No casal Taís e Lucas, entretanto, a interação indicando conflito passou a aparecer de forma cada vez mais freqüente por parte da esposa e menos freqüente por parte do esposo. No casal Camila e Julio, a interação comunicacional de conflito emitida pela esposa também aumentou com o desenrolar das entrevistas.

Assim, percebe-se que os casais que mostram ter um envolvimento afetivo e uma conjugalidade preservada tiveram uma proporção pequena de emissão de interações comunicacionais indicando não-apoio e conflito. Nos outros casais, que mostraram ter uma relação conjugal de distanciamento afetivo, a incidência das categorias de não-apoio e de conflito foi inversa.

Finalmente, constata-se que não é a transição para a parentalidade, em si, que gera uma crise no sistema familiar e conjugal. É a história de cada casal e a qualidade de sua relação afetiva que vão ser relevantes para a existência de uma crise ou não. Os casais com envolvimento afetivo sofrem as mudanças provocadas pela transição para a parentalidade, mas conseguem, ainda assim, preservar a sua conjugalidade. Os casais que têm um distanciamento emocional, por sua vez, mostram-se mais suscetíveis à crise que se instaura e parecem enfrentar mais dificuldades na preservação de sua conjugalidade.

4.3. Considerações Finais

Esse estudo foi realizado com a intenção de investigar a relação conjugal nos diferentes momentos da transição para a parentalidade. Com esse objetivo, buscou-se compreender a avaliação do casal sobre seu relacionamento conjugal e investigar e categorizar a interação comunicacional estabelecida pelo mesmo no decorrer das entrevistas. Para tanto, realizou-se um *estudo de caso coletivo* (Stake, 1994), através das análises qualitativa e quantitativa de conteúdo.

A partir da discussão realizada, constatou-se que a qualidade da relação conjugal estabelecida antes da transição para a parentalidade é fundamental para a compreensão da conjugalidade na transição. Os casais que tinham um envolvimento afetivo puderam preservar a conjugalidade na transição vivida, enquanto os outros, que não o tinham, encontraram

dificuldades na transição. A partir dessa distinção central, outros aspectos mostraram-se relevantes na discussão dos casos estudados. Os casais que apresentaram um envolvimento afetivo apontaram aspectos positivos da transição, como uma maior união, e conseguiram organizar sua rotina de forma a preservar um tempo para estarem a sós. Além disso, nesses casais os pais puderam assumir e construir sua função paternal, bem como as mães. A interação comunicacional teve um aumento das categorias de apoio e uma diminuição das de não-apoio e de conflito à medida que a transição se desenrolou. Diferentemente, os casais que mostraram um distanciamento afetivo, apontaram apenas mudanças negativas em função da transição e não conseguiram dedicar um tempo para ficarem a sós. Nesses casais, os homens mostraram-se ausentes e pouco envolvidos com a paternidade. A interação comunicacional compreendeu uma diminuição das trocas de fala de apoio, e um aumento das de conflito e de não-apoio.

Durante a realização desta pesquisa, alguns aspectos pareceram interessantes para futuras investigações. É relevante a forma como cada indivíduo, subjetivamente, passa pela transição para a parentalidade. No presente estudo, o enfoque foi a relação conjugal. Entretanto, parece importante compreender, também, as percepções e vivências individuais, do homem e da mulher, enquanto indivíduos que passam pela transição e tornam-se pais. Este tema foi recentemente trabalhado por Corrêa (2001). Além desse aspecto, chamou a atenção e mostrou-se pertinente para novas investigações a participação das famílias de origem no processo de desenvolvimento do casal. A participação e a influência dos familiares pareceu muito intensa, tanto no momento da escolha, quanto no momento da manifestação da conjugalidade e de sua preservação, ou não. Os modelos transgeracionais acompanham todos os casais, uns de forma a serem repetidos, outros de forma a serem evitados. Esses são temas pouco estudados em Psicologia, mas que, com o tempo, vêm tornando-se mais valorizados. Desta forma, mostra-se necessário que seu estudo continue sendo aprofundado cada vez mais.

Esta investigação teve o objetivo de ampliar o conhecimento na área de transição para a parentalidade, enfocando a conjugalidade neste processo. Desta forma, a transição por que os casais passam, ao terem seu primeiro filho, pode gerar mudanças positivas ou negativas em sua conjugalidade, no sentido de promoverem um envolvimento ou um distanciamento emocional. É a qualidade da relação conjugal que se mostra determinante na forma da conjugalidade ser preservada ou não. Assim, percebe-se que a avaliação da qualidade da relação conjugal e o estudo do ciclo vital dos casais parecem relevantes e imprescindíveis para

o trabalho com este tema. São sugestões de questões para serem investigadas em futuras pesquisas, de forma mais aprofundada e específica.

A presente dissertação é em um estudo aprofundado e longitudinal de cinco casos de casais adultos, selecionados aleatoriamente de uma amostra maior existente, que passavam pela transição para a parentalidade. Desta forma, as conclusões aqui referidas não são passíveis de generalizações. Entretanto, pode-se pensar que são considerações relevantes com relação à transição para a parentalidade e à conjugalidade, uma vez que emergiram de um estudo aprofundado e longitudinal.

Os apontamentos aqui realizados mostram-se relevantes também para outras áreas da Psicologia, além da Psicologia do Desenvolvimento. Acredita-se que a Psicologia Clínica pode fazer uso das considerações apresentadas por esta dissertação no atendimento a casais, famílias e indivíduos. Os apontamentos feitos são também importantes para a área da prevenção em Psicologia. Casais que pretendem ter seu primeiro filho poderiam ser beneficiados pelo auxílio de profissionais especializados. Neste sentido, poder-se-ia realizar avaliações com os mesmos a fim de analisar a sua conjugalidade ou, ainda, de propor um tratamento com respeito às mudanças previsíveis que a transição provoca, minimizando suas dificuldades. Certamente, essa possibilidade facilitaria aos casais a transição para a parentalidade, assim como a preservação de sua conjugalidade.

REFERÊNCIAS

- Anderson, S. A., Russel, C. S., & Schumm, W. R. (1983). Perceived Marital Quality and Life-Cycle Categories: A Further Analysis. *Journal of Marriage and the Family*, 45, 127-139.
- Andolfi, M. e Angelo, C., (1985) *Tempo e Mito em Psicoterapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Anton, I. C., (2000) *A Escolha – Motivações Inconscientes – do Cônjuge*. Porto Alegre: Sagra-
dc Luzzatto.
- Bateson, G.; Jackson, D.; Haley, J.; e Weakland (1956) Toward a Theory of Schizofrenia. *Behavioral Science* 1, 251-54
- Bateson, G. (1972), *Steps to an Ecology of Mind*. Nova Iorque: Ballantine Books.
- Belsky, J. & Isabella, R. (1985) Marital and Parent-Child Relationships in Family of Origin and Marital Change Following the Birth of a Baby: A Retrospective Analysis. *Child Development*, 56, 342-349.
- Belsky, J., Spanier, G., & Rovine, M. (1983). Stability and Change in Marriage Across the Transition to Parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 45, 553-566.
- Belsky, J., Lang, M. E., & Rovine, M. (1985). Stability and Change in Marriage Across the Transition to Parenthood: a Second Study. *Journal of Marriage and the Family*, 47, 855-865.
- Bowen, M. (1991) *De la Familia al Individuo* Buenos Aires: Paidós
- Bradt, J. O. (1995). Tornando-se Pais: Famílias com Filhos Pequenos. Em B. Carter e M. McGoldrick (Orgs.). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar* (pp. 206-221). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Burchinal, M.; Cox, C.; Paley, B. & Payne, C. (1999). Marital Perceptions and Interactions Across the Transition to Parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 611-625.
- Calil, V. L., (1987) *Terapia Familiar e de Casal*. São Paulo: Editora Suminus.
- Caplan, G. (1980) *Princípios da Psiquiatria Preventiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Carter, B. e McGoldrick, M. (1995) *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Combrink-Graham, L. (1985). A Developmental Model for Family Systems. *Family Process*, 24 (2), 139-150.
- Corrêa, C. N. (2001). *A Transição do casal para a Parentalidade*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

- Cowan, C. P., Cowan, P. A., Hening, G., Garrett, E., Coysh, W., S., Curtis-Boles, H., & Boles, A. J. (1985). Transition to Parenthood: His, Hers, and Theirs. *Journal of Family Issues*, 6, 451-481.
- Crohan, S. E. (1996). Marital Quality and Conflict Across the Transition to Parenthood in African American and White Couples. *Journal of Marriage and the Family*, 58, 933-944.
- Deal, J., Hagan, M., Bass, B., Hetherington, E. & Clingempeel, G. (1999). Marital Interaction in Dyadic and Triadic Contexts: Continuities and Discontinuities. *Family Process*, 1 (38), 105-115.
- Dessen, M. A. (1994) Interações e Relações no Contexto Familiar: Questões Teóricas e Metodológicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2 (10), 213-220.
- Duvall, E. M. (1977). *Marriage and the Family Development*. Philadelphia: Lippincott.
- Emery, R. E. & Tuer, M. (1993) Parenting and the marital Relationship. Em T. Luster & L. Okagaki (Orgs.). *Parenting: an ecological perspective* (pp. 121-148). Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Frosch, C., Mangelsdorf, S. & McHale, J. (1998). Correlates of Marital Behavior at 6 Months Postpartum. *Developmental Psychology*, 6 (34), 1438-1449.
- Gottman, J. M. & Levenson, R. W. (1999). What Predicts Change in Marital Interactions Over Time? A Study of Alternative Models. *Family Process*, 2 (38), 143-157.
- Hackel, L. S. & Ruble, D. N. (1992). Changes in the Marital Relationship After the First Baby Is Born: Predicting the Impact of Expectancy Disconfirmation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 6 (62), 944-957.
- Hill, R. (1970). *Family Development in three Generations*. Cambridge, Mass.: Schenkman.
- Hintz, H. C. (1998). A Dinâmica do Casal. *III Congresso Brasileiro de Terapia Familiar – I Encontro Latino Americano – Rio de Janeiro, julho de 1998*.
- Huston, T. L. e Vangelisti, A. L. (1995). How Parenthood Affects Marriage. Em M. A. Fitzpatrick & A. L. Vangelisti (Orgs.). *Explaining Family Interactions*. (pp. 147-176). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A Construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lemaire, J. (1990) *La Pareja Humana: su vida, su muerte, su estructura*. México: Fondo de Cultura.
- Levy-Shiff, R. (1994) Individual and Contextual Correlates of Marital Change Across the Transition to Parenthood. *Developmental Psychology*, 4 (30), 591-601.

- Lewis, J. & Owen, M. (1995). Stability and Change in Family-of-Origin Recollections Over the First Four Years of Parenthood. *Family Process*, 34, 455-465.
- Lewis, J. (1988). The Transition to Parenthood: I. The Rating of Prenatal Marital Competence. *Family Process*, 27, 149-165.
- Lewis, J. (1988) The Transition to Parenthood: II. Stability and Change in marital Structure. *Family Process*, September (27), 273-283.
- Lopes, R. C. S. & Castoldi, L. (1998). *Entrevista com o Casal sobre sua História*. Instituto de Psicologia - UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Lopes, R. C. S. & Menezes, C. C. (2000). *Entrevista com o Casal com Bebê de Dezoito Meses*. Instituto de Psicologia - UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Luster, T. & Okagaki, L. (1993) Multiple Influences on Parenting: Ecological and Life-Course Perspective. Em T. Luster & L. Okagaki (Orgs.). *Parenting: na ecological perspective* (pp. 227-250). Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Miermont, J. (1994) *Dicionário de Terapias familiares: Teorias e Práticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. (1982) *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (1998). *Terapia Familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1998a). *Ficha de Contato Inicial*. Instituto de Psicologia - UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1998b). *Entrevista de Dados Demográficos do Casal*. Instituto de Psicologia - UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1998c). *Consentimento Informado*. Instituto de Psicologia - UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1999a). *Entrevista com o Casal com Bebê de Três Meses*. Instituto de Psicologia - UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L.; Gianlupi, A. G. & Ribeiro, L. S. (1999b). *Entrevista com o Casal com Bebê de Oito Meses*. Instituto de Psicologia - UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.

- Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Averbuch, A. R.; Castoldi, L. & Gianlupi, A. G. (2000). *Entrevista com o Casal com Bebê de Doze Meses*. Instituto de Psicologia - UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Pittman, F. (1994). *Mentiras Privadas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rogers, R. (1960). Proposed Modifications of Duvall's Family Life Cycle Stages. *Paper presented at the American Sociological Association Meeting*. New York.
- Solomon, M. (1973). A Developmental Conceptual Premise for family Therapy. *Family Process*, 12, 179-188.
- Stake, R. E. (1994) *Handboock of Qualitative Research*. Londres: Sage.
- Stern, D. N. (1997) *A Constelação da Maternidade: o Panorama da Psicoterapia pais/bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Szejer, M. e Stewart, R. (1997) *Nove Meses na Vida de uma Mulher: uma aproximação psicanalítica da gravidez e do nascimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Turkenicz, A., (1995) *A Aventura do Casal: Uma Abordagem Teórico-Clinica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Veroff, J., Sutherland, L., Chadiha, L. & Ortega, R. (1993). *Journal of Social and Personal Relationship*, 10, 437-457.
- Vondra, J. & Belsky, J. (1993) Developmental Origins of Parenting: Personality and Relationship Factors. Em T. Luster & L. Okagaki (Orgs.). *Parenting: na ecological perspective* (pp. 1-34). Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Von Bertalanffy, L. (1972) General Systems Theory: a Critical Review. Em Beishon, H. e Peters, G. (ed.). *Systems Behavior*. Londres: Open University Press.
- Watzlawick, P.; Beavin, J.; e Jackson, D. (1971) *Teoria de la Comunicación Humana – Interacciones, Patologías y paradojas*. Buenos Aires: Editorial Tiempo Contemporaneo
- Whitaker, A. (1990), *Dançando com a Família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Wilkinson, R. B. (1995) Changes in Psychological Health and the marital Relationship Through Childbearing: Transition or Process as Stressor? *Australian Journal of Psychology*, 4 (47), 86-92.

ANEXOS**ANEXO A****Ficha de Contato Inicial**

(Piccinini, Lopes, Castoldi, Averbuch, Gianlupi & Ribeiro, 1998a)

Nome da mãe:

Escolaridade:

Trabalha? () Sim () Não O que faz?

Horas/semana:

Esta é a tua primeira gravidez?

Com quantos meses tu estás?

Como está a tua saúde?

Quantos anos tu tens?

O pai do bebê vive contigo?

Há quanto tempo?

Como é o nome dele?

Qual é a idade dele?

O que ele faz? Qual é a escolaridade dele?

Ele tem outros filhos?

Qual o bairro que tu moras?

Cidade:

Telefone:

Data da entrevista:

Data prevista para o nascimento do bebê:

ANEXO B

Entrevista de Dados Demográficos do Casal

(Piccinini e cols., 1998b)

Eu gostaria de ter mais algumas informações sobre você e o seu marido:

Esposa:

- Nome:.....
- Data de Nascimento:.....
- Idade:
- Escolaridade (ano concluído):.....
- Religião:Praticante: () sim () às vezes () não
- Estado Civil: () casada () separada () solteira () viúva () com companheiro
- Moras com o pai do bebê? () sim () não. Desde quando?
- Quem mais mora na casa?
- Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregada. Desde quando?
- O que tu fazes(ias)?Horas/semana:
- Grupo étnico:.....
- É a tua primeira gravidez?.....(Se não for) Tens outros filhos?.....
- Com quantos meses tu estás?.....
- Como está a tua saúde durante a gravidez?.....

Marido:

- Nome.....
- Data de Nascimento:.....- Idade:
- Escolaridade (ano concluído):
- Religião:Praticante: () sim () às vezes () não
- Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregado. Desde quando?.....
- O que tu fazes (ias)?.....Horas/ semana:.....
- Grupo étnico:.....
- Tens outros filhos?.....

Endereço para contato:.....

Cidade:.....CEP.....Telefone.....

Telefone do emprego/contato:

Esposa:.....Marido:.....

Telefone de parente/amigo para contato:.....

ANEXO C**Consentimento Informado**

(Piccinini e cols., 1998c)

Pelo presente Consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e da justificativa do presente Projeto de Pesquisa, que busca investigar a interação pais-bebê.

Tenho o conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa; terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento dispensado nesta instituição.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a minha privacidade.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente desta pesquisa, a utilização das imagens realizadas com meu bebê.

O pesquisador responsável por este Projeto de Pesquisa é o Dr. César Augusto Piccinini, que poderá ser contatado pelo Tel: 3330 95 07.

Data: / /

Nome e assinatura do participante: _____

ANEXO D**Entrevista com o Casal sobre sua História**

(Adaptada de Veroff, Sutherland, Chadiha & Ortega, 1993, por Lopes, R. C. S. & Castoldi, L., 1998).

Nome da gestante:...

Nome do marido:...

Data da entrevista:...Entrevistador:...

“Eu gostaria que vocês me contassem a história do seu relacionamento, desde que vocês se conheceram até como pensam a vida no futuro. Eu não tenho perguntas para fazer. Apenas gostaria que me falassem da sua vida juntos, como se fosse uma história, com um início, um meio e um fim. Vocês não precisam concordar sobre a história, eu vou escutar o que os dois falam. Falem da forma que for mais fácil para vocês...”.

(Caso não fique explícito, retomar os seguintes tópicos):

Vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como vocês se conheceram;
- O que levou vocês a se interessarem um pelo outro;
- Até quando vocês viveram com os pais de vocês;
- Como foi a saída da casa dos pais;
- Como foi a decisão de morarem juntos;
- Como foi o início da vida a dois, logo a pós a união;
- Como está sendo a vida a dois agora;
- O que vocês esperam para o relacionamento do casal no futuro.

Vocês gostariam de acrescentar mais alguma coisa?

ANEXO E

Entrevista com o Casal com Bebê de Três Meses**(Piccinini e cols., 1999a)****1. Eu gostaria que vocês me contassem como tem sido a vida de vocês desde que o bebê nasceu...***(Caso não tenham mencionado):* vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Era como vocês imaginavam?
- O que mudou nos planos de vocês?
- Em que coisas vocês discordam quanto aos cuidados com o bebê?

2. Vocês poderiam me descrever um dia de semana, desde a hora em que vocês acordam até que o último de vocês vai dormir...*(Caso não tenham mencionado):* vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante a semana?
- Como tem sido o relacionamento do casal?

3. Vocês poderiam me contar, agora, como tem sido o final de semana da família?*(Caso não tenham mencionado):* vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante o final de semana?
- O que muda na rotina da família no final de semana?
- Vocês assumem tarefas diferentes nos cuidados do bebê?
- Quais as atividades de lazer da família? Vocês costumam sair ou ficar em casa?

ANEXO F

Entrevista com o Casal com Bebê de Oito Meses**(Piccinini e cols., 1999b)****1. Eu gostaria que vocês me contassem como tem sido a vida de vocês desde que o bebê nasceu...***(Caso não tenham mencionado):* vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Era como vocês imaginavam?
- O que mudou nos planos de vocês?
- Em que coisas vocês discordam quanto aos cuidados com o bebê?

2. Vocês poderiam me descrever um dia de semana, desde a hora em que vocês acordam até que o último de vocês vai dormir...*(Caso não tenham mencionado):* vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante a semana?
- Como tem sido o relacionamento do casal?

3. Vocês poderiam me contar, agora, como tem sido o final de semana da família?*(Caso não tenham mencionado):* vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante o final de semana?
- O que muda na rotina da família no final de semana?
- Vocês assumem tarefas diferentes nos cuidados do bebê?
- Quais as atividades de lazer da família? Vocês costumam sair ou ficar em casa?

ANEXO G**Entrevista com o Casal com Bebê de Doze Meses**

(Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Castoldi, L.; Averbuch, A. R. & Gialupi, A. G., 2000)

1. Eu gostaria que vocês me contassem como tem sido a vida de vocês desde que o bebê nasceu...

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Era como vocês imaginavam?
- O que mudou nos planos de vocês?
- Em que coisas vocês discordam quanto aos cuidados com o bebê?

2. Vocês poderiam me descrever um dia de semana, desde a hora em que vocês acordam até que o último de vocês vai dormir...

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante a semana?
- Como tem sido o relacionamento do casal?

3. Vocês poderiam me contar, agora, como tem sido o final de semana da família?

(Caso não tenham mencionado): vocês poderiam me falar um pouco mais sobre...

- Como tem sido o relacionamento de vocês três durante o final de semana?
- O que muda na rotina da família no final de semana?
- Vocês assumem tarefas diferentes nos cuidados do bebê?
- Quais as atividades de lazer da família? Vocês costumam sair ou ficar em casa?

4. Como foi o aniversário de um ano?

ANEXO H**Entrevista com o Casal com Bebê de Dezoito Meses**

(Lopes, R. C. S & Menezes, C. C., 2000)

Inicialmente se faz uma introdução ao assunto do casal. Por exemplo: “Agora o bebê de vocês está com um ano e meio, está maior, a gente queria saber como estão vocês dois, o casal. Então agora nós vamos conversar um pouco sobre isso.

Entrevista:

1) Como está o relacionamento de vocês dois com o bebê?

2) Como está o relacionamento do casal neste momento da vida de vocês?

Vocês têm algum momento só para vocês dois? Quando?

Com que frequência isto acontece?

O que vocês fazem? Como é?

Quem teve a idéia de deixar este tempo para vocês dois?

Com quem o bebê fica? Como vocês se sentem? (obter a resposta de cada um). E como o bebê fica?

3) Considerando este momento da vida de vocês, que casal vocês admiram e gostariam de seguir como modelo? E que casal vocês não admiram e não gostariam de seguir como exemplo? (obter resposta de cada um).

4) Como vocês acham que os pais de vocês eram com você quando vocês tinham a idade do seu bebê? (obter resposta de cada um).

5) Como vocês acham que era o relacionamento dos seus pais como um casal? (obter resposta de cada um).

ANEXO I

A tabela 1 é descritiva e se refere aos números totais das interações comunicacionais estabelecidas pelos casais nas diferentes etapas consideradas no estudo, os quais são apresentados através de seus valores relativos (porcentagens) e brutos.

Tabela 1. Frequências e Proporções das Interações Comunicacionais Estabelecidas pelos Cinco Casos nas Etapas Consideradas: Gestação e 3º, 8º, 12º e 18º mês do Bebê.

CASO	CATEGORIA	ETAPAS					TOTAL
		Gestação	3º Mês	8º Mês	12º Mês	18º Mês	
1: Tais e Lucas	Todas	11,4% (19)	18,7% (31)	40,4% (67)	19,3% (32)	10,2% (17)	100% (166)
	Apoio	17	20	44	23	11	69,3% (115)
	Conflito	0	3	10	8	3	14,5% (24)
	Não-Apoio	2	8	13	1	3	16,2% (27)
2: Aline e Vitor	Todas	5% (7)	38,3% (54)	35,5% (50)	18,4% (26)	2,8% (4)	100% (141)
	Apoio	6	44	42	24	4	85,1% (120)
	Conflito	1	10	5	1	0	12% (17)
	Não-Apoio	0	0	3	1	0	2,9% (4)
3: Camila e Júlio	Todas	15,4% (4)	34,6% (9)	38,5% (10)	3,8% (1)	7,7% (2)	100% (26)
	Apoio	4	9	8	1	1	88,5% (23)
	Conflito	0	0	2	0	1	11,5% (3)
	Não-Apoio	0	0	0	0	0	0% (0)
4: Rosa e Luiz	Todas	6,9% (10)	40,3% (58)	18,8% (27)	24,3% (35)	9,7% (14)	100% (144)
	Apoio	8	52	26	34	14	93% (134)
	Conflito	0	5	1	1	0	4,9% (7)
	Não-Apoio	2	1	0	0	0	2,1% (3)
5: Michele e Walter	Todas	19% (44)	23,4% (54)	20,8% (48)	26,8% (62)	10% (23)	100% (231)
	Apoio	32	52	40	53	23	86,6% (200)
	Conflito	4	2	3	4	0	5,6% (13)
	Não-Apoio	8	0	5	5	0	7,8% (18)